This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

9.8
cp
94

A 859,024

Theop. Braga

CONTOS PHANTASTICOS

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DAS MELHORES OBRAS
DOS
ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

Romances, Contos, Viagens, Litteratura, etc., etc.

**Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas,
em corpo 8 ou 10, excellente edição em optimo papel
Preço de cada volume 200 réis brochado,
ou 300 réis elegantemente encadernado em percaline
Para as provincias accresce o porte do correio.**

Volumes publicados

N.º 1 *Tristezas á Beira-Mar,* romance de P. Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar,* por Julio Cesar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen,* romance de Merimée, traducção de Mariano Level, 1 vol
N.º 4 — *A feira de Paris,* por Iriel, 1 vol.
N.º 5 — *A mascara vermelha,* romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha,* trad. de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza,* romance por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite,* romance phantastico por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do Vice-Rei,* romance historico por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria,* por A Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra de artista,* romance por Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores,* contos por Trindade Coelho.
N.º 13 e 14 — *A aventura d'um polaco,* romance por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim,* por Rodrigo Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida,* contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra,* romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 18 e 19 — *Em segredo,* romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.º 20 e 21 — *A Irmã da Caridade,* por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves, 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas da Historia Portugueza,* por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes,* por A. Campos, 1 vol.

Publica-se um volume por mez.

Requisições á Livraria do editor Antonio Maria PEREIRA
60, 59 — *Rua Augusta* — 52, 54, LISBOA

E. UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

A INGLATERRA DE HOJE

(CARTAS D'UM VIAJANTE)

POR

OLIVEIRA MARTINS

1 vol. br. 600 réis. Encad. 800 réis. Pelo correio 640, ou 850 réis

---

OS SIMPLES

NOVO POEMA LYRICO

POR

GUERRA JUNQUEIRO

1 volume brochado, 700 réis. Com uma linda encadernação, 950 réis

---

O PIANO

ROMANCE DA ACTUALIDADE

POR

CARLOS FARIA

1 vol. com gravuras, br. 500 réis. Elegantemente encadernado, 800 réis

---

O GRANDE CIRCO

GRANDE ROMANCE DE SENSAÇÃO

POR

GERVASIO LOBATO

1 vol. de quasi 600 paginas, br. 700 réis. Encad. 900 réis

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 25.° Volume

Contos phantasticos

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

THEOPHILO BRAGA

CONTOS PHANTASTICOS

SEGUNDA EDIÇÃO
CORRECTA E AMPLIADA

LISBOA
Livraria de Antonio Maria Pereira, Editor
50 — RUA AUGUSTA — 54
1894

869.8
B8cp
1894

7HH13-176

PRELIMINAR

(DA 2.ª EDIÇÃO)

VAE para trinta annos que estão publicados os *Contos phantasticos*. Em boa verdade, nunca mais passei os olhos por este livro, que me apparece agora como obra de um extranho. Não tornei a lêr esses contos, não por um affectado desdem pela minha obra, desdem que condemno em todo o escriptor que se não preoccupa com a coordenação definitiva dos seus trabalhos, mas porque este pobre livro ficára ligado a impressões dolorosas cuja renovação evitava.

Foram reunidos em volume em 1865 os *Contos phantasticos* no meio das refregas da conhecida *Questão de Coimbra;* publicára a maior parte d'elles no *Jornal do Commercio*, em cuja collaboração litteraria auferia uns tantos réis com que ia seguindo o meu curso na Universidade. De repente achei-me cercado de odios; cortaram-me os viveres na empreza do jornal, nas aulas de Direito tiraram-me a mesquinha distincção academica, os criticos espalmaram-me rudemente, os livreiros recusaram-se a dar publicidade ao que escrevia, e os patriarchas das lettras com o peso da sua auctoridade sorriam com equivocos sobre o meu valor intellectual, chegando a circularem lendas depressivas do meu caracter e costumes que só consegui desfazer

com uma vida ás claras e cheia de ignorados sacrificios. Outro qualquer ter-se-hia rendido.

Vi-me forçado a inverter as bases da minha existencia, abandonando a Arte que me seduzia, porque me abandonara a serenidade contemplativa, e lancei-me á critica, á erudição, á sciencia, á philosophia. N'este campo os meus erros e exageros bem merecem ser perdoados. Só muito tarde é que consegui conciliar em mim estas duas tendencias do espirito; mas não pensava em reimprimir os *Contos phantasticos*, a não sêr um dia em uma collecção de cousas avulsas constituindo a ingenua miscellanea das minhas *Juvenilia*.

Uma carta do meu bom amigo Antonio Maria Pereira surprehendeu-me, manifestando o desejo de fazer uma nova edição d'estes *Contos*. Como recusar-me a uma tão honrosa proposta?

Resalvei a condição de revêr isso de que nem já formava ideia. Foi assim que tive de lêr os *Contos phantasticos*, do rapaz de vinte e dous annos que existiu em mim, e a frio pude julgar da impressão por elles produzida. Achei ali uma fraca penetração do mundo subjectivo ou moral, encoberta com o esforço das comparações poeticas e dos epithetos; desgostou-me o estylo em que a prosa se confunde com o verso, — apresentando ainda a falta de nitidez de quem não pensa com segurança; e emquanto ao drama da vida, que é o thema eterno das obras de arte, notei tambem pouco movimento, as situações são narradas em vez de succedidas.

O que salva então o livro?

Uma pequena cousa, que é tudo, — a paixão. Ao fim de trinta annos ainda achei ali calor, a ardencia de um organismo que se queima, a vibração sensorial de uma mocidade plena que se lança de peito aberto ao combate da vida.

Foi esta paixão flagrante que fez com que esses Contos não ficassem esquecidos no *Jornal do Commercio* de 1865; *voltando* então de umas ferias para Coimbra, felicitou-me

Eça de Queiroz, affirmando-me que nos cafés em Lisboa cortavam-se os folhetins, quando traziam algum conto meu. N'esse mesmo anno José Fontana quiz publical-os em um livro, que seguiu o seu fadario, sendo o mais glorioso o andar na algibeira do celebre engenheiro João Evangelista, que morreu devorado por uma violenta paixão amorosa. O pequeno livro estava na mesma afinação da sua alma. Cartas, que ainda guardo, me fallaram da impressão de um ou outro conto, por esse tempo.

Tudo isto me lembrou ao sentir que effectivamente o fogo que ha n'esses mesquinhos quadros se communica. E n'este dilemma dos dois amores, em qne ainda se debate o espirito, attrahido para a arte e seduzido pela sciencia, hoje repassando as paginas d'este livro, é com uma certa piedade saudosa que o deixo reviver na publicidade, e lhe inscrevo com a frieza do Qualificador inquisitorial: *Feitas as emendas necessarias póde correr.*

Fevereiro de 1894.

THEOPHILO BRAGA.

Alberto Moraes Coimbra 1894

As azas brancas

I

SEMPRE o mesmo olhar doloroso! uma constante expressão de magoa, esse abandono, que é o tedio da vida! Porque é que na flôr dos annos, quando a existencia se purpurêa com todas as graças que se entrevêem apenas em sonho e se veste das alegrias que a rodeiam, como uma criança enfeitando-se distrahida com as florinhas espontaneas, tu, bella, sentida, deixas reflectir pela transparencia da tua face pura um clarão pallido e incerto como de agonias e desespero, como a phosphorecencia de um grande mar que estúa? Diante de ti sente-se uma oppressão estranha, a mudez sagrada de uma grande floresta, o terror gélido, de quem entra na caverna de uma sibylla. Porque é que os teus vinte annos, as fórmas arre-

batadoras do teu flexuoso corpo de sylphide, que verga pela dôr, mais languido e gentil do que a palmeira solitaria embalada nas bafagens mornas vindas da amplidão remota do deserto, como é que toda esta adolescencia, que te cinge como auréola de encanto e attractivos, me faz ter medo de ti, me prende a voz temerosa e balbuciante, que ousa ás vezes perguntar-te:

D'onde vieste? Em que scismas? Que véo te acena e está chamando de longe? Porque te escondes dos olhos que choram de vêr-te assim desolada, na consternação de uma angustia intraduzivel por palavras humanas? Porque não fallas, e nos contas o que soffres? Porque te deixas ficar horas esquecidas com a mão firmada ao rosto, suspensa n'uma contemplação divina, irradiante, de um modo, que ninguem ousa dizer se és da terra, se és a incarnação de alguma essencia archangelica que anda errante no mundo a sanctificar o amor no soffrimento?

II

A's vezes o teu semblante, onde se póde lêr um enigma que se não destrinça, tem a lividez de cera, e a claridade que parece conter em si o jaspe. Então julgo vêr-te uma santa, sob o aspecto de penitente que acha em cada successo da vida uma tentação occulta nas apparencias mais risonhas, no folguedo mais descuidado e innocente, do

mesmo modo que o áspide se esconde no alegrete das mais perfumadas flôres ou o somno lethal na sombra da mancinella verdejante e copada, aberta ao sol, como uma escrava sustentando a umbella com que abriga do rigor das calmas a voluptuosa odalisca.

Os vinte annos são a alegria, a innocencia, a expansão; ainda não viveste bastante para provar o travo amargo da vida, não sabes conhecer a tormenta que ha de vir pela nuvem que negreja, nem a bonança pelo santelmo, nem os parceis pelo refluxo da vaga marulhosa, nem o porto pelo perfume embalsamado da terra. Tu passas na vida como um meteoro fulgurante que não procura aonde irá caír, como uma creatura somnambula que não vacilla, não hesita diante do abysmo que transpõe, nem deixa possuir-se da attracção irresistivel porque a desconhece. A vida é assim para ti; passas despreoccupada do mundo, levada na ondulação saudosa d'essas vozes interiores que te segredam mysterios indefiniveis que fazem sentir o desejo de voar para o alto, até perder-se no azul.

Os teus cabellos, quando os deixas cair destrançados sobre os hombros de marfim, agitados pela brisa vespertina que vem confidenciar comtigo á janella, que olha para o occidente, esses cabellos louros, extensos, são como as cordas de uma harpa, em que as imagens incoerciveis de teus pensamentos vêm fallar do céo, do amor, no frémito ligeiro, quasi imperceptivel das vibrações que só tu comprehendes.

Consternada e muda como uma estatua, a Niobe grega, o teu silencio incute uma sublimidade prophetica; parece guardar a impressão do sêlo mais tremendo do Apocalypse, — a missão da mulher forte.

III

Quem sabe se é o amor que a transporta assim para as solidões, como a pomba que vae esconder-se na rocha alcantilada? O amor que esmalta a vida de harmonias e encantos, que acorda as virações para levarem longe o pollen fecundante, que abre o calyce das flores para as abelhas tocarem os nectarios deliciosos, que une o gemido do regato trepido com o ruido, brando que adormece, do canavial que orna as margens sinuosas? O amor é um amplexo, a identificação; como poderia divorcial-a com a vida, mudar a sua alegria em uma tristeza que é como o presentimento do sepulchro? Aquelle segredo incommunicavel opprime, aterra como a sphinge propondo o enigma.

Ella cada vez andava mais desfallecida, pendia de cansaço, offegava; mas procurava illudir os disvelos da familia com um vigor que não tinha, como succede ao naufrago quasi a afferrar a terra, de que a ressaca da onda o afasta, e que hesita se deve luctar mais tempo, se deixar-se engulir nas voragens do oceano. Gravitaria ella em volta *de um mundo* em que procurasse absorver-se, e

a vida da terra, de cá, fosse como o refluxo que a impellia para longe? Pobre flôr, que se debruça nas bordas da sepultura, será uma illusão quanto a sua alma ingenua sente? Serão uma mentira todas as harmonias que se modulam lá dentro? O tapiz verde da relva fresca, lubrica, que a chama para vir doidejar ali n'um volteio feérico, febril, esconder-lhe-ha o lodo de um charco estagnado que a ha de engulir para sempre?

Tenho medo de vêl-a assim, com os olhos fitos no horisonte, n'essa morbidez do extasis; a vertigem póde sacudil-a, e precipitar-se, como a borboleta prateada e indiscreta. A sua alma eleva-se para o céo; porque vôa tão cedo para cima a nevoa da madrugada, de uma alvura nitente? A andorinha quando parte, vôa na aza da rajada hybernal que a arrebata.

Mas o mundo acariciou-a sempre; porque se esconde pois e foge d'elle? Será a reminiscencia viva do foco de luz d'onde saiu, que lhe inspira tamanha anciedade, e lhe abre n'alma uma saudade vivissima, que mata? A's vezes está tranquilla, immovel, como quem escuta a toada de um concerto mavioso que embala e com que se adormece. Oh, quem ousará despertal-a? Seria perturbar a crystalisação de uma gota de orvalho que se transforma em perola. Outras vezes tem o olhar pavido, firme, de quem contempla e pasma ante uma visão immensa e augusta. Que apparição risonha virá fallar-lhe? Eros, na solidão remota da noite? Será o desejo de vêl-o, o des-

alento do impossivel, que a fazem reconcentrar assim n'essa dôr? Uma lagrima era a gota do oleo aromatico da alampada escondida; em vez de fazel-o desapparecer, envolto na nuvem branca e etherea, a lagrima trazel-o-hia como um grande astro que attrae após si myriades de planetas.

IV

A tarde declinava amena, festiva, com o ultimo lampejo de graça que deixa presentir já a melancholia do outomno. Emma ergueu-se da mesa; o rosto estava deslumbrante de transfiguração, possuida do sentimento do infinito, que lhe dava uma expressão sobrehumana, excelsa, que se não podia fitar, similhante á *Seraphita* enlevada nas illuminações swedenborgianas, ao transpôr os precipicios icarios, inaccessiveis dos *fiords* da Norwega.

N'aquella tarde parecia oppressa por uma angustia mais intima. Segui-a, queria admiral-a na altura a que se remontava, queria que me fizesse herdeiro do seu manto prophetico, no instante em que se librasse no carro de fogo, como Elias. E ella era bem a prophetisa do deserto. Approximei-me. Estava serena e placida, como quem mergulhára no oceano da contemplação. De mais perto vi que dormia, com um somno hypnotico. Ficára-lhe um sorriso estampado nos labios; parecia o involucro de uma chrysalida mysteriosa;

a borboleta voára para a luz, abandonára-o na terra.

Conservava então um livro sobre o regaço; a mão inerte repousava sobre a pagina. Um leve signal notava uma phrase profunda em que a alma se lhe absorvêra: «*Um anjo está presente a um outro, quando elle o deseja*»

Procurei vêr de quem era o livro. Era escripto por Swedenborg, o patriarcha dos theosophos do norte, o que levou mais longe as relações com o mundo invisivel. O livro intitulava-se: *A sabedoria angelica da omnipotencia, omnisciencia, omniprezensa dos que gosam a eternidade, a immensidade de Deos.*

Emma acordou de subito. Senti um estremecimento de terror, começava a comprehender a sua solidão. Eu mesmo tinha estudado a *segunda vista*, colligido alguns phenomenos de suggestão que se passavam no meu espirito, conseguira por uma excitação nervosa perenne a hypnotisação voluntaria.

V

Tambem no livro *De varietate rerum* descreve Jeronymo Cardan a faculdade que tinha de experimentar o extasis espontaneo, e de tornar objectivas as imagens creadas na sua mente: «Quando eu *quero*, vejo o que me apraz, e isto não só com o espirito, mas com os olhos, com essas

imagens que eu via na minha infancia. Mas agora creio que ellas são o resultado de minhas occupações. É certo que nem sempre possúo esta faculdade, comtudo não a tenho senão quando quero. As imagens que eu vejo estão sempre em movimento; é assim que vejo as florestas, os animaes, os diversos paizes e tudo quanto eu querò vêr. Creio que a causa de todos estes effeitos está na actividade da minha imaginação e n'uma vista penetrantissima. Desde a minha infancia tinha de commum com Tiberio Cesar o poder vêr na obscuridade mais profunda, como em pleno dia. Porém não conservei muito tempo esta faculdade. Apesar d'isso vejo ainda alguma coisa, postoque não posso distinguir bem o que vejo; e attribuo este effeito ao calor do cerebro, á subtileza dos espiritos vitaes, á substancia do olho, e á energia da imaginação.» (Lib. IV c. 43.)

É esta uma qualidade vulgarissima nos povos do norte, principalmente os insulares, conhecida sob a denominação de *Second sight*. Ahi a imaginação tendo pouca variedade de paizagem que a fecunde, volta sobre si o que ha edificado e exagera-lhe as proporções. Por isso as theogonias do norte são terriveis. As avalanches suspensas a precipitarem-se, os nevoeiros diffundidos por toda a parte como um sudario immenso e frio, a aurora dos polos a desdobrar-se esplendida, tudo faz sonhar de um mundo phantastico, escutar essas toadas vagas, indefiniveis dos espiritos que se annunciam pelo ressoar de uma harpa longin-

qua. O dom da visão é commum; é assim na ilha de Ferroë. Que virgens se não ostentam n'uma apparição repentina, e que o vidente procura, sem nunca mais poder encontral-as! Balzac, o observador sem egual do coração, sentiu toda a poesia do norte no poema de *Seraphita;* é um mysterio, o enlace da philosophia e da poesia, um extasis indecifravel de Swedenborg, contemplado nas *fiords* da Norwega. O delirio de *Seraphita* é o problema incessante da percepção immediata; o seu amor é mais puro que o ideal de Dyotima, é elle que lhe dá a *segunda vista.*

Taishatrim e *Phissichin* são os nomes que em lingua gaëlica se dão aos que tem esta faculdade. Os factos observados são innumeros, o seu estudo é dos nossos dias. Kant combateu a doutrina visionaria de Swedenborg, mas não attendeu que este phenomeno physico era todo sentimental; viu no patriarcha dos videntes do norte um impostor. A vida exemplarissima de Swedenborg é um desmentido completo e irretorquivel aos argumentos d'esta ordem.

Como explicar a inspiração continua, a *segunda vista?* A alma paira entre dois mundos — o physico com que se relaciona pelos sentimentos, o psychico com que se relaciona pelos presentimentos; se é attrahida para o mundo dos corpos, predominam n'ella os instinctos, e as sensações, todas relativas, só lhe advém pela presença dos objectos; se a alma por um desejo vehemente se eleva do estado de *anima* ao de spiritus, os sen-

timentos desprendem-se do nexo das relações terrestres, e conhecem tudo independente das sensações pela representação subjectiva. É o que acontece aos poetas, cantando a belleza de fórmas não sonhadas, a reminiscencia de harmonias não ouvidas.

VI

Emma estava n'aquella tarde tão affavel! tinha por certo a consciencia de ir em breve completar-se na essencia de algum anjo. As suas fallas eram como suspiros. Lançou-me um olhar interrogativo, de quem temia fazer-me uma pergunta indiscreta. Eu desconhecia-lhe aquella affabilidade de seraphim, costumado a vêl-a sempre aéria, desdenhosa do mundo, radiante como na transfiguração do Thabor. Apertei as mãos d'ella entre as minhas, queria tirar um som d'este instrumento celeste, cujo segredo de harmonia era só percebido pelos anjos. Se podesse desferil-o, havia de perguntar-lhe o motivo de tanta tristeza, a intensidade d'essa dôr tão intima, tão espiritual, que se não póde exprimir na materialidade phonica da palavra. Ella adivinhou o meu desejo:

— Tens uma *vontade* energica? — perguntou-me quasi a medo e de um modo sybillino. Seria uma phrase abrupta para qualquer, e inintelligivel até; eu porém que devo á actividade só d'esta

faculdade tudo quanto sou, as grandes dôres, os impulsos irresistiveis, as glorias sonhadas, a realisação dos mais exiguos appetites, que a encontro na intensidade absoluta do *Fiat,* que é Deus, que a vejo nos grandes factos do espirito, a Religião, o Direito e a Arte: na religião manifestando-se emotivamente na fé; no direito, no accordo dos contractos individuaes; na arte, no ponto onde os gostos diversissimos se harmonisam, isto é o bello; eu, repito, comprehendi aquella interrogação na sua plenitude. E começava a conhecer mais o poder da *vontade* porque acabava de observar o resultado do acto em que a exercera.

Emma fitou-me com um olhar profundo; o semblante era magestoso e santo, como o frontispicio de uma cathedral da Edade média; as flexas, as linhas architectonicas a infinitivarem-se para o alto, eram os seus cabellos; o olhar, o olhar que me opprimia n'esse instante, era mysterioso como uma ogiva sombria. Tive o medo do neophyto, quando ouve mugir a caverna, e escoar-se a brisa gelida e olorante pela fenda do penhasco, e quasi que se esvae em terra sem sentidos, ao vêr attonito as convulsões do hierophante. Emma perguntou-me se eu cria nas relações com o mundo invisivel. Hesitei um instante, depois volvi:

—Creio, mas não as sei demonstrar por uma fórmula, que, embora refutavel, tenha valor philosophico. —Ella ouviu-me com o pezar e serenidade de uma joven esposa na sua viuvez, que

ouve o filhinho a perguntar-lhe pelo pae. Depois murmurou, encostando a face sobre o meu peito:

— És tão novo ainda, e porque matas em ti já o sentimento pela reflexão? A reflexão é fria, é terrena, não comprehende sem decompôr para recompôr. Como se ha de ella elevar ao simples, ao absoluto, que tem por attributo supremo a indivisibilidade? A luz, que é incoercivel, não se espelha na face quieta do lago? O sentimento é assim; só elle te póde levar além das relações e das contingencias. A substancia é unica; esta essencia d'ella é que prende pela unidade a multiplicidade dos attributos. Todas as vezes que te absorveres na unidade que te allia como attributo ou modo á substancia, entraste na essencia de todas as cousas, porque o simples que actua n'esse momento em ti, é o mesmo em que tudo existe. Vibra em ti a harmonia universal.

E continuou com palavras quasi imperceptiveis. Estava em extasis, no extasis da abstracção, como o sentia Newton quando determinava a essencia de uma ordem de factos complexos, na lei que havia ficar eterna, e a que havia imprimir o seu nome. Tive vontade de lançar-me por terra, diante d'aquelle espirito incomprehensivel; precipitava-me se ella me dissesse como satanaz, quando arrebatou Jesus ao pinaculo do templo: — *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

VII

Quando Emma saiu da sua mudez sublime, recostou-se sobre o meu hombro com uma graça infantil:

—Ainda não sabes porque ando triste? Olha, uma tarde, puz-me a escutar o murmurio de um regato; parecia-me ser uma musica interior. Tive vontade de saber o que dizia, de confidenciar com elle, de communicar minha alma, que aspirava n'uma sêde de amor. Ao trepidar mavioso da vêa crystallina, scismava, devaneiava, enleiada, embevecida. Adormeci. Pareceu-me então aquelle cicio, como de azas de um cherubim que baixasse a meu lado; via a claridade de alvura de suas róupagens longas, estava silencioso ao pé de mim. Mostrava a expressão da serenidade augusta, uma apparencia que consolava. Acordei, e o mundo affigurou-se-me um desterro, a vida um carcere, tinha uma impaciencia de voar, de fugir, o desejo irrepresivel de tornar a vêr o semblante risonho d'aquelle que me veiu mostrar o mundo intransitavel para a vida, como sarçal espinhoso. De outra vez appareceu-me, brilhante como Iahveh na sarça ardente. Era sempre silencioso. O amor emmudecia-me diante d'elle, quiz seguil-o na visão que se esvaecia lentamente, mas o corpo estava preso aos limos terrenos, como o cordeiro que se prende nas urzes do matagal. A ancia do extremo esforço des-

pertou-me. Foi assim que nasceu essa melancholia profunda, concebida diante do impossivel. Mais tarde conheci o mysterio da *vontade;* isolei-a em mim, para revocar o ente dos meus sonhos á realidade de um instante. Quasi que me abrasava na intensidade do querer. Elle appareceu-me mais triste. Perguntei-lhe se amava? Sorriu-se. Que era preciso para completarmos uma mesma essencia? o sorriso converteu-se em uma alegria doida, e disse-me vagamente — vôa da terra. Nunca mais tornou a visitar-me no desolamento em que vivo. A vida assim é o vegetar do lichen na humidade das lagrimas derramadas de hora em hora. Porque não hei de voar da terra?

VIII

Ouviu-se trindades n'esse instante; cerrava-se a noite, frigida; o luar vinha saudoso. Emma pediu-me para deixal-a só. Por alta noite via-se a luz derramar-se pela vidraça do seu quarto, luz viva, silenciosa, como da alampada do philosopho hermetico surprehendendo a natureza em algum dos seus segredos mais reconditos.

Emma lia no livro predilecto, que eu deparára aberto sobre o regaço. Pouco depois começou a alvorada. Quando o silencio era mais solemne e a natureza inteira parecia reconcentrar-se em santos mysterios, sentiu-se em casa um estrondo *surdo, como* o baque de um corpo morto, depois

o bracejar, de quem se debatia nas vascas do paroxismo. Ergueram-se á pressa, foram apoz o ecco. Era no quarto de Emma. Seria algum pezadello longo? A porta cedeu á promptidão do soccorro. Foram encontral-a em terra, morta, a pouca distancia do fogão, que saturava o ar ambiente de exhalações carbonicas. O corpo já estava frio; o rosto tinha a pallidez do marmore. A pouca distancia d'ella estava aberto o livro fatal das exaltações mysticas de Swedenbordg.

Lia-se esta phrase profunda:

«A innocencia dos céos produz uma tal im-«pressão na alma, que os que são affectados «d'ella guardam um transporte que lhes dura «toda a vida, como eu mesmo experimentei. Basta «talvez ter uma minima percepção para ser para «sempre *mudado*, para querer ir aos céos e en-«trar assim na esphera da Esperança.»

Seguiam-se outras palavras. Tive medo de lêr mais, porque começava tambem a sentir a seducção da melancholia e reconcentração subjectiva, que leva ao suicidio.

O véo

Tive apenas um amigo na infancia. Sinto abrir este conto com a minha personalidade; e, sem pretenções a *humorismo*, nem a estylo digressivo, conheço que a pessoa de um auctor inculcando-se na sua obra produz o effeito desagradavel, que o senso esthetico original de João Paulo nota no quadro em que o pintor agrupasse tambem a palheta, o cavallete e os pinceis. O valor da personalidade pouco é; os antigos comprehenderam-n'a perfeitamente, quando deram o nome de *persona* á mascara que o actor trazia para reforçar a voz. A personalidade que se toca, serve para o trato da rua; a individualidade, o caracter, revelado na vontade, são immanentes no livro, são o livro. Antes porém de fechar o parenthesis ahi vão algumas linhas sobre a pessoa do meu unico e primeiro amigo, um *alter ego*, ou *fidus* Achates, como di-

riam dois estudantes de selecta. Não nos démos de repente. Tinhamos o mesmo nome de baptismo, faziamos annos no mesmo dia, começámos a versejar ao mesmo tempo; a affinidade electiva entre nós não provinha d'estas coincidencias, nunca reparámos n'ellas; era uma amizade de terror, respeitavamo-nos. Na eschola fômos sempre antagonistas; quando passámos a estudar latim, ficámos surprehendidos ao vermo-nos algemados ao *hora, horæ*. Ainda os mesmos desforços, o mesmo orgulho. Então já nos consultavamos sobre alguma duvida de syntaxe, como de potencia a potencia. Mais tarde encontrámo-nos sobre o mesmo banco a ouvir as prelecções estupidas de logica, a logica que nos havia de tornar máos, capciosos, ergotistas. Já não nos temiamos, eramos amigos, tinhamos necessidade um do outro. Depois vieram as confidencias estreitar mais esta ffeição. Foi elle o primeiro a fazel-as. Não sei se era amor, compaixão ou cynismo a primeira aventura que me contou. Era assim:

«Eu tive uma prima, não sei em que gráo, culpa das subtilezas cononicas. A pobre criança possuia uma morbidez voluptuosa no olhar, não os tirava de mim. A côr morena dizia tão bem com as linhas nitidas da physionomia arabe, que ella sabia animar com um ár doloroso de uma melancholia expressiva, que se lhe reflectia na face! Eu ficara orphão de mãe e costumara-me a brincar sósinho; ella procurava-me na minha solidão, sentava-se junto de mim; o seu olhar incom-

modava-me. Mas tinha medo de fugir-lhe, doía-me esta indifferença e para disfarçal-a trepava acima das arvores carregadas de fructos do pomar onde passavamos o verão, e de lá deixava cahir aquelles que mais se douravam com os raios do sol de agosto, os que me expunham a maiores perigos. Ella aparava-os no regaço com a affabilidade com que se queria associar aos meus fôlguedos.

«Afinal teve vergonha de mim; córava, escondia a face entre as mãos, ficava pensativa e depois fugia-me. N'este tempo contava, eu algumas lições de desenho; os meus arabescos tinham uma frescura de innocencia, uma rudeza que parecia uma creação pura arte medieval. Eu tinha a monomania de esboçar cabeças. Não sei quem na familia, me pediu que fizesse o retrato d'ella. Fil-o. O caso deu-lhe uns longes de similhança, tive vergonha da verdade; quando ella me agradeceu com um sorriso timido, eu rasgava o papel com a crueldade de uma criança que brinca. Não a tornei a vêr n'aquelle dia, escondera-se a chorar. Não tinha culpa d'esta frieza brutal; a falta de carinhos perdidos logo no berço, a verdade d'esse verso eterno de Virgilio:

Est mihi pater domi et injusta noverca

tornaram-me taciturno, incredulo antes de tempo. Ás vezes obrigavam-me a brincar com ella. Uma vez fômos todos banhar-nos no Atlantico. A pobre criança tambem foi. As marés eram gigan-

tescas; era dia para mim de um orgulho immenso, gostava que me vissem nadar; mostrava uma superioridade minha. O acaso seguia-me o desejo. Uma onda envolveu no seu marulho a infeliz Branca; no refluxo levou-a comsigo. Desfalleceu de susto e foi levada pela vaga, como Ophelia na corrente. Quem sabe se ella no seu coração tecia alguma corôa para mim.

«Abracei-a pela primeira vez, impellido por uma força interior; sustive-a nos braços, estava fria, pallida. Quando abriu os olhos teve vergonha de mim; era já o pudor de senhora. Trouxe-a sem custo para a praia, e continuei em carreiras no dorso da vaga, que se encapellava. Fôra o meu primeiro passo para homem.

«N'esse mesmo dia brincámos, jogando o *anel*, um divertimento infantil, de que ainda guardo saudades. N'este folguedo de crianças o que tem o anel é sentenciado pelos demais a levar beijos e abraços, ou a dal-os, segundo o capricho. Tinha o anel a filha do feitor que brincava comnosco, Annita, uma rapariga de uma candura estreme. Branca pediu-lhe em segredo que ao percorrer a roda deixasse cair o anel entre as minhas mãos. Assim se deu. Um perguntava o que promettiam a quem tivesse o anel. Cada qual se lembrou de uma prenda innocente e insignificativa; Branca prometteu um beijo e um abraço muito apertado.

«Eu não devia contar-te mais, porque me sinto infame! Este beijo perdeu-a para sempre, como o *beijo de Paulo* e Francesca di Rimini. Branca foi

crescendo, tornou-se formosa á luz de uma esperança fugitiva, como a flôr de um vaso, quando recebe, ao estiolar-se, o calor ephemero do ultimo raio do sol da tarde. Quando ella me sorriu com amargura, e córou de sua queda, sorri tambem por compaixão, illudi-a. Que fazer, se eu era tão novo, inconsciente, e queria divertir-me, gosar o mundo?

«Uma vez tinha eu voltado pela ante-manhã de uma festa louca. Dormia a somno solto, prostrado pela fadiga, esgotado da orgia desenfreada. Senti uma mão fria passar-me de leve nas faces, acordei.

«Era ella! Appareceu desmaiada, como a vi uma vez ao luar silencioso, com uma côr que lhe realçava a candidez, e disse-me:

— «Vim vêr-te na despedida do tumulo. Desde que adoeci nunca mais me appareceste. O esquecimento é frio e pesado como a lagem sepulchral. Eu não queria dizer-te isto, não quero magoar-te; perdôa. Olha, hoje acordei de um sonho tão lindo! deu-me forças para levantar-me do leito e vestir-me de branco para vir contal-o a ti só. Como não choraria minha mãe que me vela se o soubesse! Não sei se velava, se dormia; minha alma parecia voar, suspensa n'uma como cadencia, vaga, quasi imperceptivel, confundia-se com ella até perder-se no céo. Acordei de subito; restava-me só a illusão. Olhei em roda; a alampadasinha tornava a solidão pungente, augusta; pavoroso o silencio do meu quarto. Co-

mecei a lembrar-me de ti, dos passados tempos; estava já na terra. Foi quando descobri a meu lado uma apparencia angelical, a falar-me de mansinho uma linguagem que eu mal entendia: que o Senhor o enviara para chamar-me. Eu não pude voar, voar com elle, e sinto agora que a alma me foge; venho dizer-te adeus.

— E o que lhe respondeste?

— Elle continuou:

«Disse-lhe que os sonhos mentiam sempre, que elles a matavam. — «Não são os sonhos que me matam, gemeu a desgraçada, é a realidade, a realidade. Bem o sabes, e esse que tudo vê. As recordações são para mim como um remorso. Que noites, que vigilias inteiras a pensar em ti! cada palavra tua, que eu decorava, era um poema de amor e esperança; ao repetil-as na mente diziam-me quanto a alma anceava, e mais ainda, mas enganaram-me sempre. Lembras-te d'aquella noite? Oh! meu Deus, meu Deus. Não sabes quanto me fizeste soffrer! Não conheceste a profundidade do golpe quando o descarregaste! Disseste-me essas palavras só para perder-me. E' impossivel que isto te não dôa? Quando me appareceste n'aquella noite era o luar tão sereno, tudo confidenciava comnosco. Estava adormecida quando chegaste. Depois de me estreitares nos braços e beijares as faces geladas pelo rociar da noite, porque sorriste de um modo incomprehensivel? Descobriste-me que não casavas commigo, que outro havia polluido a minha candura!

Era uma blasphemia brutal. Deixei-me cair em teus braços, sacrificando-te a virgindade para que a reconhecesses. Desde essa noite não me tornaste mais a amar. Illudi-te? Porque assim me fugiste? Uma lagrima só rehabilitava-te diante de Deus. E' tarde, muito tarde. Vim só para despedir-me e perdoar-te. Adeus.»

— E tu que lhe respondeste?

«Voltei-me sobre o outro lado, e continuei a dormir.

— Prosegue.

«Foi um pezadello atroz aquelle somno. Julgava-me em uma orgia immensa, na hora ominosa do sabbat nocturno. Um bando de mulheres volteava reunido em uma corêa desenvolta, n'um tripudio infernal, ao redor de um carvalho lascado pelos raios que se cruzavam a espaços na solidão e escuridade absoluta da noite. Dançavam como possuidas do mesmo furor que inspirava a corneta de Oberon. Quando eu ia mais arrebatado pelos requebros voluptuosos, enlaçado a um par ligeiro e flexivel, senti um leve suspiro a meu lado, que se perdeu nos áres. Era como o segredo de uma magoa que eu bem conhecia. Parei. Adormecera a ler uma ballada dos peregrinos do Rheno contada por Bulwer. Junto a mim descobri uma figura de mulher linda, etherea; o semblante tinha a serenidade de uma grande agonia que cauterisa, uma tristeza mais vaga do que a impressão de saudade que a lua desperta quando se reflecte n'uma lagoa quiéta. Era como um se-

raphim quando chora. Não pude olhal-a; a candura do seu antigo amor exprobrava-me o cynismo. A viração que ciciava não repetiria tão brandamente o que ella disse:

—«Não sabes como te amo ainda além da campa! o gelo do sepulchro não pôde apagar o fogo em que os teus olhos me abrazaram. Esqueci o teu desprezo para perdoar-te. Para que havia ter mais esse flagicio na eternidade? Que destino, que felicidade a nossa, que regosijo no céo, se não houvesses ludibriado este amor! Nossas almas absorver-se-hiam na essencia de um anjo, enlevadas n'um sonho de harmonia, até despertarmos no empyreo. Assim precipitaste-me na mansão das penas e soffrimentos, onde o meu espirito se apura. O amor terreno tenho-o expiado no fogo. Vês este cendal de alvura transparente? estava quasi a tornar-se brilhante de gloria! Pedi a Deus este momento tão breve para poder agora ver-te; o goso fugitivo de contemplar-te, a esperança de te achar triste, scismando em mim com pezar e saudade, a troco de mais cem annos de novos soffrimentos! Cem annos mais, depois de te encontrar nos braços de outras descuidado, rindo desvairado n'uma orgia dissoluta. Oh, mas eu não sei senão perdoar-lhe.» —E desappareceu-me, continuou elle, como um meteoro fugaz, quando passa nos céos, e deixa após si um rasto luminoso. Acordei.

«Em casa ouviam-se gritos, alaridos, como de *um successo* repentino e funesto. Fui a vêr. Dis-

seram-me que Branca desapparecêra. Cheguei a convencer-me da realidade do sonho, que um anjo a levára comsigo. Perguntei debalde. Passou-me pela mente um presentimento horrivel. Branca costumava ir sentar-se sobre uma rocha que se debruça sobre o mar, e em cujas furnas as vagas restrugem com um stridor surdo, como o anceio do ultimo esforço n'uma lucta desegual. Protegida pelo nevoeiro da madrugada, mais veloz que a ondina da mythologia slava, a pobre fôra saciar os pulmões ralados da febre lenta que a devorava. Houve quem a visse dependurada na aresta dos fraguedos, o véo branco que levava fluctuar ao vento, como n'um adeus de despedida. Ella sentira n'esse instante a attracção do abysmo, lembrou-se d'aquella tarde de agosto, em que eu a salvara, trazendo-a com um abraço á vida; quiz morrer com a recordação mais doce que levava do mundo. Precipitou-se. E o mar murmurava sereno e manso, como a embalar-lhe o seu ultimo somno.

«Comecei então a sentir uma paixão por ella, depois de morta; se a terra a tivesse escondido, eu a iria arrancar ao repouso sagrado da sepultura, beijal-a, animal-a com o fogo do meu delirio, despedaçal-a n'estes braços convulsos, e cair tambem inanime. Queria sentir bem junto do peito o contacto gélido de um corpo que eu tantas vezes apertei, das faces que eu devorava, quando ella se dava aos caprichos da minha vertigem. Havia n'este amor um pensamento de halucinado,

um tanto de selvagem, de monstruoso; impellia-me uma inquietação continua, sentia em mim um como ranger de puas do remorso, a voz que interroga Caim. Fugia, não queria consolações. Eu ia sentar-me tambem na rocha escarpada, a vêr o mar, procurando a serenidade que me inspirava a contemplação do sepulchro da minha amada. Vinha visital-o, á busca d'esse allivio de que fala o poeta do Oriente.

«Eram decorridos já tres dias, não se vira mais o corpo de Branca; o mar queria-o para si, mas eu tinha uma vontade fervente, absoluta, o desespero de tornal-a a vêr linda, roxa, núa, desfigurada. Era o mais que podia soffrer. Ia a maré na vasante, no fim da tarde, as ondas gemiam brandamente no areal deserto, as virações da noite sopravam frias, humidas das bandas do poente. Quando desci da rocha escarpada, encontrei inesperadamente o corpo de Branca estendido na area. Era uma criança descuidada, adormecida; a onda que a tinha despido para namorar-lhe a alvura do corpo, viera deposital-a na praia. Ia a precipitar-me para ella, unil-a a mim no frenesim d'essa loucura. Tive medo! recuei sem encaral-a. Temi profanal-a com a vista; estava quasi núa, de costas, com os olhos no céo, como pedindo á noite que viesse recatal-a no seu manto de trévas. Quando tornei junto d'ella com o lençol para a envolver, senti uma ancia de passamento, a lucidez de quem entrevê a eternidade: conheci que o cadaver de Branca se voltara

debruços, furtando á vista profanadora o verticello pudibundo da flor que eu fizera pender sobre o caule e cahir emmurchecida. O inexplicavel deixou-me um terror que ainda me dura...»

Não tive animo para lhe pedir que continuasse.

A estrella d'alva

(CONTO MARITIMO DO SECULO XVI)

> N'isto andava tudo, que se não poderiam pôr os olhos em parte onde se não vissem rostos cobertos de tristes lagrimas, e de uma amarelidão, e trespassamento de manifesta dôr, e sobejo receio que a chegada da morte causava, ouvindo-se tambem de quando em algumas palavras lastimosas, signal certo da lembrança, que ainda n'aquelle derradeiro ponto não faltava dos orphãos e pequenos filhos, das amadas e pobres mulheres, dos velhos e saudosos paes que cá deixavam, etc.
>
> *Hist. tragico-maritima*, t. I, p. 55.

O sol esmaltava as côres limpidas do horisonte com uns cambiantes de purpura e de azul, cujo cariz incompleto e vago reflecte a melancolia suave em que a alma se concentra n'essa hora fugitiva da tarde. O horisonte fechava-se lentamente, como o véo de um templo que se cerra. As virações travéssas da noite volitavam encrespando a face trémula das aguas, que lhes respondiam ás caricias inquietas, confidenciando com um murmurio sonoroso e confuso. O galeão soberbo da India sin-

grava ufano, buscando em prôa a terra querida da patria; levado nas azas das monções propicias, a vela branca desfraldada aos ventos, tinha o garbo da garça altaneira que se libra vaidosa por sobre as ondas, que ella vae roçando de leve. A flamula ondulante, hasteada no tope do mastro de mezena, serpeava nos áres como em adeus silencioso ás ribas odoriferas do Oriente, a despedida ao paiz dos sonhos e das maravilhas. A natureza como que se absorvera nos encantos d'esta hora; havia um segredo intimo em cada toada perdida d'este concerto do declinar do dia.

Longo tempo um mancebo encostado á amurada do navio, com os olhos fitos na corrente das vagas, permanecêra absorto n'um scismar incessante, como quem atava na mente as apparencias de um sonho mentido, como quem procurava alentar a ultima esperança que prende á vida, e que é como a hera das ruinas. Conhecia-se-lhe na respiração comprimida no peito, que offegava de cansaço, o esforço acintoso com que procurava afastar da lembrança um sentimento funesto.

A pallidez retincta nas faces cavadas pelas insomnias longas e afflictivas, era a expressão dos pensamentos tenebrosos, confusos, incoherentes, que vinham povoar-lhe a anciedade das vigilias. Quem o visse sentiria uma dôr egual áquella, uma vontade irresistivel de entornar-lhe em sua alma o balsamo das consolações, com a prodigalidade do affecto com que a moça desenvolta de Magdala vinha derramar aos pés do divino

Mestre os perfumes inebriantes da sua urna de alabastro.

Quem o visse na mudez expressiva d'aquelle desalento, no desamparo e soledade de todas as alegrias da vida, sentia-se levado para elle, como por um condão fascinador, que ás vezes possuem certos olhares que ninguem póde fitar e de que se tem medo. A brisa fresca da noite, que soprava do poente, como trazendo-lhe o presagio do ocaso de suas esperanças, vinha volatilisar a lagrima timida e ingenua que tremeluzia viva na pupilla scintilante.

A este tempo appareceu sobre o convés do galeão alteroso um outro vulto, todo armado contra a rajada asperrima da noite, que se ia cerrando:

— Ainda aqui, Fernão Ximenez? embebido n'esse longo scismar em que o passado se te affigura doloroso e feio? Para que foges de teu irmão? Bem vês que eu procuro distrair-te d'essa agonia lenta que te vae minando a essencia debil da vida, d'esse espasmo da atonia que produz em ti a mudez do sepulchro. O que tens tu em uma vida de criança, innocente, sempre desprevenida, para que o occultes a teu irmão, ao amigo que soffre com o teu soffrimento, e que exulta com as tuas alegrias? Uma ave, quando é levada para um paiz distente, longe do ninho que lhe ouviu balbuciar os primeiros trillos de amor, quando lhe falta a bafagem tepida das auras em que se espanejava contente, desfallece á

mingua, prisioneira, ralada pela saudade pungitiva que lhe amofina o sêr. Tu, pelo contrario, á medida que os aromas quasi imperceptiveis da terra abençoada da patria nos vêm dar força para affrontar as tormentas escuras, as cerrações e os cabos perigosos, perdes o animo ante uma dôr imaginaria, e deixas-te apossar de uma ancia, que um instante só de reflexão tranquilisaria. Vamos, serena o teu espirito; seja-te o meu coração o porto almejado onde encontres abrigo. Que receias pois? temes encontral-a na volta desposada, nos braços de outro? Conta-me a verdade toda; amas?

— Se com vinte annos apenas haverá quem não tenha sentido ainda esse desvario divino, que acorda de subito em nós todas as potencias da alma, que rasga brilhante a manhã de um eden terreal, dando realidade á vida, e que a um tempo vibra o estertor e o cicio horrivel dos que se confrangem no barathro do desespero que elle gera! Eu amo, sim. É um amor que tem purpureado de risos todas as horas que me absorvo a pensar n'ella. Para mim é o resumo de todas as bellezas do mundo. Onde a vista depára uma apparição grandiosa, deslumbrante, ahi sinto uma reminiscencia d'ella; ás vezes procuro em vão formar na mente o composto do semblante engraçado, quero tel-a presente pela imaginação á minha idolatria; mas a phantasia não póde reunir em uma mesma auréola de encantos tudo quanto ha de mais puro no céo e na terra. Eu estou doido. É

o frenesim d'este amor que me enlouquece. Eu não a vejo, nem sei mesmo já se existe, mas sinto-a como a essencia de um licor suavissimo e volatil, que inebria a distancia os sentidos. Ella fluctua-me pairando ante a vista, como um nevoeiro da madrugada que se esvaece nos áres ao romper da claridade, e de que o sol faz realçar a alvura esplendente. Ella nunca me disse que me amava. Quando só em pensamentos a escuto, a dizer-me segredos intraduziveis, parece-me a bayadera indiana requebrando-se flascida, com uma morbidez encantadora, a voltear brandamente ás vibrações remotas das gandharvas, instrumentistas do paraizo. Eu vôo na mesma ondulação de harmonia, e sonho um goso indefinivel, que me exacerba mais as angustias cruciantes, quando desperto á realidade. Eu não sei mesmo se me ama. Costumado a brincar desde criança, unindo as nossas orações infantis em noites de tormenta, quando seu pae andava sobre as aguas, esta confiança torna impossivel o mysterio, que alimenta todo o amor.

—«Aldonça! repetiu desapercebidamente Gaspar Ximenez;— a mesma, a que me torna aguerrido, audaz para affrontar estas regiões nos términos do mundo; a que jurou um dia ser minha e me prometteu a mão de esposa, que eu beijei e apertei tremulo, convulsivo!

Fernão Ximenez comprehendeu estas palavras. Foram como um clarão subito, que lampeja e cega. Os olhos arrasaram-se-lhe de agua, sem as

lagrimas poderem rebentar. Era incrivel o que se passava em sua alma. A colera,a alegria, a contrariedede das aspiraçóes mais ardentes da vida, o desinteresse sublime de um coração generoso debatendo-se tudo n'aquella alma deserta de esperança! Gaspar Ximenez continuou, como delirando:

—Amas tambem Aldonça? Como ella é meiga e docil! É a rola innocente do sacrificio. Ella ha de querer a tua felicidade. O que eu disse era uma loucura. Amo-a como irmã apenas; ama-a tambem, mais do que eu, e será tua.

Ao ouvir estas palavras, proferidas com uma accentuação dolorosa, por uma abnegação quasi impossivel, Fernão Ximenez não poude represar mais tempo as lagrimas, que lhe rebentavam ferventes dos olhos. Os soluços entercortaram-lhe a voz. Elle jurára dar-lhe tambem um dia a maior prova de dedicação.

A este tempo, ouviu-se um berro do gageiro gritando da gávea:

—Mestre Fernão Mendonça, um negrume espesso se alcança no horisonte, que levamos, pois que a não ser a cerração do cabo, mais me parece presagio de tormenta,

O mar começava já a cavar-se. O piloto mandou logo ferrar o traquete, cassar a escota á bijarrona, e que o homem de quarto amurasse mais para sotavento, antes que a borrasca rebentasse de chofre. Instantes depois a marinhagem tripulava afanosa sobre o convés; a noite estendera

pela amplidão dos mares o seu manto gélido de sombras, como um sudario de morte. O vento frigido sibilava na enxarcia; parecia uma serpente escamosa quando assovia na floresta intrincavel. A orchestra da procella rompia sonorosa e esplendida, como a retrata Virgilio n'um incomparavel hemistichio.

— Por San-Thiago, disse Fernão Ximenez, saindo da mudez do espanto em que o deixára a longanimidade do irmão;— adivinhava-o o diabo do gagêiro, pois já as ondas guidam os castellos de pôra, e lambem a ponta do gorupés. Diabo! que se tivesse mando no timão amurava mais para sota-vento, e talvez que escapassemos á furia da tormenta.

Continuava o ennovellar das vagas como grandes cordilheiras sacudidas por um vulcão subterreo. Instantes depois, o moço descia para o porão, e as marés gigantes em vagalhões, salvavam o baixel. Soltos, desencontrados dos quatro pontos, os ventos cáem de estouro sobre o galeão.

—Que San-Thiago, o bom apostolo das Hespanhas, seja comnosco, murmurou o homem do leme, ao apagar-lhe uma maré a luzinha da bitácula. Que o bom Jesus dos mareantes nos ampare n'esta tribulação, Ave Maria!

A tempestade recrudescia surda á voz do pobre homem de quarto, que não sabia já o rumo que levava. Pouco depois, as ondas envolveram-n'o no seu marulho, e o sorveram no pelago insondavel.

Sem governo, o galeão altivo, cruzando-se sobre duas ondas que rebentaram sobre elle, estremeceu como aluido pelo cavername e costado; o mastro grande, gemendo sobre si, estalou, e sumiu-se na corrente das aguas. Por instantes ninguem respirou. Só o capitão Fernão de Mendonça, conhecendo que o temporal amainara, gritou com intrepidez:

— Salta arriba!

A tempestade amançara consideravelmente; via-se espelhado em todos os semblantes um sorriso de esperança, illuminado ao clarão diaphano do santelmo, que reluzia no tope dos mastros.

—Salvé! salvé, oh Corpo Santo!—gritaram todos possuidos de um regosijo expansivo.

—Podemos agora contar com a bonança,—disse a voz animadora do padre capellão,—que o sacro fogo de Santelmo se nos mostra risonho e mensageiro de paz. Oxalá que sem mais desgraças possamos dizer como o malaventurado soldado das Indias, o bom Luiz de Camões:

Vi nos ceus claramente o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.

—Mestre Fernão de Mendonça!—interrompeu o gageiro,—o galeão tem um enorme rombo na prôa, e d'aqui a meia hora estaremos todos no fundo, se vos não apraz lançar esta lancha ao

mar. — E foi-se contarolando aquellas trovas do *Auto da barca do Inferno,* do popular Gil Vicente:

> A' barca, á barca, boa gente,
> Que que queremos dar a vela;
> Chegar a ella, chegar a ella.

O tom frio com que dissera a ruim nova fazia julgal-o filho da rajada, como se cria nas incarnações da mythologia grega. Ouvida a falla do capitão, foram saltando todos para o batel. Pouco depois a náo soberba da India comaçara a afundar-se. Ao vêl-a sumir-se, o padre capellão lançou-lhe a benção, e proferiu uns versiculos da oração dos mortos. A mudez tornava mais sublimes estes instantes. Era como na morte de um heroe, que baqueia ferido no auge da luta. As lagrimas borbotavam dos olhos dos velhos mareantes ao perderem para sempre aquelle companheiro das refregas. O batel não podia com a tripulação toda; o mar estava brazeiro e a cada momento entrava-lhe pela borda.

Assim foram andando á mercê das correntes, sem que transluzisse no horisonte escuro um clarão de esperança. O ranger dos remos fazia lembrar de hora em hora o estertor de uma vehemente agonia. O mar e a fome infundiam n'alma o tedio da vida.

O mar continuava roleiro. A este tempo uma onda encapellada rebentou quasi de choque sobre

o batel. Era preciso alijar para alivial-o. O capitão deitou sortes, para vêr os que iriam ao mar. Caiu a sorte sobre o intrepido gageiro. Pero Gutterrez, um velho marinheiro, atirou-se de livre vontade. Fernão Ximezez parecia de tal modo embebido na dor funda que alentava n'alma, que não sabia o que se passava em volta de si. A sorte fatidica caira tambem sobre o irmão. Despertou da abstracção dolorosa, ao abraço fraterno extremo. Repentinamente comprehendeu tudo com a lucidez de que o espirito se apossa nos momentos solemnes da vida. Deteve-o um instante:

— Uma vez sacrificaste ao meu amor todas as tuas esperanças! E' bem que o reconheça; agora estimo a vida só para dal-a por ti.— E desprendeu-se dos braços do irmão, com a resolução do desespero, e arrojou-se á voragem.

Gaspar Ximenez permaneceu attonito, interdito ante o estranho heroismo. O sol ia já alto, o céo tornava-se limpido e sereno, o horisonte abria-se immenso, como a expansão de um pensamento de alegria. Depois de haverem remado bastante ainda, descobriram-n'o a distancia seguindo extenuado o batel. A energia sublime do seu heroismo e dedicação commovera todos os corações. Quizeram unanimes recebel-o, estava já sem forças, quasi immovel. O amor fraternal resplandecera com espanto. Os membros regelados começaram de novo a sentir vida com a reacção do calor.

O mar ia amansando progressivamente, e an-

tes do cair da noite viram com pasmo e alegria doida alvejar uma vela. Saudaram-na com a celeuma do regosijo. Quando passados dias chegaram a beijar a terra de seus paes, Fernão Ximenez foi professar, cumprir o voto n'um mosteiro, para não tornar o amor do irmão impossivel.

Lava de um craneo

QUANTAS risadas se escutam perdidas no ár, que ás vezes são um punhal invisivel, brandido por mão diabolica, um veneno propinado a occultas, que infunde na vida o desalento, o tedio, a indifferença por todos os grandes sentimentos que nos agitam e nos elevam! O riso é a expressão mais energica do desespero, quando elle tem um timbre satanico, que gela, e se repercute na alma como o estampido de uma detonação que fulmina; então, mata mais do que a ponta de um estylete penetrante, embebida no aconito baço, que fere e não deixa vêr a cicatriz. Quem não ha soltado uma vez na vida uma d'essas risadas, que não seja uma loucura, uma impiedade, uma provocação, uma mentira, talvez um crime? Um dia ri tambem d'esse modo; é remorso que ainda hoje me punge.

Eu vivia ignorado, obscuro, trabalhando na minha agua-furtada, alimentado pela febre da aspiração, pelo pensamento de exageradas vigilias; era a contumacia da desesperação que me dava forças, e me fazia caminhar incansavel sem saber para onde. Este vacuo da existencia amputava-me para todas as distracções, via em tudo uma futilidade, sentia-me máo, com uma vontade de torturar, de contradizer, de estar sempre em hostilidade com todas as idéas que não fossem as minhas. A dialectica fôra para mim uma arma, que ao passo que a manejava com mais presteza, me tornava mais intolerante. A solidão déra-me por um excesso de vida subjectiva uma susceptibilidade tactil, tornava-me perscrutador, analysta; pretendia lêr em todas as physionomias, deprimil-as ante a minha consciencia, como um juiz boçal, que não póde convencer-se de que o réo que interroga esteja innocente. Saía para as ruas, a luz opprimia-me, a multidão atropellava-me, sentia-me olhado, como nos tempos do absolutismo theocratico aquelle que vergava ao peso do anathema.

Um dia saí para respirar o ár livre de uma bella manhã de verão; uma veia sarcastica, provocadora, não deixava harmonisar-me com a serenidade da natureza. Vinha pelo mesmo passeio um sujeito magro, fumando uma ponta de cigarro. A distancia ainda comecei a analysal-o; cada vez que o fitava sentia em mim uma hilaridade irrepressivel; parecia-me uma cara insigni-

ficativa. De mais perto representava-me uma incarnação do grotesco, do comico objectivo, como se encontra nas goteiras das cathedraes da Edade media. Trazia uma vestimenta velha, esfarrapada, que produzia uma antithese perfeita com a sua edade. Mais aó pé, vi que tinha um fulgor de vida nos olhos, o movimento, a expressão de uma intensa actividade interior. Eu tinha caminhado para elle com um riso mofador, com pretensões a observal-o, este casquilho em quinta mão, e fui-lhe ao encontro a pretexto de accender um charuto..

Conheci então o valor da phrase com que o povo exprime um desgosto intimo e repentino: caiu-me o coração aos pés. Via n'aquelle fato esfarrapado de escovado, a lucta de uma alma, que arcava com a miseria, de um homem, que aspirava á decencia, e que proseguia temeroso, como conhecendo que a vestimenta o degredava e o destituia de importancia, que um descuido qualquer o expunha aos apupos da vadiagem. Assim explicava commigo aquelles áres affectados de elegancia, que despertaram a risada, que resôou só dentro em mim. Era tambem criança, tinha uma figura trigueira, uma certa vivacidade de movimentos, uma timidez que se não accusa e se transforma em reconhecimento á menor consideração.

Pedi-lhe lume com um tom levissimo de ironia. A affabilidade desarmou-me; o coração doeu-se ao primeiro impulso de sua crueldade. Tinha

vontade de confessar-me seu amigo; era-o n'esse instante, com todas as veras de alma.

Dias e noites a imagem do pobre rapaz a fluctuar-me na mente; eu estava indisposto commigo, procurava equilibrar a vida de modo que podesse alcançar essa virtude sublime da *bondade,* filha quasi sempre da serenidade e da superioridade de espirito. Era ainda cedo para mim. Não tornára mais a vêl-o: julguei-o uma apparição diabolica, que viera inverter uma acção innocente da vida em uma preoccupação, que me perturbava a tranquilidade.

Uma noite, saia eu do theatro: o frio regelava os membros, a escuridão era profunda como as *trevas visiveis* de que falla Milton. Esperei á porta que escampasse. Por um acaso feliz deparei a meu lado com o mesmo sujeito que um dia soube inverter-me um riso insignificativo em remorso. Tinha ainda a mesma compostura, esse apuramento que fazia rir os que não soubessem penetrar os dolorosos mysterios da sua existencia.

O pobre rapaz, não sei que franqueza leu no meu rosto, que se chegou para mim. Poz-se a commentar o espectaculo; pouco depois, estiou e partimos juntos. Até aqui nada de interessante.

— Quanto mais estudo (disse-me elle, cansado de andar e de fallar), tanto mais se me alarga a solidão do espirito; cada dia encontro menos pessoas com quem prive, caminho, e a cada passo me vão ficando mais longe. Quem não en-

tender isto e se revoltar contra a minha frieza, dirá que é orgulho, e egoismo até; os que se doerem de mim dirão que é misanthropia. A meditação é como um segredo, que pésa quando não ha a quem se conte; mas se eu encontrasse uma mulher a falar-me de amor, sacrificava-me a ella, para vêl-a mais ditosa que a pobre Frederica de Göethe. E' a primeira vez que conversamos. O meu amigo deve estranhar esta liberdade; sou assim, amo a franqueza quando não busca rodeios para convencer, e tem a força da expansão sincera, a ingenuidade simples, que não sabe alliar a amisade com as pragmaticas. A franqueza d'este modo admira-se, e eu tanto mais, porque a tenho visto sempre usada como pretexto para dizer insultos impunemente. Acho-me solitario no meio da sociedade, e tenho ainda não sei que terror de me vêr perdido, atropellado entre as massas. Vivo assim desde criança; como criança fui tambem poeta, cantei porque tinha medo, queria distrahir-me. Eu chamo-lhe meu amigo, porque me escuta; era quanto bastava para lhe ficar reconhecido. A maior parte das pessoas que me ouvem riem-se de mim. Falo sobre a genese das religiões, a origem dos governos, as relações da arte com a sociedade, todos os grandes problemas que nos agitam; abanam a cabeça, e dizem com ár compassivo: «Utopias dos vinte annos.» Outras vezes, descrevo a formação da terra, procuro explicar as evoluções da anthropogenia com a cosmogonia, o aperfeiçoa-

mento dos sêres e a sua decadencia pelo gráo do calor que a materia conserva e vae irradiando; obedeço á pressão da causalidade que me obriga a explicar a mim mesmo os phenomenos que vejo, e riem-se, perguntam-me onde estudei, que diplomas tenho das Academias, e voltam-me as costas ludibriando-me, porque não querem admittir a sciencia sem a auctoridade, vêem como profanação um leigo explicar o que só está á altura da intelligencia dos cathedraticos. Tenho tido muitos d'estes desgostos na vida. Os homens que têm certa bondade, tambem me dizem, que a edade me fez todo idealista, que os annos me darão um caracter pratico de que careço. A's vezes, tendo passado a noite em vigilia a pensar, cheio de frio, com fome, canso-me a fallar, para receber, ao cabo de um esforço inaudito, uma gargalhada brutal. Deos sabe quanto custa affazer-me á solidão absoluta. A solidão, é verdade, devasta o espirito, porque obriga á representação interior, dando-lhe um relêvo maior do que a realidade. Serão utopias tudo quanto tenho na cabeça? E' uma lei natural. Ha na vida intellectual dois periodos, um de creação, outro de realisação. Hoje concebo um ideal que não posso determinar; porque ha de vir tempo em que saberei sómente dar fórma ao que senti. Convem não rir desapiedadamente de todas as theorias da mente febril da mocidade, porque ao approximar-se a edade esteril da força, quem ha de realisar *o que não ideou*? Bem sei que um grande poeta

disse antes de mim: «Uma grande vida, é um pensamento da mocidade realisado na edade madura.» Em tudo isto vejo uma força desoladora no homem, que o domina em tudo, e era pela analyse d'ella que poderiamos entrar na essencia dos actos de sua vida — é o egoismo. Quando o homem se vê compellido a reconhecer uma superioridade no seu semelhante, fórma d'elle um semi-deus, porque, então já não é outro homem que o sobrepuja. Christo é uma idéa transmittida ás gerações, que ellas concretisaram em um nome para comprehendel-a. E depois, porque um homem egual a nós a manifestava, o egoismo salva-se fazendo-o — filho de Deos. Arranca-se a *Illiada* das mãos de Homero, porque o orgulho do homem não consente que o homem o exceda. Vico representa na sua hypercritica a humanidade. Perguntamos, quem inventou a alavanca antes de Archimedes demonstrar a sua lei? quem descobriu o parafuso, a serra, bases de toda a mechanica? O egoismo occultou quanto pôde o segredo; apenas a mythologia responde com uma divindade allegorica, um Saturno, Perdice, Pan e Triptolemo. —

O pobre rapaz falava de um modo precipitado, convulsivo, como se lhe faltasse o ár. A escuridão da noite não deixava lêr-lhe no rosto a volubilidade da expressão. De repente, parou á porta de um casebre velho, situado em uma viella estreita e infecta. Pediu-me para subir. Eu não podia resistir-lhe; cada palavra vibrava-me cá

dentro como um arranco. Fomos tacteando nas sombras, por um caracol de escadas carcomidas, que nos faltavam aos pés. Ia-se-me esclarecendo o mysterio d'aquella existência. Por fim chegamos a um quarto pequenino e baixo, com um ár mephitico, saturado de fumo de tabaco. Elle acendeu uma vella de cebo roida dos ratos, que tinha presa no gargallo de uma garrafa; a enxerga com uma manta embrulhada achava-se a lastro. A miseria arripiava-me. O pobre rapaz deitou-se sem forças; vi-lhe então, á luz mortiça, uma pallidez cadaverica. Tive medo do seu silencio. Elle estava envergonhado de tanta indigencia, e procurava rir-se, ridicularisando-a:

— Não extranhe vêr-me n'esta trapeira; ha uma analogia entre ella e a minha cabeça, onde as idéas refervem em tropel confuso, e se conflagram e se destroem. Estas teias de aranha são ás vezes a minha distracção nas horas de enfado; divirto-me como o Mascara-de-ferro, como Spinosa, Magliabechi e Silvio Pellico. E' em que me pareço com os grandes homens. Deixemos isto; conversemos a serio diante de quem não sabe rir-se de mim. Eu tambem tenho pensado na organisação de uma sociedade perfeita, como Platão e Cicero, Campanella, Thomaz Morus e Fenelon; mas só encontro essa perfeição no momento em que os vinculos do direito que prendem as nossas relações sociaes, e os mysterios e terrores que as religiões incutem, fossem excluidos pelo desenvolvimento completo da idéa

do *Bello;* quando deixassemos de praticar uma acção, que vae contra as maximas do direito ou da religião, não por ser injusta ou immoral, mas porque repugna ao sentimento do bello. A Arte sobre tudo! é ella só que nos póde alcançar conjunctamente a perfeição plastica. Assim a anarchia, a negação absoluta de todo o governo fôra de nós, constitue o ideal do estado; a lei era a consciencia de cada um, a consciencia sempre incorruptivel a todo o interesse egoista. Porque a Arte é synthetica, mais do que a religião, a philososphia e a moral, porque só ella faz o accordo incondicional das vontades por uma emoção universal. Como chegar um dia a esta perfectibilidade! Não se vae lá de repente, a natureza não dá saltos. As revoluções pela idéa pódem tudo; não se confia n'ellas, nem se emprehendem, porque os resultados só os gosa o futuro. E' esta sciencia nova da Sociologia que ha de levar mais longe a humanidade. A Edade media, o grande lethargo depois da civilisação da Grecia e Roma, foi ampliada pela passividade mystica do christianismo; é uma impiedade que ninguem talvez acredita. A esmola, a onzena sobre a bemaventurança, era o principio da dependencia e da desegualdade, a aniquilação do trabalho e da actividade; a reprovação dos juros, o stigma impresso sobre o judeu, elemento industrial na sociedade nascente, eram a inercia do capital e do espirito de empreza. A verdadeira doutrina é um cathecismo popular de economia social. É por esta

sciencia que nos ha de vir a libertação, desde que o homem reconheça que produz mais do que consome. O trabalho é o unico titulo da propriedade, a sanctificação da vida. O trabalho é para mim uma consolação, um orgulho; sou como Plauto, que fazia rodar um moinho, e nas horas de descanço escrevia as suas comedias; como Spinosa, que gravava vidros para se alimentar nas horas em que se absorvia no quietismo do pensamento e ampliava a synthese physica de Descartes á moral humana; eu toco na orchestra de um theatro; de dia penso.

E o pobre rapaz parou em meio, de cansado; depois recomeçou, fazendo-me a historia do trabalho:

—O homem ao destacar-se do ultimo élo da cadeia dos sêres, sentiu-se forte e senhor da terra. A natureza offerecia-lhe por toda a parte seus peitos uberantes, e este rigosijo de harmonia ligava a sua existencia á vida pantheistica do universo. A grandeza do homem n'este cyclo genesiaco, symbolisaram-na os escriptores sagrados no reflexo de graça e de innocencia que descia das alturas sobre a sua fronte; os escriptores profanos, menos inspirados pelo idealismo espiritual, retrataram-a na plastica, nas fórmas gigantes do corpo e na magestade homerica de uma estatura heracleana. N'este primeiro dia, foi o homem como os anjos, via e falava face a face com a divindade; n'esto primeiro dia foi um gigante *da terra,* dominava pela força cyclopica. Ambos

os dois mythos têm um fundo de verdade revelada pela inspiração e intuição do passado aos prophetas da historia. Senhor e rei na creação, o homem deixou-se enleiar no seio voluptuoso da natureza. Admirou e caiu adorando. N'esse instante descobriu a sua nudez, e escondeu-se; sentiu a fome e a sede e as dôres do desterro. O outro mytho, mais violento e terrivel, para filiar n'essa queda o naturalismo e anthropomorphismo, fal-o *mergulhar no bruto*, e o satyro, o minotauro, é o homem a confundir-se na cathegoria inferior dos primates. A' queda succedeu a rehabilitação, como ao occaso a nova aurora de luz. Era a lei eterna das antitheses. Foi o trabalho o signal da rehabilitação, será o caminho para a apotheose. *Sic itur ad astra.* Nos mythos do Oriente, tenebrosos e tragicos, o trabalho é um stigma que pésa sobre o homem, é a dor, a atribulação, é a terra produzindo cardos e espinhos, fecundada pelo suor do seu rosto. É o enigma da vida a ser iniciado pelo soffrimento e o soffrimento a retratar a vida nomada da raça primitiva, na sua passagem através do dezerto. Nos mythos do Occidente é sublime o ideal do trabalho: ahi é a gloria dos semi-deuses, é a vida errante mas heroica. Chiron ensina o mysterio da força. Os *trabalhos* de Hercules, os *trabalhos* de Theseu, eis outros tantos passos para a elevação do homem, perdidos hoje completamente nas sombras imperscrutaveis do mytho. Nos *trabalhos* de Jason e dos Argonautas está

symbolisada a inauguração do commercio de toda a raça jonica. No Oriente, o trabalho é uma fatalidade religiosa, um anathema do primeiro passo do homem. O christianismo, creado no berço de todas as religiões, vindo da Asia, transportou comsigo o mesmo dogma fatidico, mas com expiação. Suavisou o golpe da espada flammejante, que lançou o homem fóra do Eden. Exagerou a culpa para perdoar o castigo; suscitou no interior do homem uma luta, luta escura e tremenda, um *eu* a combater outro *eu*, a carne a revoltar-se contra o espirito, a confusão e o cahos onde havia a ordem e a harmonia, e para este dualismo desesperado apontou como panacêa—o trabalho. D'esta idéa proveiu um diluvio de sangue para rehabilitar a raça futura; foi o sangue dos martyres; a arca fluctuante a egreja; o ramo de oliveira, representando a paz universal e a fraternidade a cruz. Só tarde estes symbolos foram comprehendidos; tinham sido como o enigma da Sphinge, que devorava os que iam passando. O christianismo ao ideal do trabalho-pena ligou a universalidade. Na Edade média a ordem social era classificada pela propriedade territorial; a posse era a caracteristica do senhor, o trabalho da cultura o ferrete do servo. A Edade média feudal é uma antinomia na historia; a influencia manifesta do christianismo é a communa. O abraço dos povos pelo trabalho do commercio e da industria, eis o segredo das riquezas de Pisa, Gand, Veneza, Genova, Bruges e Florença, ao pé da barbarie dos

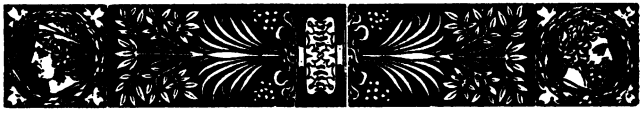
estados feudaes. *Virtus unita fortius agit.* No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força da agua, foram outras tantas fadigas de que aliviou seus hombros, sobrecarregando-as na natureza. Hoje o trabalho não é o sello da culpa segundo a antiguidade biblica, não é o signal da escravidão como na Edade média, nem o tributo dos párias, como concebia Aristoteles: hoje é ô symbolo da dignidade do homem. São as machinas que vão conseguindo pouco a pouco esta realeza do homem sobre o universo. O hymno do trabalho eleva-se por toda a parte, e as strophes perpetuam-se ao estrepito das grandes descobertas de Galvani, Fulton, Watt, Pascal. Pelas machinas ganha o homem tempo á custa da força, mas força dispendida pela natureza. Virá uma epoca em que elle se liberte do trabalho material; abre-se então outro horisonte mais vasto —o trabalho da intelligencia. Prometheu ergue-se dos rochedos caucasicos, não para roubar o fogo celeste, porque é Deos, mas para atear aquelle que occultou longo tempo no encéphalo. O homem desprender-se-ha da animalidade para absorver-se no anjo. Se elle se destacou de uma animalidade inferior, não está terminada a sua progressão ascencional. Esta theoria explica já a prodigiosa actividade e precocidade intellectual d'este seculo.»

A voz foi-se-lhe enfraquecendo, até que se calou; estava macilento, tiritando de frio; a vista com um brilho phosphorecente, felino. Depois de

alguns instantes de silencio, disse-me com um modo secco, que não comprehendi logo:

— O succo gastrico é bastante corrosivo e dilacera-me as fibras do estomago.

Conheci que era a fome que lhe dava esse aspecto, essa consumpção em que o via prostrar-se. Disse-lhe que esperasse um instante, e sai á pressa para comprar em uma espelunca uma posta de peixe. Quando voltei, a luz bruxuleava quasi a extinguir-se; o pobre rapaz estava voltado para a parede. Sacudi-o. Achei-o frio, com a rigidez cadaverica.



Beijos por facadas

(CONTO DE UMA SERENADA EM HESPANHA)

I

A guitarra

CORRIA lenta e socegada a noite. Ha n'estas vozes indefiniveis das horas mortas a suspensão de um segredo, que se não articula; o silencio remoto parece escutar as musicas de dentro, que se espraiam na alma, como os sons eólios que a brisa entorna da escarpa.

O céo estava profundo e puro, recamado de estrellas, brilhando silenciosas, absortas nas côres spectraes de sua luz, com que confidenciam e exprimem entre si as sonhadas harmonias das espheras. Cada traço radiante que se projecta nos áres lá vae perder-se n'um fasciculo mais intenso, pensamento de amor, energia inextinguivel que

vôa a despertar e embalar um devaneio ditoso, que não finda.

Os ventos sopravam macios, remurmurejando na folhagem verde; a veia crystalina e sinuosa do Manzanares derramava seus aljofres, onde se reflectiam as graças e a alegria das myriades de astros que bordavam a cupula do empyreo.

Soaram vagarosamente, como as palavras de uma sentença irrevogavel, onze horas na torre da Cathedral. A vibração argentina do sino, ondulando na calada da noite, fazia escoar-se pelo corpo um estremecimento gelido, como o pingo de agua que se infiltra das stalactites e cae, de quando em quando, no pavimento petrificado de uma gruta escura e sem fim.

E a noite proseguia lenta e socegada. Pouco a pouco, uma viração travessa, vinda dos valles longiquos, dispersou nos cêos uma nuvem espessa, que se havia levantado das bandas do mar. Assomou um leve resplendor, um clarão incerto na cima dos montes; depois, os arvoredos deixaram jorrar por entre as ramas entrançadas um alvor suave. Era a lua que se alevantava serena do topo das serranias, ostia branca erguida na reconcentração intima dos mundos. Á luz diaphana e branda, que devaneios principiados e interrompidos no vago das aspirações que não têm realidade! que confissões vehementes, que palavras sentidas, que protestos fogosos, apaixonados, gerados pelo influxo da saudade e da melancholia!

Á luz tranquilla do astro dos namorados, me-

ditava distrahida em seu balcão, virgem, enleiada nos caprichosos desejos que lhe tumultuavam no coração infantil. Quinze annos! a efflorescencia da vida no seu viço exuberante; as alegrias perennes, sem motivo, um transporte a cada sensação que se ignora e que o acaso revela! Quinze annos! e o peito a palpitar apressado a cada presentimento de ventura.

Estava em seu balcão a donzella timida; as tranças soltas, espalhadas pelos hombros, eram os jorros de uma catadupa que se despenha; respirava anciada, como quem acabára de brincar e sente na fadiga, que a prostra, a tentação de se precipitar novamente na vertigem da corêa que passa ligeira como um volteio de fadas em areal deserto.

A lua illuminava-lhe o semblante com a magestade com que se reflecte n'uma janella gothica. Parecia adormecida, criança, embalada pela toada das harpas dos seraphins, que a vinham abrigar do rocio da noite debaixo da sombra de suas azas brancas. O vento levava-lhe as roupagens longas, que fluctuavam como uma nuvem rescendente que a envolvesse.

Ella não estava adormecida, scismava. Que mysterios intraduziveis de amor não lhe viria descobrir esta hora! A natureza, mais velha e experiente, vinha ensinar sua irmãsinha, mostrar-lhe os philtros que um sorriso esconde, a fascinação de uns olhos humidos de volupia. Sentiria ella as primeiras notas do amor, pulsando levemente dentro do peito?

O sitio, a hora, a mudez confidente da noite tepida e sombria, tornavam propicias as palavras timidas, balbuciadas tremendo, com um languor communicativo.

A este tempo a lua brilhava esplendida de encantos pela amplidão celeste. A donzella cada vez apparecia mais radiante de graça; o luar tornava-a mais bella, como em uma transfiguração repentina.

Será uma realidade a existencia d'este typo divino? Será uma creação apenas, uma visão chimerica da mente do poeta? Um sonho que a arte sabe encarnar e insuflar-lhe o sentimento de Rosina, quando espera anciosa detraz do cortinado alvejante Almaviva, a identificação de um sêr n'outro sêr? Não. Como uma filha, a mais linda das filhas de Eva, irmã das que foram amadas pelos anjos que se esqueceram do céo, ella tambem sente e ama. É Marcella, Marcella, o sol da velhice do grande poeta da Hespanha Lope da Vega.

Cançado de triumphos, de glorias e pesares, o cantor de *Dorothea* ama-a, como um viandante do deserto que ama a brisa fresca da collina que lhe vem alentar os pulmões exhaustos. Coração immenso de um pae, que enlouquece de alegria ao vêr perpetuar-se-lhe no mundo a intelligencia, os sentimentos que o animaram e lhe trouxeram soffrimentos e glorias, n'aquella que o abraça como uma vergontea airosa á sombra do roble secular.

Marcella é o seu pensamento predilecto das horas pacificas da existencia, a que ha de herdar-lhe o manto prophetico com que o pae penetrava nos mundos da poesia. Poeta, enleva-se diante da sua obra, a ideal Galathea, onde vive uma alma afinada pelas mesmas harmonias; ama-a, com que ternura! *É mas galan que padre.*

Marcella estava distraida ao luar no balcão; era na rua dos *Francos;* estava deserta e escura pela sombra. Começou então a sentir-se um som incompleto, como o gemido de um queixume que expira; depois, mão ignota a dedilhar vehemente, com força, nas cordas de uma guitarra. As auras levavam as melodias, ais de um peito que gemia de amor em segredo, e que ia ditando ao instrumento sonoroso as palavras, que não podia proferir. O silencio da noite destacava as notas delirantes, como o azul a um carbunculo que scintilla.

A innocente criança despertou do sonhar aério em que permanecera absorvida; comprehendeu a linguagem suprema do sentimento, era a primeira confissão de amor que escutava na vida. Receiou correr o cortinado. Era a innocencia na sua timidez. A curiosidade, o orgulho de criança a impellia; começava a sentir-se bella, formosa. Debruçou-se desprevenida ao balcão, mirou, prescrutou nas sombras. A guitarra fascinadora emmudecêra.

Depois, ella viu dois vultos aproximarem-se,

traçarem as capas, desembainhando as espadas reluzentes. A mudez tornava assombroso o recontro. Os ferros cruzaram-se faiscando; eram os rivaes, que se encontravam ali, levados pelo mesmo amor e pelo mesmo odio, a grande contrariedade d'este sonho da vida. Não se ouvia um gemido; os botes eram a fundo. Uma espada tiniu no chão partida; o outro galanteador, generoso, deixou a sua de mão e sacou um punhal do cinto. Era um duello a todo o transe, questão de vida ou de morte. Marcella nada discriminou nas sombras; sentia apenas o fragor de uma lucta porfiada. O outro rival alçou o punhal tambem; arrojaram-se aos braços um do outro, espumando de raiva, cozeram-se de facadas desapiedadamente, até que, escoados em sangue, cairam desfallecidos.

O vento da noite refrescava; a lua mostrou-se no seu esplendor e deixou ver o campo do torneio. Marcella recolheu-se aterrado para o seu aposento; orou a noite toda ante o retabulo de Santa Maria d'Atocha, promettendo fechar para sempre o seu coração ao amor do mundo.

II

La blanca palomica

Depois dos inesperados transes e provações, a *que ás vezes* a alma resiste para novos desastres.

Lope de Vega fugiu ás tempestades da vida, envolvendo-se no burel de uma ordem penitente, unindo a contricção e a poesia no mysticismo radiante das effusões lyricas com que desabafava nas horas comtemplativas. Quando o espirito solitario descia á terra e se deixava tocar pela dor, tinha então o encanto da sua prole, dos filhos que estremecia. Como se não lembrava elle, com pesar e saudade indelevel, do seu pequenino Carlos, côr de lirio e de rosa, quando vinha acariciar-lhe a alma com umas palavras de ternura infantil, quando o via pular de contente ao vir o dia, como uma antilope nos prados, quando os seus vagidos eram um gorgeio entrecortado que lhe pareciam um vaticinio encantador! Pobre criança, ainda coberto do orvalho matinal, de te expandires á bafagem perfumada da nova aurora, quando, lirio fanado pela geada, desappareceste na terra para seres transplantado no céo.

O poeta buscava consolação na poesia; era ella que o cercava de uma aureola de felidade. Distraia-se cuidando do seu pequeno horto. Era a imaginação que o revestia, aquelle exiguo canteiro, ornado apenas de duas arvores, dez florinhas, uma laranjeira e uma roseira, onde casualmente cantavam os rouxinoes, e onde dois cantaros de agua formavam a fonte, que gemia e adormecia seus pesares. Contenta-se de pouco a natureza; elle não trocava este canto da terra nem pelo monte Hybla, nem pelo valle fertilissimo de Tempe, nem pelos jardins suspensos de Semira-

mis, como elle proprio confessa; porque a phantasia creadora reveste-o de todas as graças de um paraiso sonhado, mostra-lhe columnas brancas de marmore com inscripções gloriosas, fontes que jorram e se despenham em borbotões de perolas e aljofres, lagos profundos e limpidos sulcados por canôas que desfraldam as vélas como cysne voluptuoso que deslisa, rodeados de sombras amenas e encantadoras de arvores soberbas similhando os gigantes da terra, a vinha entrançada aos platanos, dourada pelo sol de agosto, bustos entre a ramagem espessa, satyros que se adormecem ao som da lympha fugitiva, nymphas travessas errando na relva macia, que tapeta o recinto... É um sonho de poeta na sua soledade. Que tem que seja uma ficção esta magnifica paizagem? Elle sente as emoções que lhe traz o retiro que fórma, e para onde se refugia.

Seu filho levado pelos brios cavalheirescos, pelo impulso dos quatorze annos, deixou-o para seguir a expedição contra os hollandezes e os turcos. Uma catastrophe desastrosa veiu roubar-lhe mais esta esperança; a náo em que partira havia soçobrado.

Restava-lhe só junto de si Marcella, para amenisar as horas lentas e enfastiadas da velhice. O pae offerecia-lhe seus livros, dedicava-lh'os, pedindo que os corrigisse; ella reunia ás graças do corpo, a harmonia da plastica com um sentimento delicado, uma penetração viva e lucida. O poeta recebêra todas as consolações do

cêo n'aquella filha; era a sua creação mais perfeita, a admiração dos poetas do seu tempo, era todo o seu orgulho.

Marcella começou a apparecer triste; tinha na face a pallidez da planta que esmorece. Nem uma palavra só de queixume; a mesma abstracção sempre! Os labios pareciam emmudecidos pelo sello do mysterio. Cercava-lhe os olhos languidos um disco roxo de maceração, ennublava-lhe o semblante a preoccupação de uma dôr, que não sabia confessar. Quando Lope a chamou para de junto a si, e a estreitou nos braços beijando aquella flor da mocidade que o Senhor fizera brotar de suas ruinas, sentiu uma dilaceração interior, ao ver uma lagrima pura, candida, ingenua, resvalar-lhe na face em que a dôr empanava o viço infantil:

—Oh minha filha! quem poderá adivinhar o segredo de tuá ângustia, e inverter os pensamentos afflictivos de magoa n'um extasis perenne de felicidade. Marcellá, Marcella! Eu dizia-te um dia, lembras-te ainda? era n'aquelle livro, que o presentimento me fez intitular *Remedio na desdita:* «Deus te proteja, e te faça ditosa, postoque teus dotes o não consintam, principalmente se fôres herdeira do meu destino» A corôa de gloria que me cinge sangra-me na fronte com dolorosos espinhos; o que a poesia me ha ditado tenho-o soffrido primeiro. Tu, alma da minha alma, vás pisando a mesma via dolorosa. Ergue-te d'essa prostração do desalento em que te deixas cair! Conta-me o que as-

sim vem perturbar teus pensamentos tranquillos, roubar-me as tuas caricias que me fazem rejuvenescer? Eu não sei como amparal-a, interrogal-a, sem que esta planta mimosa languesça como a sensitiva. Menina, moça, ignorando a vida, acordaria ella senhora? Leval-a-hia o amor em sonhos ao seu mundo de aspirações infindas? Ella inclina-se sobre meu hombro e chora. Como posso eu consolal-a, dar-lhe as esperanças que não tenho e que de ha muito me desampararam? Marcella! Ergue a tua cabeça; deixa-me vêr-te, beijar-te, enxugar as tuas lagrimas, filha. Dize-me o que te afflige tanto. Pobre creança, ella cada vez me estreita mais a si.

—Oh meu pae! eu não sei o que me faz tão cedo aborrecer as galas, as seducções do mundo, e me mostra a vida como um dezerto invio, intransitavel. A alma sente um vacuo que ninguem pode encher. É o christianismo que me faz germinar no espirito este sentimento vago, uma sêde d'esse goso sem limites da visão beatifica, uma aspiração, um desejo ardente de regressar á eterna patria, de me confundir nos córos archangelicos, ao som do trissagio perenne. A natureza por mais esplendida e vicejante, as flores de aromas mais exquisitos, o céo mais admiravelmente cravejado de estrellas, o azul, o espaço aberto, causam-me o desgosto que havia sentir Moysés do alto da montanha vendo ao longe a terra promettida e sem poder attingil-a. Quanto mais me sinto enleada n'este encanto divino da

contemplação interior, torna-se-me mais intenso o desejo de abandonar o desterro d'este valle de lagrimas, quebrar os vinculos da carne, e acordar no empyreo. Este corpo que me déste é a prisão em que a alma suspira e anceia por soltar-se; ella é a escrava da Escriptura que vaga á mingua de uma gôta de agoa no dezerto: ella tem diante de si um abysmo, que precisa transpôr sem o fitar. Eu senti em sonho este hymeneu recondito e incomprehensivel do amor divino. O Amado erra pelas brenhas, chamando a Esposa perdida. Eu não me posso elevar até Deus, o *Deus absconditus*, pela intelligencia, como os doutores; deixae que a alma vulgar e humilde, desconhecendo essa vereda intrincada, caminhe conduzida pela intensidade do seu desejo á eterna fonte suprema do bem. Eu quero professar em um mosteiro, seguir a regra da penitencia austera, voltar para a arca santa, como a pomba do diluvio. Quero envolver-me no burel, mergulhar-me na escuridão de uma cella, e scismar embalada nas musicas do extasis.

— Marcella! para que vaes tornar assim a minha solidão mais dolorosa? Teu irmão, perdi-o ainda tão criança! Eras só tu que me restavas no mundo. Sem ti, de que serve a vida que levo devorada pelas recordações do passado. Eu perdi uma esposa, que asserenava em meu coração as tempestades do amor. Tinha em ti meu unico refrigerio, e desamparas-me quando me vejo mais só! Pobre filha! Terá ella vergonha do mundo?

do seu nascimento illegitimo? Que provação tão dura e repentina me esteva reservada em castigo de uma mocidade turbulenta! Vae, filha, corre aos braços do divino Esposo: elle só póde dar-te a grinalda immarcessivel, servir-te com uma legião de anjos. És o ultimo ramo virente que o destino arranca de um tronco carcomido pelos annos. Vae, vae.— E apertou-a nos braços a chorar como uma criança.

Tempo depois, a engraçada filha do maior e mais fecundo poeta de Hespanha entrou para o convento das Carmelitas descalças, em Madrid. Lope de Vega descreve esse abandono do mundo com expressões sentidissimas:

«Marcella, o primeiro pensamento do meu amor paternal, cuidava em casar-se, e uma noite me disse o nome d'aquelle que desejava para esposo.

«E eu, que sabia quanto é prudente deixar amadurecer um tal pensamento, porque ha decisões que provêm de causas accidentaes, fiz minhas excusas, esperando sempre não contrariar seus desejos, se elles se fundassem na verdade de sua alma. Mas vendo cada dia esse desejo a augmentar-se, determinei-me dar-lhe esse esposo, que sollicitava seu amor. Esse esposo é bello, é rico, é sabio, e de uma estirpe illustre, e seu pae é nada menos do que todo poderoso. Eu juro que por parte de sua mãe é de sangue real, e que ella é tão boa, que não ha attractivos, nem virtudes que não possua. É uma mãe tão cheia *de graça,* que pelas suas mãos Deus a dispensa

ao mundo. Ella é juntamente rosa e lirio, cypreste e palmeira.»

A egreja estava ornada como o thalamo de um noivado. Então, o poeta viu sua filha n'esse dia com uma graça, uma belleza, uma perfeição inexcedivel, que a alegria fazia realçar sobre os dons da natureza, que o contentamento animava de vivacidade e elegancia. O esposo recebia-a nos seus braços carinhosos. O amor divino transfigura-se sempre na infancia. Myriades de luzes, damascos e brocados enfeitavam o aposento nupcial.

«Marcella,—continua o poeta—as faces coloridas como duas rosas, e os labios como banhados por um sorriso honesto, fitou-me: o ultimo adeus que separava duas existencias.

«Sua alma trasbordava de felicidade com esta vocação; e por um ultimo adeus de seu corpo, ella voltou costas a tudo que o mundo chama festas e prazeres.

«Depois, offerecendo ao joven esposo sua casta grinalda de virgem, ella estreitou-o a si, cobrindo de beijos seus olhos de esmeralda.

«O céo fechou a porta ao meu coração cheio de amor paternal; arrebatava-me a melhor parte da minha alma; e eu era o unico a lamentar n'esta multidão de espectadores. Tornámos á egreja; a desposada deixara seus habitos de festa, os enfeites, para envolver-se no burel grosseiro. Suas tranças foram cortadas, porque, como as outras virgens que povoavam o côro, ella não devia ter para ser bella, mais do que a sua belleza.»

Sente-se n'estas palavras do poeta a dôr do coração de um pae, a quem todo o sentimento e uncção religiósa não podem consolar. Verga diante d'essa agonia, resigna-se. Passado o anno do noviciado ainda o coração virginal de Marcella palpitava com o amor divino. Pronunciou os votos, e professou.

«Ella dormia sobre a palha fria e dura, e andava descalça; o corpo andava occulto em uma vestimenta humilde; só os olhos eram a expressão de sua alma. Oh bemaventurado desengano das cousas da terra! —exclama o poeta na solidão do seu amor.—Esta virgem tão bella, tão casta, tão pura, consagrou a Deus os seus dezesete annos!»

Estes desgostos da vida foram-o levando á sepultura; Lope de Vega succumbiu no auge da admiração. O seu funeral foi imponentissimo, como o de Miguel Angelo. Marcella, a intelligente filha do poeta, pediu para o cortejo passar pelo convento das Trinitarias descalças. No momento em que o préstito parou diante do mosteiro, viu-se apparecer por entre as grades avaras um semblante macerado por uma dôr lenta. Era Marcella chorando á morte do pae, talvez pungida pelo abandono em que o tinha deixado. Instantes depois, sumiu-se na escuridão da cella, e ninguem soube o que a levara na candura dos dezesete annos a abandonar seu pae na desconfortada velhice.

A Ogiva sombria

> **Sem duvida, no tempo da mais bella flôr da architectura gotica, quando foi construida a cathedral de Colonia, ligava-se uma grande importancia a estes numeros symbolicos, porque a concepção ainda confusa das idéas racionaes, contenta-se facilmente com estes signaes exteriores.**
>
> **HEGEL — *Esthetica.***

A Cathedral! a creação suprema da Edade média, em que a arte, pelo sentimento, em uma strophe de pedra, sabe concentrar o espirito radiante do christianismo, pela força audaciosa do symbolo! Ella representa a aspiração incessante da alma que se eleva para o céo; é ella como a Esposa dos *Cantares*, que espera em silencio a visita do Amado, e se veste de suas galas e realça de encantos. A curva suave da *Ogiva* imita uns párpados languidos, uma pupilla scismadora, enleiada n'aquelle extasis sensual do amor divino, que Thereza de Jesus sentia nos seus delirios mysticos; as flexas atrevi-

das, atiradas para os áres, a linha a infinitivar-se, a perder-se no espaço, as *agulhas* bordadas, rendilhadas, são os cabellos dispersos, fluctuantes da donzellinha, que se assenta cansada de errar pelas brenhas e em volta da cabana dos pastores á busca do amado. A *cupula* altiva, representando aquelle momento em que a alma se desprende dos limos terrenos e se absorve toda na mystica unitiva, é o collo, que o poeta dos *Cantares* comparava á torre de marfim que olha para o occidente, e cuja magestade é similhante á da lua que se alevanta. Miguel Angelo chama tambem a uma egreja, nas effusões do seu pantheismo artistico, *mia sposa.*

Cada monumento antigo é como uma fronte veneranda, enrugada pelos seculos, animada por uma expressão profunda. Essa expressão é a linguagem dos évos, creada pelo espirito que não póde contemplar um facto, acreditar na sua existencia independentemente de uma idéa, de uma razão de ser que procura achar n'elle. E' a fatalidade do enigma do sphinge. As Cathedraes goticas reunem quasi sempre a lenda piedosa com a lenda grotesca e diabolica; ellas são como a incerteza da alma que paira duvidosa entre a possessão e o extasis. Umas vezes, são os anjos que vêm de noite trazer de longe grandes blocos para a edificação da fabrica, que lavram a pedra, que alevantam o mosteiro. E' a inspiração do anonymo nas obras grandiosas. A's vezes, é o diabo, que *com a mira* em dilatar o seu imperio faz tudo, e

transporta para a construcção as melhores peças que rouba de outros monumentos, como uma columna do templo de Diana em Epheso para o templo de S. Zenão em Verona. A alma do architecto está retratada na sua concepção; receiando de suas forças para realisar o ideal sublime dos sentimentos do christianismo nos monolithos de marmore para que cria uma fórma, não teme evocar a potencia das trevas. Nas Ogivas escuras, soturnas das Cathedraes goticas, nos arabescos extravagantes das janellas esguias, nos monstros boqui-abertos que servem de goteiras, nos basiliscos informes dos pedestaes, reflecte-se esta alliança do mysticismo poetico com o mysticismo divino. Muitas vezes a Cathedral tem o mysterio de um symbolo que se mobilisa para exprimir os sentimentos da humanidade; com as invasões e descobrimentos maritimos ella toma a fórma de um navio voltado para o Oriente, d'onde lhe vem a luz; tambem imita uma cruz estendida ao longo, como na nossa maravilha de architectura, a Batalha, o poema da crença e do heroismo de um seculo.

Estamos em plena Edade média. A noite era caliginosa e tetrica; o coriscar frequente dos relampagos, o ribombo estridente dos trovões repercutindo-se distante, e o restrugir medonho da floresta, completavam as harmonias intraduziveis da tempestade. A alma, diante d'este espectaculo estupendo da natureza, sentia uma pressão que a fazia concentrar-se possuida do sentimento do in-

finito, a que os homens que tudo indagam e submettem ás formulas metaphysicas chamam — o *sublime.*

Via-se através da escuridade absoluta das horas mortas um clarão incerto, como de alampada veladora. Seria algum discipulo de Flamel ou de Lullo absorvido pelos mysterios da alchimia, submettendo a materia, interrogando este Proteo eterno, que, a cada pergunta ostenta uma fórma diversa, e responde de mil modos differentes, sem que cheguem a surprehender-lhe o segredo de sua simplicidade? Seria um monge solitario enlevado na paz ignota da vigilia, procurando, no silencio da noite, elevar-se pelo coração até Deus? A luz jorrava da janella do aposento humilde e sombrio. Dentro, sentia-se o respirar cansado de um peito oppresso; a alampada espalhava em tôrno uma penumbra em que fluctuavam as visagens caprichosas de uma mente tresvariada, e vinha reflectir-se pallida, descorada sobre o rosto macilento, em que os gestos davam uma expressão incomprehensivel como os pensamentos que o agitam. Via-se n'aquelle rosto impressa a anciedade dos que penetram pela intuição a verdade de um problema insoluvel, e uma distracção leve lh'a fez esquecer. Sobre uma mesa estavam pergaminhos extensos, desenrolados, cobertos de linhas cabalisticas, com que se evocam os espiritos nocturnos, compassos e astrolabios, espheras e mappas.

Era alli que morava mestre Gerardo, o archi-

tecto da Cathedral de Colonia. Estava contemplando o traçado da sua obra; a physionomia animava-se-lhe de quando em quando com uma luz, um resplendor vivo de transfiguração, como n'um extasis em que o ideal se deixava tocar, determinar em uma fórma só concebida pela mente do homem. Os cabellos andavam-lhe revoltos, espalhados sobre a fronte, como nas convulsões de uma sibylla quando entrevê o futuro, e sente o influxo vertiginoso que lhe dicta o vaticinio. Depois, uma sombra espessa, como de um desgosto repentino, veiu offuscar-lhe a serenidade que se lhe espelhára na fronte, em que os annos redobravam a magestade. N'isto, levou a mão á cabeça, como para suster o impulso de uma idéa que lhe occorrêra:

— A arte! a arte! é ella que me vem descobrir estas linhas que eu fixo no marmore, e que hão de ser a admiração dos seculos. Ella vem-me ensinar este segredo do ornato, a variedade disposta de modo, que leva o espirito á unidade do pensamento. A arte é uma religião que inspira tambem uma fé viva, ardente, intensa, e dá forças para affrontar a duvida, que cerca e punge o espirito creador. Um dia duvidaram de mim; não imaginavam que eu podesse levantar essa mole de pedras, uma Cathedral representando o vôo mystico da alma! Riram-se do plano da minha obra! Eu tenho pensado dias e noites, como na virgem eleita dos sonhos da mocidade. A Cathedral! ella apparece-me na phantasia, illuminada

por um sol fulgurante, trasbordando de musicas e harmonias suaves, perfumada de incenso, revestida de purpura, recamada de ouro, como a noiva que se veste para entrar no aposento do real esposo. Cada pedra que se vae dispondo, cada arco, cada pilastra erguida, é a ponta de um véo que se alevanta e me deixa vêl-a, sonhal-a, idealisal-a sobre essa realidade incompleta. ¡E' como a terra que vae apparecendo vagarosamente ao nauta cansado das tormentas, á medida que se esvaece o nevoeiro da madrugada. A Cathedral! a Cathedral! eu scismo e estremeço diante d'ella, quando a contemplo; sinto o delirio do artista grego apaixonado pela carnalidade que ia descobrindo o seu escôpro. Ella parece-me uma fada escondida, e que a arte me descobre o segredo para quebrar-lhe o encantamento, e mostral-a excelsa, bella, radiante elevando-se para o alto n'uma ascenção divina. Eu queria vêl-a suspensa nos ares, servindo-lhe as nuvens e os cumulos alvacentos de pedestal! Agora já me não inspira terror o desdem dos meus inimigos: descobri a ultima strophe do poema da minha vida, hei de confundil-os, fazel-os curvar-se adorando-a: é o zimborio, a cupula arrojada ás alturas, similhante ao vôo extatico da alma até á absorpção em Deus.

Havia n'estas palavras a vibração frenetica do delirio; mestre Gerardo de Colonia ficou silencioso como na prostração dos fortes impulsos que lhe déra a alegria. Os olhos brilhavam humede-

cidos, scintilantes, exprimindo o regosijo intimo da contemplação da sua alma. E tornou a inclinar-se sobre a folha de pergaminho, a recompôr na mente as linhas que alli traçara n'um momento de inspiração. Depois, accometido por um novo accesso de enthusiasmo, arremessou de si o traçado; os olhos flammejaram coruscantes, parecia que estava doido:

— Eu quero mostrar assim, que essas Confrarias dos obreiros constructores de Strasburg, de Vienna, de Zurich e Magdeburg não podem disputar a proeminencia a Colonia. Todos os obreiros e artifices da Baixa-Allemanha hãode reconhecer em mim a supremacia do chefe. Que importa que Strasburg queira ser a séde da grande mestria? De que vale a homenagem prestada pelas confraternidades maçonicas da Alta-Allemanha, de uma parte de França, da Hesse, da Suabia, de Thuringe, da Franconia e da Baviera? O zimborio da Cathedral ha de erguer-se bem alto para a admiração de todos.

E calou-se de repente, como envergonhando-se diante de si mesmo, de se haver deixado possuir d'aquella vaidade. Depois continuou com dor:

— Quantos monumentos estupendos, quantos obeliscos gigantes, que assombram as edades, e que mostram o poder creador do homem, competindo com as creações de Deus, quantas maravilhas espalhadas pela superficie da terra, e que o architecto não quiz que se soubesse o seu nome, com uma abnegação sublime da gloria do

mundo! Eu que ainda não completei a minha obra, que a tenho aqui na cabeça, nem sei mesmo se chegarei a realisar este sonho, se terei a força de Atlante para suster nos ares a cupula audaciosa, eu, mesquinho, ufano-me, ensoberbeço-me! O genio não tem consciencia de si, não conhece o poder magico de que dispõe, por isso não se infatua. O que é a gloria do mundo ante a gloria celeste! Illusão que nunca chega a ter um momento só de realidade; é uma nuvem tenuissima que tolda o azul diaphano do empyreo. Para a alma do que preliba os encantos do céo, a gloria do mundo é uma tentação dolorosa, um martyrio incessante; porque então para ella a vida é como a luz vivida da alampada, que se consome no silencio da noite diante da imagem veneranda; assim, a alma procura envolver-se no olvido, no esquecimento de si para resplandecer mais pura.

Os legendarios estão cheios d'estas luctas violentas com os sentimentos mais profundos do coração do homem. Um dia Rubens estremeceu attonito diante de um quadro escondido na penumbra de um côro em uma egreja hespanhola; o quadro era um mysterio quasi impossivel de ser traduzido, divulgado pelas côres sobre a tella. Era a morte do justo. A morbida expressão do rosto macilento, uma auréola divina diffundindo-se em roda, a alma anciosa pelo jubilo do céo a exhalar-se docemente, como o ultimo raio do sol da tarde, e por sobre a cabeça os anjos

debruçando-se das alturas a contemplarem o monge na hora do passamento! Era uma transfiguração sublime, a idéa mais bella, a que resume todo o christianismo, revelada pela arte. Quando o grande pintor voltou a si d'aquelle extasis imprevisto, sentiu-se pequeno ao pé de uma creação tão perfeita. Perguntou ao monge que o conduzia, que pincel realisára tamanha obra, para confessar-se seu discipulo, e proclamal-o á admiração do mundo. O monge sentiu um estremecimento convulsivo, e respondeu-lhe apenas: — «Não é já do mundo!» e quando elle voltou á sua cella, juntou os pinceis, a palheta e lançou-os na corrente de um ribeiro que deslisava manso á falda da janella; e para esconder as lagrimas que ainda uma vez lhe escaldaram as faces retinctas na palidez da penitencia, foi procurar conforto na oração fervorosa. Como não teria tambem esta energia para luctar comsigo aquelle que escreveu na mudez da cella um livro de resignação e conforto, a *Imitação de Christo*, e que abnegou d'essa gloria para não tornal-o uma mentira!

Mestre Gerardo de Colonia ficára absorvido em uma meditação profunda. A tempestade continuava solemne e grandiosa na mudez da noite. Sentiu um leve rumor no aposento, que a contenção de espirito em que estava mal deixou perceber. Prestou ouvidos. Batiam á porta.

— Quem será? assim tão fóra de horas! — e correu os ferrolhos. Entrou uma figura alta, em-

buçada em um gabinardo longo, o rosto assombreado pelas abas de um largo chapeirão. — Quem sois? — inquiriu o architecto, preoccupado ainda na sua abstracção.

— Sou um irmão da Confraria dos obreiros constructores de Strasburg; — tornou o desconhecido com uma voz cava.

— Entrae.

Sentaram-se, contemplando-se um instante silenciosos.

— A que vindes?

— O que me traz? — redarguiu o desconhecido com um tom de ironia acerba, — deves sabel-o melhor do que ninguem. Confias no zimborio da Cathedral de Colonia, para quereres assim submetter á tua supremacia a mestria central de Strasburg. É impossivel e chimerica essa tua loucura. As grandes lojas querem todas a independencia. Demais o zimborio, a obra que é o teu orgulho, não está prompta e talvez nunca a possas levar ao cabo.

Mestre Gerardo ficou espantado, hirto de raiva diante da audacia do desconhecido. Depois, volveu-lhe com uma severidade que lhe abafava a voz:

— Ainda sou architecto! e o zimborio ha de ser o primeiro a saudar no alto os alvores do sol quando se alevanta. Juro pela minha alma.

— Aposto em como te enganas!

— Aposto em como te hei de confundir, e a todas as mestrias rebeldes da Allemanha! — insistiu o architecto.

— Pois bem! Eu comecei ha dias a obra do Aqueducto de Treves, e espero ainda vel-o acabado antes de teres prompta a Cathedral. Se assim não for, no dia em que deres por acabada a tua obra, despenho-me do Aqueducto. Tu precipitas-te tambem dos coruchéos da Cathedral se eu vier reclamar primeiro? Acceitas a aposta?

— Acceito.

— Juras?

— Juro.

A este instante ouviu-se longe o canto do gallo. O interlocutor mysterioso desappareceu subitamente ás primeiras notas do nuncio da alvorada. Foi então que o architecto reconheceu o — diabo; não quiz acreditar na realidade d'aquelle pesadello. O canto do gallo é celebrado nos hymnos da egreja, principalmente nos de Santo Ambrosio. *Gallo canente vigilemus omnes.* Elle symbolisa a voz interior que desperta a alma do somno da tentação; foi o canto do gallo que despertou tambem a Pedro no atrio do Pretorio, quando renegou o Mestre. No mysticismo poetico elle representa uma parte importante. A imaginação exaltada pelos sonhos da noite não podia deixar de revestil-o de mysterio. Já a Grecia lhe havia formado o mytho: é o castigo de Alectrião. A sombra que reclama de Hamlet uma vingança, o côro das feiticeiras de Macbeth, desapparecem com a magia d'esse canto.

Um dia o architecto subira á Cathedral; estava prestes a terminar-se a cupula. A alegria hallu-

cinava-o. Appareceu-lhe então uma cabeça disforme, rindo, confrangendo-se em esgares satanicos por entre as sombras profundas de uma ogiva. Disse-lhe que estava prompto o Aqueducto de Treves. Mestre Gerardo empallideceu e voltou o rosto á pressa! Aquella nova enterrava-o. Baixou os olhos como para suspender uma vertigem instantanea, fatalmente o relance mediu a altura da Cathedral; o angulo visual dilatou-se de modo que lhe produziu a attracção do abysmo. Resistiu debalde, vacillou um instante e despenhou-se por fim. Disseram que fôra a alegria explosiva de vêr a sua obra, que lhe causara o desvario que o precipitou.

Assim conseguiu estabelecer o seu predominio a Mestria central de Strasburg.

As aguias do norte

(CONTO POLACO)

HARPA sacrosanta, orvalhada pelas lagrimas dos videntes, que repousam sobre ti frontes encanecidas, banhadas no pranto do captiveiro, quando á tarde abandonada na solidão do exilio, á beira da torrente, a aragem vespertina vinha gemer em tuas cordas, o cantico remoto era como o anceio de um coração oppresso, ai, que se perde confundido com o rojar das cadeias.

Inclina-te agora em meus braços, e vibra-me um canto de desespero, insoffrido, eterno, para acordar a turba, que dorme sob o peso das gargalheiras.

O vento livre saberá levar a toada longinqua, para achar ecco no peito dos desgraçados. Patria! patria! és a tunica inconsutil sobre que rodam os dados do infortunio.

Polonia! tu és o peito exangue, ferido pela lança do incredulo. Podesse o teu sangue dar a vista ao que te fere com mão obstinada. Ao menos, que o teu ultimo arranco afaste para bem longe o bando dos abutres selvagens que pairam sobre ti, Prometheu, algemado em terra, mas, que ainda nas convulsões da agonia mostra a animação do fogo divino da liberdade.

Oh! mas o que vale ao poeta desterrado contemplar a ruina da patria! Para que ha de elle pedir á sua harpa um canto de angustia e saudade. se aquelles que o escutam e se sentem fortes para luctar com um esforço sobrehumano, são depois martyres do sublime enthusiasmo?

Que tristeza profunda o lembrar-me que o meu poema a *Tentação,* exaltando os estudantes da Lithuania para sacudirem os tyrannos, fez com que os oppressores arrojassem para os steppes e minas da Siberia a flôr da mocidade da Polonia! Pobre Karl; ainda tenho aqui a carta em que elle me conta os trabalhos da jornada para o desterro:

De um estudante de Lithuania ao Poeta anonymo da Polonia

«Em todos os tempos a poesia tem sido a expressão dos sentimentos profundos da humanidade; chora com as suas dôres, e é ella que vae ao sepulchro das nações proferir o *Surge et ambula* á raça supplantada pela pressão dos despotas.

Desde os prophetas de Israel, e Tyrteu e Callino até Rouget de Lisle, Kerner e Poetefi, a poesia tem dirigido as revoluções; é como a columna de fogo que leva á terra promettida através dos errores do dezerto.

Nós eramos crianças, animados dos sentimentos mais puros, que a edade não deixa contaminar; choravamos de magoa e despeito, com vergonha de vermos envilecida, sob o jugo obscurante dos czares, esta pobre patria esmagada por um colosso de inercia e barbarie. Um dia appareceu-nos um poema estranho, novo, um grito ancioso em que se exhalava uma alma. Pareceu-nos a voz da Polonia que nos chamava em seu desalento; sentimo-nos fortes no primeiro impulso.

Estudavamos em Lithuania; uma noite reunimo-nos para lêr o poema. Brilhava em cada rosto um lampejo de colera e esperança. Cada estrophe era um sobresalto, a anciedade do sacrificio. Eramos como aquelles crentes dos primeiros seculos do christianismo, tinhamos a sêde do martyrio. A noite da conjuração era tempestuosa como os pensamentos que nos agitavam. Jurámos alli, com as mãos sobre as estancias mysteriosas que nos vieram despertar do lethargo da oppressão, abnegar do amor, da familia, da vida, por esta desgraçada Polonia. A alampada solitaria que allumiava o aposento deixava uma penumbra phantastica e terrivel, como em um tribunal whemico; os olhos coruscavam com brilho de alegrias

sanguinarias. O enthusiasmo precipitava-nos. Sentiamos forças de Atlante, uma audacia e tenacidade para a lucta; mas, via-se ao mesmo tempo em cada rosto a sombra, não sei de que pensamento funesto, de uma aspiração irrealisavel. Seria uma desgraça imminente?

Quando nos abraçamos como irmãos na mesma crença, para os transes mais dolorosos, correram as lagrimas, ferventes, como nos momentos rapidos de uma despedida para sempre. Havia um silencio augusto. Parecia que o céo e a terra escutavam o nosso juramento; que a patria agrilhoada interrompera os lamentos para escutar a voz consoladora de seus filhos, que esperavam o dia da redempção.

Foi então que ella appareceu, Hedwige, a mulher que eu amava, o cabello destrançado pelo vento da noite, cansada, offegando, sem côres, enfiada de susto. Julguei-a uma apparição angelica, que baixava para trazer-nos a palma do martyrio, a annunciar os transes d'este horto em que estavamos recordando as agonias da Polonia. Como ella estava bella, radiante; era uma prophetisa, altiva como Débora quando proclamava ás gentes a lei, a sombra das palmeiras entre Rama e Bethel, sobre as fronteiras de Benjamim e Ephraim. Ficámos suspensos, esperando o hymno que havia romper dos labios sellados por um mysterio profundo. Como deixou ella a casa de seus paes, nas sombras da noite medonha? *Como soube* onde estavamos; quem a trouxe aqui?

Fôra o amor, esta illuminação da segunda vista. Hedwige proferiu, depois de alguns instantes de repouso, com a voz entrecortada e tremula:

—Ainda é tempo! Os soldados russos vêm em busca de nós; sabem da conjuração, e persegem-nos; poupemo-nos para a hora suprema do resgate.

Depois ella veiu para mim e abraçou-me. Ia começar a fallar, quando se sentiu na rua o estrepito de armas, e vozearia de uma soldadesca brutal e desenfreada. Não me custava a vida; mas tel-a a meu lado, alli! vêl-a sujeita á irrisão e malvadez dos que vinham para prender-nos! Pobre Hedwige; ella abraçou-me e sorriu-se:

—Tens medo? vejo-te tão pallido! Receias que eu não tenha coragem para corresponder á tua bravura? Eu sou mulher, é verdade. Era ao suspiro de uma mulher que a liberdade romana acordava sempre. Lucrecia e Virginia ensinaram-me tambem a ser forte um dia. Karl! eu sinto que n'este instante nos une um amor mais alto e desinteressado, que nada tem das paixões terrenas. Dá-me o abraço que ha de fundir n'uma só as nossas almas para sempre. Agora já te posso dizer como Arria, se te visse esmorecer no perigo, o que elle disse levando o punhal ao peito: *Pœ, us, non dolet!*

O tumulto, o som confuso das armas, o tropear dos soldados, não me deixaram ouvil-a mais. Entraram na sala sombria, como uma onda turbulenta que irrompe derrubando os diques e

se precipita como um vertice fremente. As armaduras reluziam, e nos causavam a vertigem do terror. Um frio lethal escoou-se por mim; lembrou-me luctar para defendel-a.

Reinava um silencio de morte. Já sabiamos a sorte que nos esperava. Depois vieram lançar-nos as cadeias pesadas, as gargalheiras infamantes da escravidão, ultrajando com risos aquelle sentimento puro que nos dava constancia para o martyrio. Era impossivel resistir; todo o esforço seria inutil. Deixei passivamente algemarem-me. Um olhar firme de Hedwige inspirou-me uma resignação indizivel. Não sei que apparencia divina, que irradiação sublime, etherea, envolvêra o rosto da minha amada, que os soldados não se atreviam a aproximar-se. Seria esse terror, que fazia cair em terra, fulminados, os que tocavam na Arca sacrosanta? Na serenidade altiva que ella mostrava n'este instante, conheci-lhe uma resolução extrema; Hedwige queria tambem ser prisioneira, para soffrer commigo as dores do desterro. Ella lançou mão do poema que estava sobre a mesa, e começou a recitar algumas das estrophes mais arrebatadas, com uma voz prophetica, no tom mysterioso de uma sibylla. A magia d'aquella voz sentida prendia; ficaram immoveis, quedos, escutando-a:

Fragmentos de uma Elegia polaca

—«E lentamente, mui lentamente, por detraz do Homem-Deus, avança deslumbrante de bel-

leza e sem vestigios de morte a minha dilecta Polonia. — Ella pára sobre os umbraes da Sião promettida a todos os povos, e — d'estas alturas sagradas sua voz retumba, dirigindo-se ás nações reunidas muito longe, lá em baixo, nos términos do espaço.

«A mim, a mim, oh vós, raças fraternas! A ultima lucta do derradeiro combate terminou;—os embustes das traições e das mentiras terrestres estão destruidos. — Subi commigo para o reino da paz.» — E o côro das nações lhe responde: «Benção e gloria a ti, oh Polonia! porque ainda que tenhamos todas soffrido, — tu supportaste mais tormentos que nenhuma de nós,—Pela enormidade das injustiças accumuladas sobre ti, conservavas constantemente o inimigo debaixo do raio de Deus!—No transe do martyrio, tiravas de teu coração uma vida mais energica que a dos teus oppressores, — e pelo teu sacrificio nos salvaste. — Benção e gloria a ti, oh Polonia!»

Oh! quantas vezes por uma noite sombria do outomno, a voz de minha mãe ou de algum antepassado sáe do tumulo, e chega até mim para me fallar do futuro. — Eis que a este ruido mysterioso, visões estranhas me apparecem. — O canto de triumpho soltando-se do peito de milhões de homens, resôa em derredor. — Os vencedores passam em phalanges innumeraveis, — eu vejo as brancas, resplandecentes figuras das irmãs e dos irmãos libertados da escravidão; — a centelha da immortalidade faisca de todas as frontes.

— Mesmo sem azas, elles vogam no ár, como se fossem alados; sem corôas brilham como se fossem coroados. — E eu mesmo prosigo no meio de todos, e me sinto em uma especie de céo desconhecido, antecipado.

E, quem sabe? talvez que a prophecia dos meus sonhos se realisasse já sobre o tumulo da Polonia! E não havia senão eu, eu cadaver, que faltava entre os resuscitados! Oh, através d'estas grades e d'estes muros que me fecham como as taboas de um feretro, o meu espirito se illumina e se expande ao longe, transpondo o tempo e o espaço! — Sim, eu vejo: além, por toda a parte myriades de estrellas e flores; — o mundo regenerado celebra suas nupcias com a joven liberdade! — Na aresta dos Alpes, no cimo dos Carpathos, o céo resplandece com os raios da mesma aurora, —e todos os povos unidos, confundidos, parecem formar um só oceano, por sobre o qual é levado o espirito de Deus [1].»

Á medida que ia proseguindo no canto, Hedwige, como a Sulamite dos *Cantares*, comparada á torre que olha para o occidente, parecia suspensa; o semblante com a graça diaphana de um seraphim. N'aquella elevação surprehendente, a commoção embaraçou-lhe a voz; não pôde fallar; ficou hirta, livida, como na concentração violenta do extasis. Era o genio da Polonia incarnado

[1] Strophes XIX, XX, XXI do poema *O Ultimo*, do conde *Sigismundo* Krasinski.

em uma mulher que soffria. Hedwige ficou silenciosa; nem um queixume, uma lagrima sequer, quando lhe roxearam os pulsos. Quando tornou a si, e conheceu que ia compartilhar commigo a mesma sorte, sorriu-se, com a expressão divina da alegria dolorosa e da resignação.

Dias depois leram-nos a sentença. Doze annos de desterro e trabalhos na Siberia. Hedwige escutou impassivel. Custava-me tanto vel-a soffrer em silencio; ella fazia um esforço inaudito para não vergar com as dores excessivas; não queria redobrar o meu soffrimento. Oh meu Poeta! foi então que me convenci de que o homem é o lobo do homem; peior ainda que o lobo cerval, porque espia os segredos da nossa alma, e antes que nos inflijam as sevicias do corpo, torturam-nos o espirito, insultando os sentimentos mais recatados e santos que nos dão coragem nos desalentos da vida.

Partimos todos na carroça dos desterrados, um *kibitka* peior que o tormento inventado para matar o integerrimo Atilio. As rajadas do inverno eram cortantes, e tiravam-nos todo o vigor para avançar; depois, vieram amontoando-se os gelos, e nos obrigaram a proseguir a pé; a desolação dos steppes, por onde passavamos, despertava-nos não sei que sympathia, talvez porque eram uma similhança visivel do abandono e ruinas em que estavam nossas almas.

Hedwige, delicada e fragil não podia caminhar mais, via-a desmaiar pouco a pouco; a lividez

do sepulchro no semblante desbotado! Parecia-me a flor mimosa, emmurchecida com as geadas da noite. As pancadas do *knut*, um látego formado de tiras de couro crú e rosetas de ferro, com que a verberavam para adiantar caminho, esgotaram-lhe as forças. Eu não sei que haja palavras humanas para exprimir a dor e a raiva que senti n'esse instante, porque o coração do homem nunca soffreu tanto, para descobrir uma expressão para este infinito da angustia. Hedwige nem se atrevia a olhar para mim; depois vi-a cair transida de frio e cansaço; esgotára o ultimo esforço. Quizeram deixal-a sepultada entre o gelo. A noite vinha a fechar-se asperrima, atroz; eu não podia sequer lembrar-me que o corpo da minha amada ia ser em breve pasto dos abutres. Via-me tambem já sem forças. Pedi para leval-a aos meus hombros.

Era a loucura e egoismo do amor, que fazia com que a conduzisse, para sentir ainda agonias mais violentas que a morte.

— «Oh! antes me deixasses sepultada na solidão dos steppes, exposta ás aves nocturnas, do que vermo-nos agora separados para sempre!» — Disse-me ella a abraçar-me phrenetica, louca, quando nos separaram, mal que chegámos ás minas da Siberia.

Os meus companheiros do infortunio não os tornei mais a ver; Hedwige foi condemnada ao trabalho das minas de mercurio, muito longe. Não soube mais d'ella. A mim, enfiaram-me um

capote de feltro e desceram-me por uma corda pelas gargantas da terra, por um boqueirão escuro; á medida que ia baixando, ia sentindo vozes confusas, ruido de enxadas. Então, vi na obscuridade profunda a luz baça e mortiça das lampadas de segurança, e uma multidão de homens escaveirados, magros; era uma cidade de mumias. Era aquella a minha habitação para doze annos de existencia. Admirava-me de ver alli crianças; filhos dos desgraçados obreiros, rachiticos, enfezados, não conheciam a luz do mundo, a vida resumia-se no trabalho insano. As dores que supportava haviam-me embotado o sentimento, tinha a impassibilidade do idiotismo, a mudez do assombro. Ás vezes uma lembrança longiqua de Hedwige e de minha mãe, a quem não pude dizer ao menos o extremo adeus, me davam a consciencia de que ainda vivia; mas não podia alliviar-me com as lagrimas.

Os que me viam nunca se atreveram a perguntar qual o meu crime. Não sei que esperança me prendia á vida, para que me não despedaçasse contra as rochas que ia arrancando. Estava já acostumado á obscuridade. Um dia começou a lembrança de Hedwige a occupar-me a imaginação. Seria uma saudade viva? algum presentimento? Lembrar-se-hia ella tambem de mim n'esse instante? Julgava-a já morta, criança e debil como era. Sem Hedwige, para que queria eu a vida? Oh! se a visse ainda uma vez morreria contente, resignado, perdoando tudo quanto

os que se dizem meus similhantes me fizeram soffrer.

«Era uma loucura esta idéa. E continuavamos silenciosos a romper a mina lobrega e funda. Começámos a sentir um écco surdo; eram os trabalhadores de outras minas, que se encontravam. Continuei a trabalhar com mais afan, na direcção d'onde vinham os sons abafados.

Encontrámo-nos dias depois. Que alegrias, que abraços intimos entre aquelles socios da desgraça. Se estivesse ali Hedwige! Que fatalidade! o meu desejo era o presentimento. «Já te esqueceste de mim?» Senti um abraço sem vigor; fitei nas sombras o vulto, que me fallava e me estreitava a si. Era ella, livida, desconhecida, com a magreza da consumpção; o mercurio penetrára-lhe a parte esponjosa dos ossos. Tive horror do ente que amava, era só a compaixão que me prendia a ella.

—«Lembras-te das palavras de Simeão quando na apresentação do templo viu o Messias em seus braços? Hoje digo-te o mesmo, Karl; já posso morrer.»

E eu continuei a viver para vêr prolongados a miseria e os flagicios incriveis, que me cercavam. Já não tinha o amor, que alimentava as horas da minha solidão. Hedwige tinha-me expirado nos braços; soltára a alma candida, acrysolada nas tribulações, no ultimo beijo, que recebeu de mim. D'ahi por diante a vida pareceu-me mais impossivel de supportar; eu não vivia, vegetava como

o lichen no fundo de uma caverna escura. A imbecilidade proveniente da atonia e dos pesares indescriptiveis prolongara-me a existencia vegetativa.

Lembrava-me minha mãe. Se a tornaria a vêr ainda! Estaria ella já no sepulchro, ralada com a saudade da ausencia, cansada de esperar a volta do captiveiro? Sem successos, nem distracções, que me preoccupassem a vida, cada momento parecia-me um seculo de desesperação. Estes doze annos foram uma outra existencia. Quando voltei á patria julguei um renascimento; mas tornava a apparecer á luz do mundo para mais provações e dóres, porque minha mãe estava morta; a patria, o que ainda me fazia palpitar o coração com vida, vejo-a esquecida, inerte sob o jugo prepotente da Russia. Hoje escrevo-lhe, meu Poeta, porque é a unica pessoa, que me resta no mundo, e só me prende á vida o juramento, que que fiz de immolal-a no altar da patria.—*Karl.*»

O Poeta anonymo da Polonia produziu com os seus poemas o mesmo que Mickiewich, o auctor do *Banquete de Walenrood.* Só depois de morto é que se soube o seu nome; era o conde Sigismundo de Krasinski. A liberdade da Polonia fôra o unico ideal da sua inspiração; é ella sempre que transluz nas maravilhas com que enriqueceu a litteratura polaca, nos *Psalmos do Futuro*, no *Iridion* na *Comedia Infernal* e na *Tentação,* a que anda ligado este facto que narrámos.

O relogio de Strasburgo

(CONTO DE 1352)

A Edade média está completamente caracterisada nas suas lendas; porque se não hade por ellas recompôr a historia, animal-a com essas côres vivas, dar-lhe movimento. A mais extensa, a que absorveu todas as imaginações rudes e creadoras, foi a lenda do Diabo, reproducção do dualismo persa, que apparece fatalmente no periodo instinctivo da genése religiosa. D'esta idealisação do mal provém, na arte, a realisação anonyma do grotesco, muitos dos velhos fabularios, e na ascese divina a tentação de que estão cheios Ribadaneyras e Bollandistas.

A sciencia, nos primeiros seculos da Egreja, foi despresada, amaldiçoada como inutil e perigosa,

porque tornava o espirito rebelde, orgulhoso; a alma perdia com ella a simplicidade, que a elevava até Deus. A observação das leis physicas do mundo era uma impiedade; Bacon e Sylvestre II foram olhados como feiticeiros. E' um martyrologio interminavel o desenvolvimento da razão. Foi um dos algozes Sam Paulo: «Eu destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a sciencia dos eruditos. O que é feito dos sabios? O que é feito d'estes espiritos curiosos das sciencias do seculo? Não os ha convencido Deus da loucura das sciencias d'este mundo?» A Egreja não se contentou com a acrimonia da invectiva, quiz encarnar este verbo do obscurantismo. As luctas e as agonias que se seguiram estão perpetuadas em um sem numero de lendas sobre as revoltas do espirito, que vieram a synthetisar-se no typo do *Fausto*.

Em pleno seculo XIV. O sol brilhante, em um céo sereno e limpido de um dia de alegria, derramava-se em torrentes sobre a cathedral de Strasburgo. Voltada para o oriente, segundo o rigor do symbolismo religioso, recebia a luz do alto, como um cenaculo em que as linguas de fogo vinham revelar os mysterios da vida e a serenidade, que ella havia de infundir aos tristes que se accolhessem, corridos das tempestades do mundo, na tranquillidade do seu recinto. A luz reflectia-se coruscante das vidraças, que ostentavam um rosicler das côres mais caprichosas e vivas; *cada pedra*, cada angulo, cada saliencia destaca-

va-se mostrando os rendilhados e lavores exquisitos; a torre parecia então mais altiva, não topetava com as nuvens, perdia-se na profundesa do espaço azulado e puro. Era um bello dia de primavera.

Diante da cathedral magestosa foram-se agrupando pouco a pouco alguns vultos ociosos; e, attrahida *na razão directa das massas*, instantes depois a multidão fluctuava impaciente, como quem espera um prodigio annunciado, *exempli-gratia*, um ecclipse. Não era nenhum ecclipse, nem tampouco o apparecimento de um cometa, que então fazia tremer os pontifices e os reis. Não era mesmo procissão esplendida, que o povo e os amadores de tertulias estavam esperando com anciedade. O que seria então?

Uma figura extranha, embuçada em um tabardo escuro, chapéo emplumado ao uso da côrte, vinha montado, a passapello, em um cavallo fouveiro; custava-lhe a romper por entre a turba apinhada; estrangeiro ali, não quiz atropellar ninguem, e resolveu esperar que o concurso fosse diminuindo.

— O que está toda esta gente aqui a fazer, em um dia de trabalho? — perguntou o desconhecido para um rapáz, que parecia esconder-se entre o vulgo, com um ár de tristeza e de uma dôr indizivel.— Ha alguma procissão ou festa de jubileu? Ainda as portas da cathedral estão fechadas.

— E' certo que vindes de bem longe,—volveu-lhe vivamente o pobre rapaz—pois que ainda vos

não chegou a fama do grande Relogio de Strasburgo. E' uma maravilha da Allemanha. Não vêdes aquella estatuasinha da Virgem? Diante d'ella, vem ao bater do meio dia os trez Reis Magos com seus presentes, e o Gallo automato, que lá está, saccode as azas logo que o sol toca o zenith.

O cavalleiro não teve tempo para comprehender o que ouviu, porque um susurro immenso, repentino, burburinhou por toda a praça. O carrilhão de Strasburgo dava meio dia. Ficaram boquiabertos, attentos esperando o apparecimento dos Reis Magos. Sentiu-se primeiro o ruido estrepitoso de umas azas pesadas, depois o clangor de uma voz énea, soturna. O cavalleiro estava pasmado com o que via. A fama do Relogio de Strasburgo correra as partidas do mundo. Os palacios, os mosteiros, os castellos desejavam uma maravilha egual. Ignorava-se o nome do artista. O cabido da cathedral ufanava-se com tão magnifico e singular artefacto.

— Oh! dize-me, — acudiu o cavalleiro, saindo do espasmo da admiração — dize-me quem fez esta obra prodigiosa, que é a inveja de todas as cidades do mundo! Porque se não fala no nome d'elle? Onde está o artista? Venho de França para vel-o.

— Perguntaes, nobre cavalleiro, como se eu pudesse violar tal segredo! Mal sabeis que as vossas palavras acordam na minha alma uma dôr *profunda* como um ecco n'um páramo aziago.

Quem fez o Relogio, perguntaes vós, e a gloria tenta-me, precipita-me, impelle-me a arriscar a vida! Foi meu pae! — E as lagrimas de alegria e pesar foram-lhe arrasando os olhos, até que rompeu em um choro insoffrido de criança. O cavalleiro apeou-se e estreitou-o nos braços.

— E' a saudade de teu pae, que te lava o rosto com esse pranto de ingenuidade e amor? Não soube a morte respeitar tão preclaro engenho? E eu que vinha da parte de Carlos v, de França, para visital-o e fallar-lhe!

— Elle ainda vive, senhor. Mas que vida! Oh! antes a morte o tivesse envolvido nas suas trevas geladas; antes houvesse nascido sem aquella luz do talento, que é sempre a predestinação do martyrio.

A praça estava já deserta, e os dois partiram enleiados n'esta conversação. Chegaram á officina do relojoeiro. Era um velho; as cans alvissimas formavam-lhe um diadema venerando; tinha o rosto escondido entre as mãos, como quem se abysmára n'uma abstracção intensa, ou n'uma grande e entranhavel agonia. O estrangeiro permaneceu hirto sob a soleira da porta; não se atrevia a interromper os processos mysteriosos d'aquella mente perscrutadora. A criança aproximou-se com familiaridade, e segredou-lhe longamente umas palavras mal articuladas e confusas. O velho ergueu então a fronte banhada em uma alegria suave, e voltou-se para a porta.

— Buscam-me da parte de el-rei Carlos v de

França?—perguntou elle com um ár affavel e indicando um assento ao desconhecido.

— Em verdade, el-rei me envia aqui.

— E o que pretende de mim, que nada posso, el-rei, que tudo manda?

— Conhecendo a vossa boa fama, vendo que enriquecestes a Allemanha com essa maravilha do Relogio de Strasburgo, elle quer tambem collocar na torre do palacio da Justiça uma machina, que dividindo com justeza as doze horas do dia, ensine a observar a justiça e as leis.

— Como o não serviria eu de boa vontade, se me não houvessem apagado para sempre o lume dos olhos. Não vêdes estas orbitas vasias? Cegaram-me. Ha já dezeseis annos que vivo mergulhado n'estas sombras cerradas, que me antecipam a escuridão tetrica do sepulchro, mas que me prolongam a vida, no abandono da desgraça, para soffrer a cada instante as mais excruciantes provações. Eu vivo ao desamparo; nem sei já trabalhar. N'esta solidão do espirito, para esquecer o tedio e a desesperação que me pungem, eu invento machinismos complicados, que o meu pobre filho executa. E' elle o herdeiro do meu engenho. Cada pancada do relogio no carrilhão da cathedral, é uma palavra de sarcasmo, um insulto vibrado por uma lingua satanica, só entendida por mim. Vou contando as horas na mudez das noites de insomnia, e cada uma me descreve com mais feias côres esta morte onde fui *precipitado* em vida.

Havia nas palavras do velho um mixto de resignação e dor, uma conformidade, uma santidade admiravel. A fronte, enrugada pelos annos e o estudo, pendia-lhe sobre o peito; o filho ainda imberbe, engraçado, ingenuo, estava de pé a seu lado, mudo, com os olhos no chão.

—Como houve mãos tão barbaras, que ousaram pôr diante do vosso espirito, para sempre, a sombra eterna da morte? Foi o acaso? Foi a malvadez que vos despenhou n'essa desgraça? Seria a inveja quem vos supplantou á traição, vendo-se obrigada a admirar os artefactos que não podia exceder? Oh, contae-me. Não! não! tenho horror de ouvir; deve custar-vos muito isso. El-rei ha de sabel-o e acudir-vos.

O velho ergueu lentamente a fronte; poisou as mãos sobre a cabeça loira do filho, brincando distraido com os cabellos anellados. Depois de um momento de indecisão, começou:

—O bispo João de Lichtenberg encommendou-me um relogio grande para a torre de Strasburgo. Era preciso que as horas canonicas fossem observadas com escrupulo; as irregularidades na divisão do tempo causavam graves inconvenientes ás resas e officios divinos do côro. Eu trabalhei dois annos consecutivos; tinha empenhada n'aquella obra a minha fama. Inventei um kalendario em que representava as indicações das principaes festas moveis: ao lado puz-lhe um quadro em que estavam escriptas em verso as principaes propriedades dos sete planetas; ao meio colloquei-

lhe um astrolabio, em que os ponteiros notavam o movimento de sol e da lua, as horas e os quartos. Ao alto estava uma estatua da Virgem, ante a qual se inclinavam, ao dar do meio dia, as figuras dos tres Reis Magos. Ficaram espantados com a maravilha da obra; soôu por toda a parte a fama d'ella. O povo agglomerava-se na praça para vêr. O cabido receiou que os outros mosteiros ou as córtes da Europa quizessem ter um monumento egual. Como impedil-o? Uma noite, estava eu descançando do trabalho assiduo, improbo que levava, quando me bateram á porta. Vieram dizer-me que o relogio estava parado. Levantei-me á pressa, atterrado, confuso, e dirigi-me para a torre. Quando ia subindo, e já a uma altura vertiginosa, apagaram-se de repente os archotes; os que me acompanhavam, lançaram mão de mim para me precipitar; as unhas prenderam-me ás fendas da cantaria, com a tenacidade do amor á vida. Por fim, cansados, agarraram-me, arrancaram-me os olhos. Aos meus gritos, os malvadas respondiam que me désse por feliz em não ser queimado vivo na praça publica, exposto á irrisão da plebe, por feiticeiro; que eu tinha pacto com Satanaz, que o evocava com linhas cabalisticas com que formava as rodas denteadas.

O pobre velho permaneceu um instante silencioso reflectindo no assombro d'aquella noite infernal; depois mudando de conversa, o embaixador pediu-lhe para levar o filho, que havia de fa-

zer por certo o relogio para o palacio da justiça. Não faltaram negações e hesitações. O velho conhecia o talento do filho, e temia um egual desastre. O cavalleiro jurou protejel-o com a vida, e trazel-o incolume a casa de seu pae, logo que tivesse findado o trabalho.

O relogio foi posto na torre do palacio da Justiça, e, elle que aconselhava a observancia da justiça e das leis, foi o mesmo que, dois seculos mais tarde deu o signal para a execranda carnificina da noite de S. Bartholomeu.

Quando o filho do relojoeiro de Strasburgo voltou á patria, ainda o pobre velho vivia. Estava no meio da sua desgraça, possuido de uma alegria infinita. Na solidão do espirito em que ficara, procurara constantemente vingar-se. Vingou-se afinal. Um dia conseguiu aproximar-se do Relogio, e tocou em uma roda de tal forma, que não tornou mais a regular, apesar de todos os esforços; em 1574, intentou restaural-o Dasypodius, outros em 1669, em 1731, até que cessou de trabalhar em 1789, como uma riliquia ultima da Edade media que arrebatava a Revolução. O desgraçado levava esta unica consolação do mundo. A mesma lenda se conta dos relogios de Nuremberg, de Auxerre e Lyon, em que as versões parecem filhas da comprehensão de uma mesma verdade.

Um erro no kalendario

EPISODIO DA HISTORIA DA INQUISIÇÃO EM HESPANHA

I

QUEM o visse sentia-se atrahido para elle por uma fatalidade irresistivel. O olhar encovado e scintilante tinha a fascinação da onça refalsada. A estamenha monastica da humildade era uma arma de que se servia. A côr sombria do remorso, que o ralava interiormente, sabia invertel-a tão bem na maceração da penitencia, que assim facil lhe era devassar todas as consciencias, e submettel-as ao seu capricho, tyrannisal-as, alimentando sempre uma infinidade de horrores futilissimos, com que as trazia suspensas. Cabisbaixo, meditando continuamente um longo plano de vingança, de uma sevicia obscura e mesquinha, os que o viam achavam n'aquella gravidade satanica de monge um ár contemplativo de compunção piedosa.

O frade fez-se Director espiritual.

De uma extração illustre, rico, herdeiro de um grande nome, porque despresaria as pompas do mundo, os amores do seculo, as glorias? Acordar-lhe-hiam os annos todos esses sentimentos a um tempo na alma, e o horror do impossivel tornal-o-hia hypocrita, apagando-lhe a esperança com o sopro do cynismo? Elle amára a filha de um velho fidalgo de Hespanha, que desejava tambem realisar essa alliança dos seus pergaminhos com as grossas sommas do enamorado de Hernanda, a madrilena engraçada, de ingenua desenvoltura. Hernanda, na morbidez voluptuosa da sua natureza oriental, nunca mais sorriu, nunca mais deixou vêr aquella alegria impaciente que a animava, logo que soube a resolução da familia. Detestava o galanteador, aborrecia-o de morte, resistindo sempre ás instancias e ameaças do pae, que procurava sacrifical-a aos interesses e pompas do seu brazão de armas.

Hernanda tinha um amor de infancia, puro, recondito; como um raio de luz que nos fecunda ao desabrochar da vida, aquella affinidade precoce e ignorada de todos fora uma intuição do sentimento. Amaram-se longo tempo sem saber o que era amor. Quando um dia acordaram á luz sentiram necessidade um do outro, a anciedade de uma mesma aspiração identificou as suas almas para sempre. Cedo o noivo proposto soube da existencia de um rival obscuro. Procurou-o, farejou-o na sombra, lançou-lhe o repto. Encon-

traram-se. Ambos corajosos e fortes bateram-se destemidos em um duello a todo o transe.

Logo que Hernanda soube da morte do seu amor primeiro jurou um odio eterno ao assassino. O velho fidalgo não comprehendia estas coisas; ameaçou-a com o convento. A idéa da claüsura, em vez de amedrontal-a, sorriu-lhe; era um refugio, o unico que lhe restava no mundo, depois de perdida a esperança que resume todas as que se podem ter na vida. Professou.

O galanteador assistiu impassivel na egreja, para ouvil-a pronunciar os votos. Havia n'aquella coragem uma alegria selvagem, egoista, para vêr que a mulher que elle amava debalde, não havia de pertencer a mais ninguem. Depois de satisfeito este instincto, lembrando-se de que fôra ludibriado, despresado, passou-lhe pela cabeça uma idéa atroz de vingança. Queria salvar o seu orgulho ferido. Lembrou-se tambem de abandonar o mundo, esconder-se debaixo da cugula monastica. Para os que o conheciam foi um rasgo heroico de resignação; para elle era um meio de poder vêr de mais perto Hernanda: só assim podia tortural-a, vir a ser seu Director espiritual.

O socego da solidão deixa apreciar os ruidos mais imperceptiveis; Hernanda na mudez da cella, na ausencia completa de interesses que lhe povoassem a existencia, era impressionada profundamente pelos sentimentos mais leves que lhe passavam n'alma como as auras suaves pelas cordas de uma harpa. A imaginação desenvolve-

ra-se a tal ponto, que a fazia soffrer. Foi assim que frei Pedro, o disfarçado monge, veiu a ser seu Director de consciencia. Elle exagerava as doutrinas mysticas do dualismo, o predominio do mal, essa lucta incessante do espirito contra a carne, fortificada pelas mortificações do corpo, pela vigilia, cilicios, jejuns, e orações fervorosas. Provocava-a a abstrahir do goso dos sentidos, a contrariar a natureza e abnegar da vida. Apontava-lhe a natureza risonha e luxuriante como uma voluptuosidade, o regosijo e sêde de amor que a harmonia do universo infunde como uma infracção á regra austera da perfectibilidade.

Era preciso a solidão para gosar essa existencia intima, recondita, e arrebatar-se até Deus. Com o silencio imposto, arvorado em preceito, exaltou-lhe a vida interior, e o tumulto de idéas que se succediam prolongava a excitação cerebral. A vigilia extensa e continua, a maceração e a leitura piedosa foram-lhe desconcertando o equilibrio nervoso. As visões extravagantes cercavam-na; vozes estranhas segredavam-lhe palavras assombrosas, que ella repetia tremendo na penumbra do confessionario.

Foi então que o monge, depois de a ter desprendido pela ascese insistente dos limos da terra, lhe começou a falar de amor, o *amor divino*, a anciedade preenchida pelo vacuo, a sêde mitigada com a calma do dezerto. A imaginação perdida n'esse ideal vago, sem realidade possivel, delirava, revestia a imagem palpavel com todos

os encantos de um devaneio sensual, dava-lhe vida, amor, para corresponder ao que tumultuava na sua alma solitaria. Mulher, menos curiosa da razão sufficiente das cousas, sujeita a perturbações hystericas, enamorava-se da fronte altiva e conjuntamente modesta do Christo, como a representavam os pintores da Edade media; esquecia-se da vida exterior, parecia que a alma livre se absorvia na imanencia da divindade. Era este amor, inspirado pelas imagens dos templos, tão desvairado como a paixão do artista grego pela estatua eburnea que palpitava debaixo do escôpro. Santa Rosa de Lima amava uma imagem da Virgem que tinha nos braços o *bambino*. Ozana de Mantua, diante de uma imagem linda, caía em extasis. Estas figuras de Jesus, radiantes de candura e fascinação, bellas, fallavam aos sentidos; é por isso que o *amor divino* tem na sua vehemencia e transporte um caracter sensual, como o exprimiram o solitario da Ombria nos seus cantos a Santa Clara, S. João da Cruz a Santa Thereza de Jesus, Madame Chantal e S. Francisco de Sales, Fenelon e Madame Guyon.

O Director espiritual da desditosa Hernanda, descrevendo-lhe o *amor divino*, isempto da zelotypia das paixões do mundo, não tendo a alma candida de nenhum d'esses apaixonados e santos poetas, presentira, dois seculos antes, a theoria ascetica de Molinos. Tinha em vista matar o peccado pelo peccado. Era impossivel já. Hernanda pairava em espirito pelo empyreo, sua

alma pura abysmara-se na immensidade do fóco de todo o amor. O extasis em Hernanda, originado pelo fervor piedoso, era o entorpecimento dos sentidos, um scismar indolente á cadencia dos inefaveis concertos das cytharas dos cherubins.

Então o Director de consciencia descobriu uma nova tortura para flagellal-a; tinha um prazer infernal em tornar-lhe lento o soffrimento. Elle mostrava-lhe que era o extasis o mais alto favor do céo concedido aos seus eleitos, e descobria ao mesmo tempo como isso era para todos os grandes santos uma provação difficil, pelo terror dos *proprios merecimentos*. Sam Paulo, o que melhor revelou nos seus escriptos o espirito do christianismo, na Epistola segunda aos Corynthios, fala d'este terror.

N'aquella virgindade timida da alma, o corpo foi caindo em inanição; tinha uma immobilidade beatifica. Apesar de todos os flagicios e macerações, o rosto conservava ainda a frescura da rosa entreaberta, rociada pelo orvalho matutino. No passamento das virgens, sereno como o declinar de uma aurora vespertina de primavera, Jesus visitava as suas desposadas, como referem os legendarios. Hernanda abrazára-se no amor ardente do céo; o vacuo absorvera-lhe o derradeiro alento e sua alma soltou-se na ancia do infinito. Alta noite, sentiram-se umas harmonias transbordando em enchentes do orgão do mosteiro; era uma musica indisivel, nunca ouvida na terra. *Foram* vêr; ninguem percorria o teclado.

Melodias suavissimas e remotas derramavam-se da cella de Hernanda. Entraram. Respiravam-se perfumes aérios em torno d'ella. Um sorriso diaphano, angelico, lhe ficára nos labios desbotados, como a ultima vibração de uma harpa que se quebrara; parecia a incarnação de um sonho melifluo das harmonias de Palestrina.

II

Desde o romper d'alva, que os sinos da Cathedral eccoavam clangorosos n'um dobre funerario; o povo agitava-se inquieto pelas ruas, como na impaciencia de uma grande festa. Era o dia de um *Auto de Fé* em Hespanha, uma solemnidade extraordinaria, com que se celebrava e honrava a coroação dos reis, o nascimento do herdeiro presumptivo, e a sua maioridade; era o grande drama judiciario da velha jurisprudencia theocratica revestido dos horrores do symbolo, mesclado de sangue derramado pelo fanatismo e prepotencia monachal. A procissão vinha coleando ao longe, com uma gravidade funebre, misturada de risos do rapazio que tudo parodía. Por todas as janellas negrejavam cabeças, donzellas engraçadas, contentes, distraidas com a festividade apparatosa. A' frente das confrarias e irmandades, os carvoeiros traziam a lenha para a fogueira, imitando o passo da Escriptura, em que Isaac caminhava

para a montanha do sacrificio. Seguiam-se em filas extensas os frades dominicanos, arvorada na frente a cruz branca, e o bolsão inquisitorial de damasco vermelho do duque de Medina Celli. Os penitenciados vinham vestidos de um modo irrisorio e grotesco, descalços, cobertos de um sambenito, com um chapeu afunilado, com figuras cabalisticas, diabos, labaredas e caveiras pintadas.

A multidão pavida e credula, sentia aquella grande contradição do coração humano, apupava os miseraveis que interiormente a commoviam e lhe arrancavam lagrimas de compaixão. Chegados proximo do estrado real, o Inquisidor geral veiu receber o juramento da extirpação das heresias. Os brandões crepitavam nas mãos dos condemnados; tornavam mais lugubre o momento. Depois viu-se levantar uma figura macilenta, a cabeça encoberta no capuz, cruzadas as mãos sobre o peito em que tinha repousado um crucifixo, o mesmo que um dia apresentára diante dos reis catholicos Fernando e Izabel, dizendo-lhes que— o vendessam por trinta dinheiros, já que se queriam tornar menos rigorosos contra os judeus. Era o prégador frei Pedro. A voz taurina fazia estremecer as turbas, representando-lhes ao vivo, nos esgares e visagens que fazia, os terrores das penas do inferno. A multidão estava suspensa ante as vociferações sangrentas do dominicano.

— Sabes... (disse um desconhecido para um cavalleiro ainda novo, que estava attento) não o *conheces?*

O outro respondeu-lhe em voz baixa, de um modo quasi imperceptivel:

— Ah, és tu, Diego Ortis? Bem o conheço pela fama de seu nome. E' Pedro de Arbués.

E não te sentes possuido de raiva ao pronunciar esse nome de um hypocrita e assassino?

— Assassino?

— Sim! Bem o devêras saber, porque é a ti a quem compete a vingança. Elle pretendeu por todos os meios desposar Hernanda, tua irmã. Lembras-te? Era rico, e teu pae desejava com todas as veras d'alma este enlace. A infeliz menina resistiu sempre, até que se viu obrigada a professar em um mosteiro, abandonada da familia. Não é verdade isto? Ferido no orgulho, elle metteu-se a padre, disfarçou-se debaixo da cugula monastica e fez-se seu Director espiritual. Matou-a lentamente com jejuns e macerações, com a lembrança continua da tentação e da condemnação eterna. Pobre Hernanda! o mundo disse que morrera como uma santa; Deus sabe que desesperos profundos lhe abalaram a vida, e quantas vezes, no intimo da alma oppressa, não amaldiçoou a hora do seu nascimento!

— E como sabes isso?

— Como o sei? Eu digo-te só que a vingança não dorme. Tambem tenho um legado de sangue a cumprir. Era meu irmão o apaixonado, o eleito de Hernanda. Se ha nada mais santo do que um amor que nos acompanha desde a infancia. Alonso Ortis, doestado pelo rival audacioso, bateu-se

generosamente e caiu ferido, morto á traição. Já comprehendes tudo.

— Inferno! Para que me disseste essas cousas aqui, entre esta gente? Sinto a convulsão da raiva que prostra, a sêde de sangue que me atira para elle. Hernanda! a desgraçada, a silenciosa, a timida, que tudo soffreu e nunca soube queixar-se! Eu quero trocar todas as tuas dores por um prazer egoista de vingança. Fala-me, Diego Ortis; o que queres de mim?

— Quero prudencia! Eu tenho esperado dia e noite, por toda a parte, e nunca o tenho encontrado! nunca esta mão deixou de repousar sobre o punhal, e ainda me parece que não é chegado o momento.

A este tempo o frade estava na peroração do discurso; a turba batia nas faces, consternada, por terra. Os dois vultos permaneciam de pé, insensiveis. O prégador desceu do pulpito e vinha acercando-se d'elles com um olhar ameaçador, para reprehendel-os da insólita irreverencia. O joven fidalgo precipitou os planos de vingança, e arremetteu com um punhal no ár: apesar do impeto com que foi brandido resvalou sobre o habito que encobria debaixo uma armadura cerrada.

Ergueu-se um susurro repentino. Era impossivel a salvação; com a ancia do desespero Diego Ortis descarregou-lhe promptamente sobre o craneo tonsurado a sua espada de cavalleiro. O *povo* alarmou-se e ia a precipitar-se sobre os fa-

cinoras; recuou de horror diante da impassibilidade dos dois. A estatura corpulenta do padre tomou as proporções de um Goliath, derrubado, banhado de sangue negro, a massa encephalica derramando-se pelas soturas fracturadas do craneo. Fazia horror.

N'aquelle mesmo dia os dois assassinos foram penitenciados; interrompeu-se a missa, e a procissão proseguiu levando-os para o *Quemadero*, onde, com os demais, foram devorados pelas chammas. Seguiram-se as pesquizas, as vexações e os sequestros; com os seus processos tenebrosos a Inquisição lançou a rede por sobre muitas familias. A Hespanha era, como se disse, uma grande fogueira. Mas como ha uma antithese fatal na natureza humana, manifestada muitas vezes, a cada instante da vida, na transição instantanea do sublime ao ridiculo, Roma parodiou tambem esta scena sanguinolenta do drama tetrico de Torquemada na farça jocosa da canonisação do frade prégador, que ainda hoje se venera nos altares e de quem resa a folhinha com o nome de S. Pedro de Arbués.

Ora pro nobis.

A adega de Funck

CONTO FUNDADO DAS NOTAS DE HOFFMANN

A ironia, quando não é despertada pela lucta incessante de contrariedades imprevistas, que cercam o espirito de duvidas e desesperos, e o deixam na prostração da indifferença e do cynismo, é uma doença, uma febre lenta, que vae devorando a existencia, depois de a ter despido de todas as alegrias. Observa-se no pessimismo do poeta. O riso com que a ironia se traduz, que é a expressão que mais de prompto lhe acode no accesso do phrenesi suscitado pela vista repentina de um contraste, para quem o comprehende, é uma visagem infernal, um esgar que gela, um arremedilho de cadaver sacudido por uma pilha galvanica. E' uma descarga nervosa pela via muscular, como uma compensação, como notaram os physiologistas.

A gargalhada é tambem a linguagem das grandes agonias; é esta polaridade mysteriosa da nossa natureza dupla, constituida já em aphorismo: os extremos tocam-se. A ironia, derivada do mesmo principio supremo, é a impressão abrupta de uma idéa infinita que se compara com outra finita, cuja disparidade intuitiva desperta em nós todas as vibrações do sentimento comico. A primeira manifestação do comico na vida foi por certo o *grotesco;* Susarion e Thespis caracterisavam os seus personagens com borras de vinho. Elle apparece-nos no mundo moderno como uma arma da burguezia contra a pressão do clero e as extorsões dos senhores feudaes, na *Festa do Asno*, nos *serviços*, nos *fabliaux,* nos baixos relêvos e goteiras das cathedraes. O pico, a agudeza do pensamento estão completamente materialisadas na imagem; eis o comico pela sua parte visivel ou objectiva, tanto da sympathia popular.

O *humour* é um gráo elevado; no contraste que se funda na antithese da acção e o pensamento, a fórma não corresponde, contraría mesmo a expressão da idéa, d'onde resulta uma monotonia triste; o esforço do que procura alegrar-se infunde nos que o contemplam uma melancholia indefinida, como na *Viagem* de Sterne.

A ironia é a impossibilidade de conciliar os elementos da antithese, ou o contraste mental *que gera* todo o sentimento comico: tal é o de-

sespero de Hamlet propondo ao seu espirito o problema insoluvel e eterno:

To be or not to be that is the question.

A imaginàção de Hoffmann similha um kaleidoscopo onde estas trez cambiantes do sentimento se reflectem, confundem, se cruzam em direcções infinitas, formando um espectro a que chamamos o *phantastico*. A ironia, o humorismo e o grotesco succedem-se, como phases da sua inspiração. Quando elle sente estas inversões do systema nervoso, annuncio da *tabes dorsalis* que progride de um modo irremissivel, o pensamento então dá fórma a todas as vertigens; a dôr torna a creação pessoal, caprichosa; os retratos que elle faz são quasi sempre caricaturas, a incarnação de um riso de desespero. As bebidas e o seu cachimbo de Kumer vêm distrail-o da consumpção que elle observa a cada instante em si. O fumo que se ennovella em fórmas extravagantes no ár, e se dissipa como uma chimera fugitiva, representa-lhe os typos que reproduz nos seus contos. Ao fogão, na concentração intima da familia, o cachimbo povoa-lhe o aposento de sylphos e gnomons, que embalam a phantasia enlevada em sonhos incriveis, com musicas estranhas que o deliciam no egoismo do soffrimento que o corróe. Elle tem uma affeição particular ás pessoas espirituosas, porque lhes suppõe talvez a veia sarcastica proveniente de algum estado morbido. Quando se retrata caricaturisa-se.

Muitas vezes acceita-se uma creação comica, rimo-nos, sem saber que a inspiração que a produziu foi a doença que arrebatou Molière, o desalento de Gil Vicente, a resignação de Scarron. Porque não procuraria Hoffmann distrair-se com o vinho, afogar n'elle a preoccupação do mal irremediavel, que lhe atacava a espinha dorsal?

O seu editor Funck, homem estimavel de caracter, a quem a especulação não poz em guerra com os que têm a infelicidade de precisar escrever, convidou-o para passar alguns dias na sua residencia em Bamberg. Funck tinha uma magnifica adega e lembrava-se perfeitamente d'aquellas expressões de Hoffmann: «Fala-se muito do enthusiasmo que procuram os artistas no uso das bebidas fortes; citam-se musicos, poetas que não podem trabalhar senão assim; *eu não sei*, mas é certo que com esta feliz disposição, direi, quasi sob a constellação favoravel, em que se está quando o espirito passa da concepção á realisação, as bebidas espirituosas acceleram a torrente das idéas.»

Funck tinha o mais excellente de todos os vinhos, como lhe chamava Hoffmann, o *Porto*, que no seu nome traz o segredo da sua força. O escriptor original era esperado com anciedade em Bamberg. Chegou por uma tarde fria. O céo estava escuro, carregado de nuvens; relampejava a espaços, como o preludio de uma grande trovoada nocturna. Quando a natureza é triste sentimos uma vontade de nos reconcentrarmos; o

lar domestico é a grande poesia do norte. Um dos maiores castigos no antigo direito germanico era a pena severa expressa n'aquella formula romana *interdictio tecti;* o banido é comparado ao lobo solitario; a casa era arrasada, tapado o poço, extincto para sempre o fogo do lar.

Hoffmann esquecia todas as dôres ao abraçar aquelle amigo; com toda a liberdade de uma confiança intima sentou-se logo ao piano. O phrenesi da inspiração fazia-o percorrer desesperadamente o teclado. Era a sua ultima composição, meio improvisada com o jubilo que sentia. Começou um canto com uma voz desentoada, que fazia arripiar os nervos; parecia que estava em delirio. N'isto um trovão rebentou com um estampido soturno.

— A natureza, disse elle para Funck, escarnece-se de mim, parodia-me a voz roufenha. Ha bastantes dias que tenho sentido humor para o romantico religioso. *Jovis omnia plena!* Hoje, não sei se é o excesso da alegria, predomina em mim uma exaltação humoristica levada até á idéa da aberração.

Funck continuava silencioso. Hoffmann permaneceu alheiado alguns instantes, como levado por uma serie de deducções, que absorvem fatalmente toda a contenção do espirito. Estava a diagnosticar-se; a prolongada doença dera-lhe um certo conhecimento do seu estado. Depois proseguiu:

— É notavel! Que diversidade de sensações agora. Disposições humoristicas, colericas, com

um humor musical exaltado, e sentimento de um bem estar com indifferença. Como conciliar tudo isto? O systhema nervoso inverte-se-me de dia para dia.

Restrugia um aguaceiro espesso. Ha no cair da agua uma magia, que adormece.

—Vamos, disse Funck, interrompendo aquella reflexão penosa, eu tenho um excellente remedio. Vejo-te tiritar com frio, de um modo que me tira a satisfação do agasalho que presto a um amigo. O seio de Abrahão deve estar com uma temperatura suave; refugiemo-nos lá.

—Como isso era bom! mas infelizmente as azas da poesia não nos desprendem da terra; a realidade é peior do que o sol para as azas de Icaro; ella toca-nos o corpo com mais aspereza do que o velho Satan quando experimentava o desgraçado varão da terra de Hus. Agora acho-me divorciado com a poesia, com a musica, com a pintura; são as tres furias que sob uma apparencia seductora surgiram das sombras do paganismo para attribularem-me o espirito.

—E por que não havemos de refugiar-nos, em uma tarde d'estas, no seio de Abrahão?—disse Funck procurando interromper a corrente das idéas afflictivas,—Não é tão dificil como pensas. Nem são precizas azas para ir lá. Para descermos basta obedecer á lei eterna da gravidade, que sobre nós pésa. Não sabias ainda que a gravidade é o nosso peccado original?

Hoffmann sorriu-se; o seu amigo tomou um

tom humoristico para se adequar ao caracter d'elle n'esse dia.

—Apesar da facilidade que apresentas ainda não resolvi o problema. Como iremos nós procurar conforto ao seio de Abrahão?

—Segue-me.

Funck caminhava adiante com um ár victorioso. Hoffmann sorria-se com um modo duvidoso, para que o riso o defendesse do logro que esperava. Desceram uma escadaria escura; uns ferrolhos pesados gemeram, como se se abaixasse uma ponte levadiça. Entraram. Era um subterraneo fundo, allumiado por um lampadario de bronze. Depois de affeito á sombra, Hoffmann pôde discriminar grandes toneis dispostos, como uma longa fila de cachaci-pansudos conegos.

Era a adega do seu amigo Funck. De facto havia ali uma temperatura tepida, de fermentação. Nenhum olhar importuno através da abobada calada.

—Se os velhos patriarchas, principalmente nosso pae Noé, não trocariam de boa vontade a tua adega pelo seio de Abrahão!—Hoffmann estava animado de uma alegria indisivel; era um homem de extremos; a sensibilidade excessiva deixava-lhe apreciar os mais desapercebidos contrastes, era por isto que elle possuía mais do que ninguem o *genus irritabile vatum*.

Mal acabava de proferir aquellas palavras, quando se atirou de um salto, com uma loucura de criança, e se escarranchou em um tonel.

Funck seguiu o exemplo.

—A vida é um grande mar, que estua em convulsões interminaveis; felizes os que caindo na voragem encontram d'estes delphins, que os tomam sobre si e os levam a porto seguro.

—Foste feliz na imagem, principalmente, porque o vinho desperta-me o humor erotico-musical, e os delphins, se dermos credito a antigos fabuladores, eram levados pela magia da musica.

E começou a cantar alguns trechos da sua opera a *Ondina*, que só interrompeu para levar á bocca o sifão de lata que estava mergulhado na pipa. Hoffmann tocava a realidade dos seus contos.

—Este não dá pelos calcanhares do teu dilecto *Porto?*—accudiu Funck; o vinho de Nuits é dos melhoras de Borgonha, e, graças ao céo, podemos nadar em mar de rosas.

A noite corria tempestuosa e tetrica: os trovões rebentavam com uma detonação tremenda. Nos áres, coriscou um relampago repentino e veiu illuminar com um clarão pallido o rosto dos dois amigos, que tocavam n'este momento os copos espumantes. Era um quadro com toda a verdade e simplicidade de Teniers, como o proprio Funck, em uma nota de uma edição do seu amigo, confessa com aquella ingenuidade allemã.

Hoffmann ficou deslumbrado com o fulgor instantaneo; tinha a mudez do terror.

—Em que pensas?

—*Um conto*, um conto horrivel!

—Mais uma saude, e narra-me essa historia ponto por ponto.

—Historia? dizes bem; porque tem muita verdade, ao menos a verdade da arte. Nunca te fallaram n'isso? Admira! Foi tão notorio. Quem a não conheceu! Bella, como era, ninguem podia fital-a sem experimentar o pasmo da admiração. As linhas do semblante tinham uma irradiação etherea, perdiam-se no ár. Era uma visão suspensa, a incarnação de um sonho indizivel de amor.

A tristeza realçava-lhe a candura angelica. Para ella, a vida era um desterro no mundo. Passava, alheia de tudo, distraida, sem saber que levava apoz si todas as aspirações que um olhar de relance, fortuito, gerava na alma. Um dia vi-a pelo braço de um homem feio, que a conduzia com burlesca familiaridade! Disseram-me que era o marido.

Perscrutei o segredo de uma união para mim impossivel, inexplicavel. Não tinha sido arrojada a hypothese: viviam com uma certa paz artificial, um accordo de convenção ante a sociedade. O marido bem conhecia, que a familia da engraçada criança a forçara áquella união desegual; a consciencia da riqueza não conseguira persuadil-o de que a merecesse; e espreitava, espiava-lhe todos os olhares, interpretava-lhe cada gesto insensivel.

O que não idearia o ciume? O ciume que não tem a franqueza selvagem de Othello é vil, infa-

me. Um dia, a infeliz senhora, começou a sentir-se indisposta; não faltavam carinhos da parte do esposo, não poupava esforços para consolal-a, com uma solicitude hypocrita. O mal progredia, convulsões violentas a accommettiam, vertigens assombrosas, dores intensas, como se lhe retalhassem as entranhas. O marido escutava os gemidos com um pungimento affectado.

Conhecera que morria:—«Sabes, disse ella tomando-lhe uma das mãos, eu deixo a vida, mas custa-me baixar á frieza do sepulchro sem te dizer uma palavra. Oh! nem sei como revelar-te esse segredo, esse desvario de uma paixão infantil. Não soube guardar a fidelidade do thalamo.» O marido ouviu a confidencia solemne com um ár estupido de imbecilidade:—És n'este momento tão generosa e grande! A verdade nos teus labios vibra-me de um modo que tudo te perdôo. Choras? escuta. Deixa tambem fazer-te uma revelação tremenda: envenenei-te.

Hoffmann não pôde tirar do conto a moralidade que se espera, e caiu, esquecido do mundo, entre os toneis do seu amigo.

Revelação de um caracter

Como eu, elle tambem vivia ignorado, ocioso, distraído, fumando sempre, debruçado de uma janella que deitava sobre o mar. Passava horas esquecidas assim, a contemplar as ondas no seu eterno refluxo, imagem dos pensamentos reconditos, das aspirações impossiveis, que tempestuavam na solidão de sua alma. Muitas vezes me disse elle, quando a indiscrição da amisade o ia interromper do quietismo contemplativo que o absorvia, e lhe perguntava que idéas mysteriosas o afastavam para tão longe da realidade e da vida :

—Se fosse possivel exprimir, stenographar na palavra tudo o que se revolve na mente, o homem mais sabio pareceria um tolo; se fossem coerciveis todos os sentimentos, que passam e suc-

cedem no coração, o homem mais santo e simples apparecer-nos-hia com a hediondez da infamia.

E continuava, embebido n'um scismar indefinivel, extranho a tudo o que se passava em volta d'elle, como na reconcentração de um grande desgosto. Outras vezes mostrava uma alegria irrepressivel, impaciente, louca, sem motivo; mas cada riso era o preludio de imprecações e ironias pungentes, que vibrava dos labios acerados: o enunciado breve e incisivo d'uma grande verdade, mas triste, horrenda, incrivel, e infelizmente verdadeira, que a sua lucidez de doente descobria. Não sei qual o torturára primeiro, se a duvida ou o sarcasmo. Elle submettia á analyse fria os sentimentos mais puros e intimos, volatilisava-os pelos processos de uma dialectica irretorquivel, e por fim o ultimo canon da sua logica era uma gargalhada irritante que fazia gelar de medo. Elle mesmo se doía de sua crueldade, era o primeiro a accusar-se e a procurar corrigir-se. As linhas de sua physionomia davam-lhe ao semblante uma fórma angulosa, de energia; o olhar incerto não repousava, como quem observa nas sombras de um abysmo insondavel, nunca o fitava, temendo talvez que lhe surprehendessem na expressão fugitiva que o animava o ridiculo, que sabia admiravelmente descobrir.

Deixei de procural-o longo tempo; repugnava-me aquelle caracter incomprehensivel; para monomaniaco era insupportavel, para excentricidade despresivel. As contradições tornavam-no ab-

surdo. Custava-me vel-o na consumpção d'essa apathia, criança e foragido do mundo, sem ter a commoção dos grandes sentimentos que nos prendem á vida, e que são o conforto nas horas vagarosas do desalento. De uma vez encontrei-o a ler com uma voracidade, como a de Isaías ao revolver as paginas dos arcanos imperscrutaveis. Procurei vêr se a sua imaginação viva o tornava illuminado, se era a consciencia da segunda vista, da percepção immediata que o tornava ocioso e inerte:

— O que lês? Que livro é esse que um dia te prendeu a attenção inconciliavel?

— Uma terrivel obra prima, uma perigosissima e espantosa maravilha de arte! É um romance de Diderot, que contém em si o germen de uma revolução moral, o *Neveu de Rameau.* Nunca o leste? E' impossivel observar mais profundamente o coração do homem, isolar-lhe os sentimentos e reproduzil-os em uma creação mais brilhante. Somos todos como elle. *Rameau* é a grande contradicção da nossa natureza, com a differença que obra segundo essa força, não se contrafaz pelas conveniencias da sociedade, obedece-lhe fatalmente, e é por isso que horrorisa; as maximas do cynismo mais revoltante e abjecto, as doutrinas mais subversivas de toda a ordem, vêm-lhe no dialogo animado, seguidas de sentimentos purissimos, intenções boas e justas, de um modo abrupto, que espanta. Os seus paradoxos são os da humanidade, com a differença que

a educação os abafa no intimo de nossa consciencia, e elle, o parasita, o musico, o bandido, o desgraçado *Rameau*, tem a infelicidade de pensar alto; deixa vêr, através da sua ingenuidade, todas as paixões despertadas por desenfreados instinctos, que existem egualmente em nós, mas que os refreamos e os detestamos, como se fossem a degradação nos outros. Este livro é a synthese da philosophia do seculo XVIII; ella avançou principios de uma verdade inconcussa, de rasão profunda, a rasão universal, de todos os tempos, mas que foram combatidos e ainda hoje não são completamente admissiveis, por esta maldita necessidade de transigirmos com as conveniencias.

Esquecera-se n'aquelle dia do habitual silencio; fallava com uma verbosidade febril; observações penetrantissimas, rasgos de uma intuição pasmosa lampejavam brilhantes, no decurso da conversação. Expressando-se sempre com difficuldade, então, jorravam-lhe as palavras faceis e promptas, com uma nitidez que acompanhava as mais delicadas analyses.

A este tempo, assomou a uma janella fronteira ao seu quarto uma visinha, que vivia honestamente na desgraça, irmã d'aquella flor de Magdala, calcada aos pés pelos que não comprehenderam o impulso dos sentimentos que a transviaram. A pobre trabalhava e distraía-se a vêr os que passavam; cantava e ria esquecida do seu opprobrio. Estava vestida com uma côr triste, que lhe realçava a expressão dolorosa. Elle viu-a;

cumprimentou-a com um sorriso leve, que traduzia um epigramma, que fôra comprehendido. Depois voltou-se para dentro:

— Ha uma affinidade intima entre a mulher e as côres; a escolha, a preferencia, a seducção por uma, é a linguagem de um sentimento recondito, que resôa dentro em si, e que ella não sabe exprimir, é o symbolo na sua fórma mais poetica e simples. A mulher é sempre uma criança, chora e ri ao mesmo tempo; como sente mais do que pensa, quer mais do que pode. A grande contradicção, que faz com que realise as nossas aspirações vagas e ideaes! Como uma criancinha que tem sêde, e, não sabendo ainda pedir agua, aponta para ella e exulta, assim a mulher não podendo revelar o sentimento indefinido que a eleva, que a faz soffrer e amar, serve-se da linguagem symbolica das côres, para completar a expressão que lhe transluz no rosto. Raphael, na sua inspiração divina, entreviu este mysterio quando ao determinar o ideal da Virgem na arte moderna, tomou a côr do azul ethereo para colorir-lhe o manto. O ideal da mulher no mundo antigo, menos espiritual, mas egualmente bello, mostrava-a como uma flor, a creação mais aprimorada da natureza, a planta mimosissima e languida; é assim *Sacuntala*, na poesia da India; a *fraqueza*, que póde tanto como a constancia heroica, quasi impossivel, de sua irmã *Griselidis* na Edade média; ella confidencia com as aves, os arbustos choram na despedida, as flôres amam-n'a

como uma irmã gémea, um carpello tenuissimo animado á luz do sol brilhante, perfumado com todas as essencias de uma atmosphera limpida e serena. É por isso que do Oriente veiu aquelle modo de fallar de amores pelo *salem*, um ramilhete allegorico das paixões que perpassam na alma. Ha rostos de mulher archangelicos, sublimes, realçados pelas côres; a côr é a expressão da luz, como a luz uma expressão do espirito. Quantas mulheres perdidas, com um ár de innocencia que illude! a preferencia pelas côres, que as fazem realçar tanto, é por certo o desejo mais intimo de sua alma, que os labios não se atrevem a proferir. Como para cada zona ha uma analogia com as côres luxuriantes da vegetação, pelas côres das roupagens se pode conhecer a mulher; a oriental voluptuosa, enlevada n'um tropel de pensamentos de alegria, sentindo o coração a trasbordar-lhe desejos, que desconhece, orna-se com as côres que mais fallam aos sentidos, as mais vivas, as que mais seduzem. Não é isto assim?

— É; porque o genio póde dizer tudo impunemente. Dá vida ás creações que inventa, soffre com ellas, que são a alma da sua alma.

— Se assim fosse, não andaria no mundo travado este antagonismo do senso commum, positivo e costumeiro, inflexivel nos seus juizos praticos, com aquelles que procuram realisar na vida os sentimentos superiores e eternos com que animaram a argila fragil, que procura constante-

mente elevar-se acima da materia a que está presa. E' a lenda do cego de Smyrna, corrido, perseguido de terra em terra; não lhe comprehendem a vocação. Afferem-lhes as acções pelos factos vulgares, de todos dias, e a disparidade faz com que se lhes chame um desgraçado, um extravagante, um doido.

— Revoltas-te contra o senso commum?

— Revolto-me contra toda a generalidade, que procura absorver o individuo, assimilál-o, confundil-o. Quero que a individualidade se constitua e imprima o seu caracter, de modo que o tempo e o espaço attestem a passagem do grande homem.

— Revoltas-te contra a natureza?

— O que é a natureza diante da obra d'arte? — e elevando-se em um hegelianismo de sectario, elle proprio respondeu: Um verbo insignificativo, que apresenta todas as formas de que o bello pode revestir-se, o archetypo material que só se espiritualisa no typo, que é um facto da consciencia humana. Quando na imitação do archetypo a verdade é tão exacta, que o typo se confunde com elle, o sentimento que então disperta é incompleto, porque não deixou perceber que á determinação do facto presidiu uma consciencia. O bello é uma creação toda subjectiva; é despertada pela natureza, mas não existe lá; escolhemos as imagens em que melhor a podemos manifestar nas suas multiplices e variadas realisações, as caracteristicas que a tra-

duzem fóra de nós. O bello é absoluto. Não existe o feio, que é apenas uma hypothese negativa em que se funda a synthese das realisações artisticas; o bello! o ponto onde convergem todas as evoluções da forma, incluidas na polaridade do bonito e do feio, e gravitando em volta d'esse principio unico, eterno, é o ideal que as faz tender para elle. O bonito e o feio são as duas relações que nos levam á comprehensão da idéa do bello. O bonito desperta-nos esse sentimento espontaneo por inspiração intuitiva; o feio leva ao mesmo resultado pela reflexão. O *Sapo*, de Victor Hugo, asqueroso, repellente, depois de idealisado, é profundamente bello. Quando se espiritualisa a imagem, e é esta a missão da arte, o espirito ha de amar a sua creação. O estatuario delira com o amor da Galathea. Não posso deixar de obedecer a esta fatalidade do meu caracter; deixo-me arrastar pela contradicção. O bello tem algum tanto de convencional; assim admiramos uma illuminura da Edade média, os arabescos de uma janella gothica. O que parece convenção não é mais do que a reflexão, que nos faz descobrir n'aquillo que contemplamos um progresso do espirito, e nos mostra a tendencia da natureza a ser espiritualisada. Pelo sentimento do bello se obtem o desenvolvimento e elevação que podem prestar-nos na vida a religião e o direito; o *verdadeiro* e o *justo* não são mais do que as manifestações do *bello* no mundo moral. *Ha só uma religião*, é a da arte! O pantheismo é

a suprema creação poetica, a identificação dos sentimentos do bello e do verdadeiro. Mesmo o direito primitivo teve um caracter pantheista, a natureza é animada, é testemunha na accusação, é pura como no ordalio, firma o contrato, submette-se tambem á penalidade, tem personalidade; os animaes compareciam tambem em juizo. A arte sobre tudo! ella suppre a sciencia e a observação, pela intuição viva; a realidade é contingente, variavel; o ideal, a creação pura do homem, é intangivel, eterno, emquanto a obra de Deus se converte em pó. Sacrifiquemos-lhe tudo na vida.

— Mesmo o amor?

— O amor? Rio-me da tua credulidade. Ainda fazes uma religião d'esse sentimento egoista, que procuras elevar acima da animalidade. Querem afferir as affinidades electivas pelo que vêem nas paixões descriptas pelos poetas. O amor como o imaginas, só existe nas obras d'arte; fóra de lá é uma falsificação, uma loucura, um impossivel. Eu explico o egoismo olympico de Goethe recusando o beijo de Frederica, a dedicação symbolisada no que a mulher tem de mais apaixonado e expressivo. Pede ao amor a paixão, como pedes á natureza a paizagem; depois de te possuires de todos esses sentimentos, eleva-te acima da passividade pela reflexão fria, calculada, e terás a consciencia das fórmas com que has de fazer sentir os outros, dominal-os, possuir os segredos de suas emoções, e és grande! Não fallo mais n'isto; só fica bem na bocca de Dyotima.

E começou a assoviar uma ária caprichosa, passeiando vagarosamente; depois voltou-se para mim:

— Ha ainda que descobrir na musica; falta-lhe realisar o principio da ironia, como ha em todas as fórmas particulares da arte. A poesia tem a satyra; a pintura a caricatura e o grotesco; só a musica precisa attingir a antithese do pathetico. O pathetico e a ironia são os dois polos de toda a evolução esthetica. Todas as creações na arte sáem d'estas duas paixões oppostas. Uma é o natural, a outra é o não natural como natural; uma sustenta o sublime, a outra o ridiculo. Ao pathetico eleva-se todo o que soffre; só o riso é a força das grandes individualidades. Ri-te de tudo; o riso denota sempre uma superioridade.

Não o comprehendia; o seu riso pungente de ironia desarmava-me. O genio é uma nevrose, uma disformidade; o que nos outros me parecia egoismo, n'elle não sabia como chamar-lhe. Para elle a gratidão era a justificação do servilismo; o sentimento religioso uma tradição da ignorancia primitiva; o amor de mãe uma impertinencia, que só se dá entre os animaes da classe dos mamiferos, pela conversão do habito em instincto. Explicava tudo assim. Parecia uma alma devastada por longas abstracções, que andava errante no mundo, á busca de uma formula impossivel. A analyse continua dava-lhe uma certa malvadez, tornava-o intratavel.

O caracter faz-se. Quaes seriam as circum-

stancias que o transformaram até áquelle ponto? Indagava-o como um problema interessante. Fui por deducções pequeninas. Muitas vezes me fallava elle da harmonia plastica das fórmas. Contou-me uma historia original: uma menina engraçada, cuja belleza realçava com uns dentes alvissimos de jaspe; a vaidade de mostral-os tornara-a jovial. Infelizmente tropeçou em uma escada e quebrou um dente. Perdera o seu melhor encanto. D'ahi em diante, procurando encobrir esse defeito, tornou-se taciturna, melancholica, apprehensiva, até que se foi definhando e morreu de desgosto. Contava-me isto como uma grande verdade, como doutrina que professava. Admirava o costume de Sparta, que mandava despenhar de uma rocha as crianças disformes. Pobre rapaz! Como uma circumstancia pequenissima lhe influiu no caracter e na existencia. Elle era aleijado de um pé, como Byron, e era este o seu desgosto intimo, que o trazia solitario e o tornava aggressivo, porque se via amarrado a um ridiculo.

O sonho de Esmeralda

Oh! meu amigo, oh! meu poeta, tu não sabes o que é um rapaz que sáe aos vinte annos da sua agua furtada, sem conhecer o mundo, ignorando a vida, tendo vivido alimentado por sonhos impossiveis, rico de todas as leituras, levado por ambições altivas, que o fazem grande, sentindo muito, amando tudo, e que o acaso atira ao meio de uma cidade opulenta, onde ninguem se conhece, onde todos se egualam e atropellam! Foi quando comprehendi aquelle tercetto de Dante, de uma profundesa nocturna, que me abysmava, cada vez que o repetia na mente:

> No meio do caminho d'esta vida
> Dei por mim na amplidão de selva escura,
> Pois que a vereda certa era perdida.

Não sabes como o ruido de uma cidade immensa, o dédalo das ruas, a extranhesa e indif-

ferença dos que passavam, me tornava solitario no meio das multidões. Tantas vozes perdidas no ár, e nenhuma para mim! Tantos braços cahidos com desdem, e sem nenhum me estreitar a si. Parecia-me o tumulto como um naufragio em que a ancia do salvamento nos torna egoistas, insensiveis para as agonias dos outros.

Todas as aspirações que me fizeram deixar o retiro benigno onde me voaram os primeiros annos, mostrando-me o mundo como uma grande festa, que me despertaram o desejo de ser tambem um dia conviva, iam-se apagando, abandonavam-me como no encontro fortuito de um desconhecido. Sentia-me pequeno, incapaz de luctar, de me impôr a admiração dos outros.

O que teria sido de mim nas horas monotonas do desalento, nos longos dias do desamparo, se não fôra a poesia! Até então tinha ella sido um folguedo, um brinco infantil, innocente, um vagido timido e suave da alma, que anceava a luz, como uma borboleta prateada antes de romper a chrysalida nocturna. Sem ter quem me fallasse, pedi á poesia os seus antigos carinhos, um alento de esperanças, um orvalho para refrescar a aridez do dezerto em que me via. Ella, a irmã dos tristes, a alma dos que soffrem, como veiu terna, espontanea, compassiva para consolar-me! Cantavá, como uma criança, quando tem medo e procura esvaecer os vultos caprichosos que lhe voejam na phantasia. Foi a poesia tambem que salvou o desgraçado Jacopone, quando, abalado

pelos desastres da vida, errando pelas ruas desvairado e doido, apupado da plebe, perseguido, veiu bater ás portas de um mosteiro, d'onde egualmente o repelliam. Foi ella que lhe deu a paz da cella e a serenidade da contemplação.

Oh santa e divina poesia! bem hajam os que choraram por que te descobriram e trouxeram á vida, como uma pérola nunca vista trazida do fundo do oceano. Bem hajam os que ainda choram, por que te guardam em si, como uma vestal solicita ateando continuamente a labareda do altar. Bem hajam os que hão de vir para soffrerem, por que nos comprehenderão sentindo-se aliviados.

Andava pela cidade sem destino, vagabundo; eu mesmo ia comprar o alimento para o dia, e enojava-me esta guerra mesquinha e vil do pequeno commercio para os que chegam incautos, inexperientes. Os fundos, e bem poucos que eram, iam-se reduzindo de dia para dia; estava quasi sem dinheiro, e com um orgulho e altivez incrivel para affrontar o futuro.

Enrolado, dentro de uma gaveta, tinha um manuscripto, que escrevera para distrair-me na solidão das minhas horas. Quando me lembrei d'elle comecei então a dar-lhe o valor que até alli não conhecia. A necessidade, que se approximava, a cada instante, fazia-me procurar n'elle todas as esperanças. Pobre manuscripto! Quem o poderá entender, quem dará dinheiro por essas paginas sem sentido, que a

ninguem tocam e que nem ao menos fazem rir? Demais, estava escripto com uma letra inintelligivel, entrelinhado e sublinhado, em um papel repassado de tinta amarella, que mal se percebia. Quando me vi quasi sem dinheiro, á *porta inferi*, tornei a enrolar o manuscripto, metti-o debaixo do braço, e sahi. Passava pela porta dos editores e não me atrevia a entrar. Tinha medo que me insultassem com um riso de escarneo, por me verem tão criança e já com pretenções a auctor. Guardava sempre para ámanhã a extrema resolução, e tornava a trazer o livro para casa e a fechal-o na gaveta. Não imaginas que horas de tormentos! Eu temia que me apagassem com um riso todas estas esperanças, e me convencessem com argumentos assim da minha nullidade; bem conhecia o que me haviam de dizer, previa-o, cheguei a escrever a resposta que os editores me dariam: «O seu manuscripto não tem leitores; não é um romance, nem um conto; tem algumas paginas excellentes, mas não póde dar lucro de maneira alguma.»

Era esta a resposta que eu antecipava, para me não doêr tanto depois quando a recebesse. Um dia, o ultimo, sai a tremer com o manuscripto. Oh meu amigo, para que te hei de fallar n'estas cousas? Nem eu queria chegar a este ponto, quando te prometti contar a historia d'essa mulher, que tu conhecias melhor do que eu. N'esse dia, comecei a sentir povoar-se-me a soledade da vida, mas com outras dores, desesperanças novas.

Nos primeiros mezes que passei n'aquella cidade, tinha lido e estudado desesperadamente; a meditação fôra o refugio do tedio, mas era como um abutre que me lacerava as entranhas.

Vi-a! leve, delgada, divertida, olhando para todos, com uma graça encantadora de infancia, com uma gentileza de senhora, confundida pelo meio da plebe, sorrindo para os que a fitavam. Foi um d'esses sorrisos que me levou a alma presa. Que lucta obstinada e escura dentro d'esta pobre alma! o estudo e a paixão debatiam-se, arcavam, procuravam mutuamente supplantar-se. Eu tinha acabado de ler a *Notre Dame de Paris,* e achava em mim não sei que analogias sinistras com Claudio Frollo. A *Notre Dame* de Victor Hugo é a rosa emmurchecida, que rejuvenesce ao sol do mysticismo, é a *Turris eburnea* por quem o poeta se apaixona no sublime delirio da arte. Claudio Frollo! o desgraçado arcediago deixou tambem correr tranquilla a mocidade no retiro do estudo; depois a *Esmeralda* enfeitiça-o, dançando, no volteio vertiginoso das praças. São duas paixões que se combatem. Qual d'elles triumphará? A fatalidade do impossivel?

Eu não conhecia o labyrintho de ruas da cidade populosa e immensa, ía em busca d'ella sem saber para onde. Encontrava-a quasi sempre, por uma coincidencia fatal. De uma vez, lembra-me ainda, foi quando a vi mais bella do que nunca, mesmo do que todas as mulheres. Estava confundida entre a multidão, que a abafava na sua

onda; mas para mim realçava tanto como um carbunculo que reflecte em si a luz de todos os cirios. Via-lhe na expressão languida e curiosa a alma de todas as almas dos que a cercavam. O povo amontoara-se para vêr subir aos áres um balão. Era um dia de alegria e de festa; quando a descobri estava com os olhos erguidos para o céo. Oh! se ella soffresse, se implorasse a Deus uma consolação, não estaria mais sublime e radiante. O que a fazia confundir o azul dos seus olhos com a limpidez do firmamento era a curiosidade de criança. E contemplava o balão que subia, alheia á vozeria da gentalha. Desejaria elevar-se tambem ás alturas, e então estava pensando no devaneio d'esse desejo? Quem sabe os caprichos que passam pela alma de uma mulher? Quem póde contar todas as ondas que faz uma brisa perpassando levemente á flôr das aguas? Quando baixou os olhos á terra deu com os meus, que a contemplavam, sorriu-se. Oh! como aquelle sorriso me faria esquecer todos os pezares, me daria coragem para todas as luctas, me insuflaria alento para os mais inauditos esforços, se ella se não sorrise assim para todos.

Para todos! É este egoismo do sentimento que gera os nossos males, exacerba a mais terrivel das paixões, a mais selvagem e vil, que é só grande pela loucura. Eu tinha ciumes de todos, porque ella sorria prodiga de encantos, tanto para os que passavam indifferentes, como para o que *a contemplava* com o desinteresse com que se

olha para um marmore antigo ou adorando a sua morbidez de Madona, como para aquelles espiritos baixos e abjectos que a fitavam desassombrados, preoccupados de um desejo faminto e estupido de sensualidade.

Criança e indiscreta, seria a innocencia que a fazia sorrir para todos, como uma borboleta que vôa de flor em flor, ou como uma rosa que embalsama de perfumes todas as virações que passam? Eu não sabia, e tinha medo da verdade. O amor triumphava completamente do estudo. A verdade, que procurava incansavel no ardor das vigilias, agora já não me mostrava os mesmos encantos. Queria que se escondesse, que se não deixasse tocar por mim, como um arcano divino. Quem podesse viver sempre illudido! Oh! verdade! verdade! para que vens agora, que te não busco, acordar-me tão cedo do sonho doirado?

A multidão dispersou-se ao vir da noite; eu fui seguindo para onde ella habitava. Ia perdido, a distancia, sem conhecer as ruas; a pequena, distrahida, como por descuido olhava para traz. Depois que soube onde morava, procurava a cada instante vel-a. Havia uma fatalidade que me atirava para essa mulher. Só, no meio de uma cidade grande, desconhecido, amava a perdição, e sentia-me arrastado, sem ter ao menos um Tiberge que me salvasse, como o amigo do infeliz Des Grieux, amante da *Manon Lescaut*. O futuro! nem já podia vêl-o, com a vertigem que um olhar

fascinador me causava; apagava-se esse ideal que me dera tantas vezes coragem nos transes e provações da vida. Ria-me do futuro. E que é o futuro? De que me vale preparal-o, consummindo a vida, se me foge antes de o gosar? Viver obscuro! embora n'uma trapeira, mas ter um dia, ao menos, a mais pequena realidade de tantos sonhos! Ter que apalpar entre as visões brilhantes, sem corpo, e que nos mentem sempre. Viver obscuro! Que haverá melhor, quando se tem ao lado aquella que se ama e resume todos os encantos e riquezas do mundo na mais pequenina de suas fallas?

Sentia-me escorregar lentamente para o precipicio; a paixão dava-me uma lucidez com que explicava a loucura e a justificava diante da consciencia que me accusava de instinctos baixos, sem dignidade. Apparecia-me á janella todas as tardes; sentava-se ali e costurava. Tinha um orgulho indizivel ao lembrar-me que, de entre todo aquelle bulicio de gente desconhecida, havia uma mulher que pensava em mim e me estava esperando. O amor tornava-me timido; queria fallar-lhe e não sabia. Pedi então á poesia que fallasse por mim.

Para um amor puro, ethereo, que se esconde e não se atreve a declarar-se, nada o exprime melhor no seu vago ideal do que um soneto. Estudei esta fórma, a mais completa das fórmas lyricas. Elevado como a ode, melifluo e simples como o madrigal, sentencioso como o epigramma, é a synthese de todas as fórmas do lyrismo. Como

o não desenvolveu o genio da Italia, nas suas elevações erotico-mysticas! Nas duas primeiras strophes do soneto, o sentimento revela-se pela imagem, occulta-se sob ella como indefinido, intangivel; o predominio da imagem tem a quadra, fórma livre para as representações do mundo exterior. Depois é que o sentimento se mostra no seu esplendor absorvendo em si todas as potencias da alma; é o terceto que o traduz, a triade fatidica, que se imprime mysteriosamente em todos os factos do espirito. Do accordo entre a imagem e o sentimento, provém a diversidade das fórmas poeticas. Se a imagem se mostra na sua complexidade finita, a poesia tem um caracter didactico e descriptivo; se o sentimento se sobreeleva á imagem e se manifesta na sua subjectividade, eis o lyrismo puro. É por isso que o soneto é a fórma suprema do lyrismo. Santificaram-n'o Dante, no retrato do amor ideal, na *Vita Nuova;* Petrarcha, exaltando o amor religioso de Laura na solidão de Vauclusa; Miguel Angelo, esse Protheu que encarna todas as fórmas do bello, e Vittoria Colonna, confidenciando ambos com os sonhos da arte, de um modo que ninguem macularia o seu platonismo radiante. É tambem nos sonetos religiosos de Lope de Vega, que se conhece a profundidade de sua alma sensivel, e nos de Camões, que se aspira o perfume da saudade de seus mallogrados amores.

Esquecia-me a dissertar sobre o soneto para evitar o ridiculo de ter assim cantado esse des-

vario. Eu a via todas as tardes á janella; tinha a seu lado um passarinho, que saltitava, chilreando contente, para quem fallava, dizendo o que queria que eu ouvisse. Como não perceberia elle estes segredos de amor, quando o estava embalando com o seu cantar soffrego, tremente. De uma vez atirei para dentro da janella este soneto traduzido do hespanhol de Lope de Vega. Não ha expressões humanas que possam dizer mais:

Dava alimento a um passarinho um dia
Lucinda, e pela estreita portinhola
Foi-se-lhe a ave das grades da gaiola
Ao vento livre, onde a cantar vivia.

Entre-rindo, a mãosinha ella estendia
Para o suster; na dor que a desconsola,
Diz (pois como a vergontea se estiola
Sem luz, sua face a pallidez tingia):

«Para onde vás? e deixas este ninho
«Que de frouxel teceu a doce amiga,
«Que a brincar com o teu bico se enamora?»

Ouviu-a enternecido o passarinho,
Bate as azas para a prisão antiga,
Que tanto póde uma mulher que chora.

O que haverá na poesia antiga que exceda este primor? Quem soube idealisar assim uma lagrima? Comprehenderia ella a profundidade d'este sentimento? E sorria-se de cada vez que lhe en-

viava novas confidencias, mas do mesmo modo que sorria para todos. Pára todos! Sempre esta idéa infernal a envenenar-me todas as horas da vida. O poder das lagrimas que lhe descobri, a *fraqueza* que vence todas as forças, não tinha esse mysterio, quando as derramei ao vêr-me nú, abandonado pela esperança fagueira, que fugira como o passarinho de Lucinda. Disseram-me... nem eu sei o que me disseram. Fôra a mãe, a mesma que a susteve nos joelhos quando a atirou á vida e a amamentou com seu leite, quem a arrojou á perdição. Quem havia de adivinhar que sob um ár de candura, que a cercava de uma auréola divina, vergava uma alma oppressa pelos insultos dos que lhe pagavam! O que é uma cidade grande! Não se devoram com os horrores da anthropophagia, mas a vida vae continuamente alimentando-se da vida. Não sei, não posso contar-te tudo.»

Um anno depois encontrámo-nos; o pobre rapaz estava possuido novamente da paixão dos livros. Era uma anciedade de saber, não menos funesta, que o amputava para todos os gosos da vida. Não me atrevia a fallar no antigo amor; tinha medo de acordar-lhe as agonias que estariam talvez já adormecidas. De uma vez, estavamos *juntos*, vi passar a distancia uma rapariga,

um typo raphaelico de candura; ia seguida por uma mulher velha e tropega. Era uma antithese que fazia pensar muito. Elle olhou-a e foi acompanhando-a com a vista, com certa anciedade; depois, como refreado pela reflexão, olhou para mim envergonhado, córou e disse, procurando esconder esta impressão repentina:

— E' ella.

Não comprehendi immediatamente; fui barbaro, pedindo que me explicasse o mysterio d'essas palavras intercortadas. Elle apenas pôde proferir uma, mas que era o resumo de todas as dores e decepções, da compaixão que ainda sentia, do ideal a que tinha aspirado, da fatalidade a que tinha succumbido. Olhou-a, ella já ia longe; depois que a viu desapparecer, disse, contemplando ainda e com a voz a apagar-se:

— Uma ruina!

O Evangelho da desgraça

Era uma criança linda, linda como os amores. Os movimentos impensados da infancia davam-lhe a cada instante uma nova expressão de candura, faziam amal-a, beijal-a. Ella não sabia que estava sósinha no mundo; a pomba não tinha a aza maternal sob que se occultasse, quando viesse o abutre pairando para arrebatal-a. Ria, descuidada.

A graça com que saltava! Parecia um pequeno gato quando brinca.

Faltava-lhe pae e mãe que lhe soubessem interpretar todos os requebros, a meiguice das palavras apenas balbuciadas, adivinhar seus medos, aspirar-lhe os risos, unir-se ás suas alegrias, beber-lhe as lagrimas sem motivo.

Era uma florsinha nascida á beira da estrada,

exposta aos ventos da noite, ao rigor das calmas, ao tropel dos que passam, banhada de perfumes que ninguem vem respirar, derramados ao capricho das virações. Pobre filha! Como estas plantas que se estiolam e seccam, mal rebenta o gomo que as hade substituir, a mãe morrera ao trazel-a á luz; com ella se foram para a cova todos os carinhos que nos embalam e fazem esquecer as dôres por onde se nos dá a conhecer a vida.

Sem mãe!

Ninguem sabe o que é vêr descer a noite negra, e as crianças que brincavam comnosco cairem de cansadas em um regaço que accalenta, ouvir as cantigas que as adormecem e lhes afastam o medo; e não saber por que não temos aquillo tambem, não haver quem nos chame, nos fale e nos conte maravilhas, e nos esconda no calor benigno de um seio que bate por nós. A orphandade! E depois quando os primeiros alvores da mocidade começam a doirar-nos a existencia, a acordar a um tempo todos os sentimentos bons e santos, não ter quem nos descubra e faça presentir as sarças que nos podem prender, as torrentes que nos podem levar, os abysmos em que se póde cair. Uma mãe! Ella nos ensina a amar e nos faz bons com o seu amor.

E se o amor inconsiderado da gloria nos arrasta, se a vertigem de alcançal-a dá coragem para affrontar o impossivel, sacrificar a vida *por um fumo* que o tempo dissipa, feliz de quem

tem uma lagrima na vida que nos ensine o que ella vale, para não dal-a por tão pouco.

Mas a pobre criança na sua ignorancia ditosa não sabia d'isto; brincava sósinha, aprendia a ser mãe. Que affagos perdidos com a boneca que embalava ao seio, que beijava, vestia e despia, fallando com uma ternura que ella adivinhava, porque nunca no mundo ninguem lh'a havia dado, ensinado.

Aos sete annos perdeu seu pae; era pescador. Elle e a sua barca desappareceram em uma noite de temporal. Costumada a vêl-o poucas vezes, a criança não deu pela falta; esqueceu-se de que tinha pae, como se acostumára á falta dos desvellos de sua mãe. O pescador, quando ía para a costa deixava-a sempre em casa de uma visinha, com quem distribuia os diminutos ganhos que apurava. Esta visinha era como todas as pessoas que resam muito com a mira no céo, e de tal fórma se tornam refractarias a todo o sentimento, sem affeição a ninguem, incapazes de uma generosidade; então para as crianças, que não comprehendem, são mais aterredoras que um mestre de meninos. Quando a visinha soube da morte do pescador, carpiu, deplorou, sem saber como subtrahir-se ao encargo da abandonada criança. Se até ali o nimio descuido e desmazello eram providenciaes, porque ao menos não vinham atrophiar os impulsos expansivos da infancia, d'ali em diante a visinha arrogou-se a auctoridade absoluta, expressa n'esta maxima po-

pular—quem dá o pão dá o ensino. Mas a criança tinha um dom que a defendia de todas as atrocidades brutaes da prepotencia irresponsavel, era linda, linda!

Quantas vezes não passou pela cabeça da desalmada visinha amparal-a até á edade em que pudesse auferir um lucro criminoso d'aquella formosura angelica. Belleza funesta que vem accumular a desgraça á indigencia, dar uma côr mais sinistra á miseria. Tinha sete annos apenas! custava tanto esperar. Lembrou-se então a visinha —uma idéa luminosa que a livrou de escrupulos de consciencia e lhe asserenou o animo alvoroçado por uma caridade que a sorte lhe impuzera — a criança tinha ainda um avô do lado materno, feitor de uma rica propriedade. Era a algumas legoas de distancia; em um domingo, depois da missa da madrugada, poz-se a caminho com a pequena e foi entregal-a ao avô.

Nada mais commovente do que a infancia e a velhice quando se amam e se comprehendem; tem ambas uma frescura juvenil, o frescor dos orvalhos doirados da alvorada e da geada nocturna, a luz e sombra formando um brando crepusculo em que se scisma sonhando alegrias por vir e illusões que não tornam.

Não se descreve a loucura de jubilo que o velho sentiu ao vêr a criança, carne da sua carne, uma parte da sua alma, que reflorescia viçosa no engraçado renovo. Ria, chorava no seu transporte, doudo, doudo de contente ao beijal-a. Fi-

tava-a, esquecia-se a vêr-se n'aquelle retrato, a menina dos seus olhos, como lhe chamava quando os soluços lhe não embargavam a voz.

— Eu não podia morrer, sair d'este mundo, sem te vêr, minha filha! Tu bem sabias isto; foram os anjos que t'o disseram, por isso quizeste vir. Trazes-me o dia mais alegre da minha vida. Quando tua mãe nasceu foi n'um dia como este, e eu não me alegrei tanto; não me lembrava que uma filha é o melhor encanto da velhice! Estava longe da minha aldêa, muito longe, andava na guerra havia quasi um anno, e ainda não era bem um que estava casado. Quando voltei, já tua avó e tua mãe tinham morrido. Não te importam estas cousas! Tu queres brincar? Vae correr, anda á tua vontade. Como ella é tão bonita! Eu choro sem saber porquê! Tinha pedido tantas vezes ao pae que a trouxesse cá um dia. Eu não devo deixal-a ir; ella é minha agora.

Quando o velho soube que a criancinha estava completamente orphã no mundo, deu graças ao céo por lhe havêr poupado a vida de tantos riscos que atravessára. Julgava-se o roble secular que protege o arbusto flexivel, quando as rajadas retouçam na floresta. Queria penetrar os designios da providencia, que o destinára no declinar dos annos para a guarda d'este thesouro de candura.

O velho, á noite, sentava-a sobre os joelhos, fallava como a uma pessoa desenvolvida, contava-*lhe historias* do passado, até que a adormecia, e

se esquecia vellando ao pé d'ella, horas inteiras. O que lhe não contaria o velho na sua simplicidade de justo? Mutilado como estava das longas batalhas em que entrára, perguntava-lhe a criança a historia de cada cicatriz. Ella nunca vira estas disformidades nas outras pessoas e tinha medo; o velho distraía-se de continuo pintando-lhe os recontros, as contraminas, as cargas; ás vezes não fallava para ella, fallava comsigo, vehemente, exaltado, por fim ria-se de si, e acabava por beijal-a muito. Isto repetido quasi sempre ao fim da tarde, quando o sol dardejava na aresta da montanha, e vinha de longe a toada dolorida e plangente da sineta de uma freguezia proxima.

A apparencia do velho infundia consolação; a falta de dentes dera-lhe uma disposição aos beiços desbotados de modo que parecia ter sempre um riso de mofa, inoffensivo, divertido, communicativo. Sobretudo, o que era mais sympathico na sua fealdade eram uns olhos, de pequenos, tão alegres e vivos, que pulavam, como no vigor da edade e das paixões, em umas orbitas encovadas, maceradas pela senectude. As cicatrizes das ballas e espadagadas, misturando-se com as rugas da velhice, em vez de o tornarem repulsivo, davam-lhe um aspecto attrahente, em que o bom humor que o animava deixava reflectir um fundo de bondade, que tem quasi sempre as pessoas que soffreram bastante.

E quanto não tinha elle soffrido? Noivo, casado de um anno, viu-se forçado a abandonar seu lar,

deixar a roupa de camponeo pela farda apertada, a choça pela caserna, o nome por um numero, o leito fresco, cheiroso com roupas de linho, pela tarimba, e sobretudo a vida sanctificada da familia que acabava de formar em roda de si, pela guerra em que se ia confundir.

Fôra no tempo da guerra peninsular. Uma estrella funesta o acompanhou sempre, amparando-lhe a vida para soffrimentos inauditos. Nunca entrou em acção d'onde não voltasse ferido; todos galardoados sempre, d'elle ninguem se lembrava! A jovialidade dava-lhe forças para resistir á oppressão da injustiça. De uma vez levaram-lhe os dedos quasi todos, porque em uma carga de cavallaria teve de fazer das mãos capacete. Retalhado, calcado aos pés do esquadrão, ainda ali a sorte acintosa o guardou para novas provações. O pobre soldado não sabia queixar-se; por fim como não pudesse dar ao gatilho, passaram-no para a artilheria.

Ahi subiu de ponto a sua infelicidade. Em uma investida a peça que descarregava esteve quasi nas mãos do inimigo; era um magnifico apresamento. Exasperado de raiva encravou-lhe o busil, para não fazer mais fogo. Depois, que a levassem os contrarios! N'isto o pelotão foi distrahido para outro lado. Julgaram então o misero soldado traidor aos seus, e descarregou-lhe o general um golpe que o estendeu por terra. Em uma nova investida dos contrarios conheceram a prudencia do artilheiro, mas deixaram-no estendido por

morto; as carretas passaram por sobre elle e fracturaram-lhe as pernas. Pediu debalde aos inimigos, que iam de avançada, que o acabassem de matar. Ninguem o ouviu, com o estrepito das descargas e do rodar dos trens, o ruido da cavallario e o ecco dos clarins. Depois da batalha, quando iam atiral-o á valla, pediu que lhe poupassem a vida. Doeram-se d'elle e levaram-no.

Passados longos annos, depois de percorrer alheias terras e ter affrontado a fome e a solidão de extrangeiro, pôde voltar á sua aldeia, desacompanhado de felicidade, sem um unico signal de reconhecimento pelos serviços. A esposa que deixára um anno quasi depois de casado, tinha já morrido, deixando uma filhinha na orphandade. Ella mesma fóra crescendo, fizera-se mulher; humilde, havia dias que se casára tambem com um pobre pescador. O velho soldado não quiz ir aguar com a sua presença a sociedade dos dois esposos; restava-lhe um antigo amigo, que ouviu attento as suas calamidades, e o convidou para tomar conta de uma rica herdade que possuia. Ao menos encontrava no fim da vida a suavidade dos campos, e a tranquilidade da solidão.

Quando se tem soffrido muito, cada momento está cheio de saudades da vida, porque o soffrimento é o signal mais certo de que se tem vivido.

Estava pois n'esse remanso o velhinho quando no desejo de ver a creança, filha de sua filha, passára annos e annos na doce espectativa. Só

quando lh'a trouxeram e a beijou com a loucura de quem se sente duas vezes pae, é que soube dos novos desastres que o saltearam. Que havia fazer senão resignar-se! Aquella planta debil e mimosa era o que lhe restava na vida; protegia-a com afan, sollicito, esmerado, como um amante, cioso de que um atomo impalpavel de pó a maculasse.

Em todos os momentos, em qualquer parte o velho e a creança agrupavam-se tão bem, que a natureza, por mais bella e surprehendente, era sempre accessoria, o fundo do quadro em que realçavam. N'este idylio encantador a creança passou a infancia mais descuidada e feliz; a liberdade dos campos, a serenidade do espirito deram-se as mãos no desenvolvimento d'ella.

Estava uma rapariga!

Linda, linda como os amores!

Quem a via esquecia-se a olhar, contemplava.

Era mais um seraphim do que uma creatura.

Os olhos tremeluziam-lhe com um fulgor metalico; pareciam nunca terem sido empanados pelas lagrimas. Cantava a toda a hora como um passarinho das balsas; mas as cantigas que modulava distraida, eram a expressão do segredo mais recondito da sua alma. Lavando na ribeira ao som da agua corrente, ouviram-lhe uma vez cantar:

Os meus olhos são dois peixes
Que nadam n'uma alagôa;
Choram lagrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

E quem seria essa pessoa, a primeira que soube arrancar uma lagrima d'estes olhos tão puros e meigos? Maior que todos os poetas, mais do que Deus talvez, quem soube dar fórma ao sentimento d'aquelle coração virginal em uma gota de agua, uma lagrima caida, irmã gemea das que os anjos andam pelo mundo aparando em suas urnas crystalinas, para as engastarem como estrellas da noite saudosa no vacuo do firmamento. E ella cantava:

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem pena,
Logo os olhos dão signaes.

Ella espalhava ao vento os seus pezares, mas ninguem os percebia; o avô alegrava-se ao vêl-a sempre entrar em casa cantando; mal sabia que a harmonia sonorosa era o ruido de uma grande tormenta. A pobre criança soffria muito, amava! Ha na vida do coração um momento em que todas as emoções, impulsos e sentimentos se alevantam a um tempo, e vão apoz o primeiro que os acorda. São como os perfumes derramados pela primeira brisa que chega. E' como um *estado nascente* da paixão.

Don Juan sabia por certo este segredo, conhecia o momento em que todas as mulheres se perdem, porque se dão ao primeiro que apparece.

Nem ella conhecia porque amava, nem tampouco o impossivel que se erguia entre o seu

amor e o nascimento desegual d'aquelle que a endoudecera com as palavras balbuciadas tremendo. Amava o filho do antigo amigo de seu avô, dono da herdade em que habitava; estupido, uma d'essas almas boçaes, nascidas para deturparem tudo, porque não vêem, nem sonham senão o mal, mesmo no instante em que a linguagem mais intima da candura vem affagar-lhes o deserto em que o seu egoismo as esconde. Demais, elle tinha está regularidade de feições, de uma monotonia que enfada, chata, insignificativa, mas que dizia bem com a alma que o animava, incapaz de qualquer acto generoso, de instinctos vis, mas julgando-se digno de todos os respeitos diante da sociedade. Tanto mais criminoso parecia, quanto era ainda novo, tambem criança, em quem se espera a ingenuidade dos primeiros annos que tudo perdôa.

Aquelle que a innocente rapariga amava, não pensava senão em perdel-a. Era tão facil! Estava desprevenida, não via a traição da onça refalsada, onde esperava uma attracção irresistivel! Mal haja quem não falla verdade n'este episodio mais santo e verdadeiro de toda a existencia.

A pobre pequena não sabia estas subtilezas do peccado; foi apoz os seus sentimentos, deixou-se adormecer ao som da voz que a illudia, para acordar com a gargalhada fria e insultante no fundo de um abysmo onde fôrá atirada para sempre. A alegria que até ali tivera, e era a sua principal belleza, perdeu-a com a innocencia.

Ja não cantava; andava silenciosa, desolada, como na afflicção de uma dôr que se não exprime. A unica pessoa que a amára verdadeiramente no mundo, seu avô, não tinha alma para perguntar-lhe o que a trazia assim oppressa.

Ella envergonhava-se das lagrimas, represava-as, bebia-as! Uma vez, pela volta das trindades, o velho voltava do trabalho; pousou a enxada ao canto da choça. Sentaram-se á mesa frugal; não comiam, preoccupados por uma angustia que se não atreviam a confessar um ao outro.

A final o avô perguntou-lhe com uma doçura inexcedivel:

— O que tens?

Ella prorompeu n'este instante em uma torrente de lagrimas irrepressiveis; ia para fallar, os soluços intercortaram-lhe a voz; atirou-se ao pescoço do velhinho, estreitou-o a si, sem poder fallar.

Era o maior golpe que o desgraçado soldado experimentava, o ultimo que lhe abalava a vida.

Comprehendeu tudo.

Traduziu as meias palavras da queixa dolorida, e soube que o filho do seu protector fôra o seu algoz.

Não podia accusal-o, vingar-se; era uma horrivel collisão de deveres! Ficou com a immobilidade do espasmo; hirto, como Bonifacio VIII diante da multidão que ia para despedaçal-o. Sentado á mesa, com a mudez do assombro, assim permaneceu a noite toda, até que ao outro dia deram com elle regelado, cadaver!

*
* *

O desespero das imprecações do desgraçado da terra de Hus, deitado sobre o monturo, coberto de lepra, envergonhando-se da luz, desejando haver tido o sepulchro por berço e por seio que o escondesse a podridão e os vermes da terra, todo este cicio da immensa agonia da alma que se alevanta até Deus e na sua fraqueza lhe exproba a desegualdade da lucta, é uma das mais completas, a primeira manifestação do poema eterno da agonia.

Acorrentado sobre os fraguedos que te serviram de leito, Prometheu vencido, a Força e a Violencia guardaram os sarcasmos para a hora em que as extorsões convulsas não amedrontam os algozes; deixaram-te aos abutres famintos, fustigado dos ventos, mas ao menos o turbilhão erguia o grito da ameaça; o orvalho das noites refrescava-te o ardor da raiva, e o Oceano consolava-te porque te dizia: Prometheu, mesmo pregado contra essas rochas, sabes fallar ainda com liberdade! Deus banido, os outros deuses feriram-te porque nos alentaste a vida com a esperança; se é de força o soffrimento cumpra-se a fatalidade! Elles não conheciam as dôres fundas, que se não vêem, que matam lentamente, as dôres da alma, não as conheciam por isso não as

infligiram. As grandes obras da arte, Job e Prometheu, foram os que fizeram sentir no mundo as maiores dôres; mas a dôr moral, que os deuses antigos desconheceram, a dôr muda, essa é uma creação do homem, o maior inimigo do homem.

Aquella mascara

I

A dór transforma-te! Estás desconhecido. Já não tens o entendimento e a vivacidade dos dias da tua alegria. Que desastre repentino te deu essa immobilidade do espanto? Desfolharam-se tão cedo as flores da tua primavera; estão desbotadas as rosas de tua face, extincto o fogo d'esses olhos, que davam alma a tudo quanto dizias. A tua alma expandia-se, mostrava-se franca, como a verdade; illuminava-te o rosto, como um sol rutilante na immensidade tranquilla do mar. Eras exaltado, febril no que sentias; cada palavra tua era o ésto de uma paixão latente. Tinhas o segredo da fascinação, a magnanimidade do heroe, e a impenitencia do ergotista; eras a um tempo seraphim e demonio, podias transportar ao setimo

céo, ou atirar ao barathro a mulher que te seguisse, Tinhas a consciencia da força e rias-te de todas as mulheres, não te affligia o amor. Ainda era cedo para pensares n'isso, se é que se pensa quando nos atiramos á luz que nos deslumbra. Comparavas a sociedade a um oceano revolto, e só tinhas em vista levar o teu baixel a porto seguro ; a estrella que te guiava, a monção fagueira que desfraldava aos pontos do céo a tua vella branca que havia de ser, a não ser o amor? O amor era um pequeno movel para ti ; a ambição dava-te maiores impulsos, querias ser grande e dominar, absorver os outros. De facto tinhas em ti um poder assimilador, reduzias os outros a ti. No meio dos caprichos da tua individualidade altiva, mostravas grandes verdades. Eras todo sensualista, cercavas a vida de prazeres, mas só d'aquelles que te proporcionavam os recursos infinitos da intelligencia. Para ti a arte era mais do que todas as scincias do mundo, era a synthese suprema das faculdades do homem, porque é pela arte que elle adquire a consciencia de si. A acção justa, não a conhecias pela harmonia dos principios eternos da justiça, era preciso sobretudo que fosse capaz de produzir uma obra de arte. Todas as tuas posições eram esculpturaes, podiam-se reproduzir no marmore ; não era a affectação que te levava a este estudo, eram as tuas idéas da eurythmia, a necessidade de completar as expressões de tua alma no movimento exterior que mais as significasse. Áquel-

les que não comprehendiam isto, que se riam e violavam os encantos da plastica, chamavas-lhes *Verna*, um nome insultante, com que mostravas a sua incapacidade para sentirem o bello. Dotado d'esta serenidade impassivel que tem o homem verdadeiramente superior, ás vezes não sabia porque deixavas um intante de ser bom; não se te dava de sacrificar os outros com tanto que te engrandecesses. Parecia um egoismo revoltante. Tu não professas a egualdade. Os *Verna* existem, para que entulhem a valla em que o heroe poderia cair. Isto é assim. Já vês que te conheço. Para que te escondes agora? Porque me não contas a anciedade de todas as tuas dôres! Eu sou incapaz de te humilhar com á minha compaixão. Se te custa, não me digas tudo, deixa-me adivinhar, presentir o mais; temos em tudo a necessidade do indefinido. As grandes dôres são como as lagrimas; são mais ardentes á medida que se represam.

— Eu tenho vergonha de te não haver descoberto ha mais tempo o labor mysterioso que se tem operado em minha alma. Amo! Esta palavra diz tudo. A minha agonia provém do meu orgulho; é um golpe que dóe sempre, eternamente, que me faz ser máo, vingativo, e me dá força para esmagar os outros. Em mim o orgulho é o movel de todos os grandes sentimentos, é elle que me pôde fazer mais do que homem. Tu sabes perfeitamente a minha vida; tem sido até hoje um combate incessante; a aura pequena

que me cerca, o favor e a consideração que tenho tem sido uma conquista infatigavel, como aquelles combates sangrentos da velha tactica nas minas e contraminas das fortalezas. Detestei a familia em que nasci porque foi a primeira que me humilhou e me queria egualar. Não imaginas que esforços inauditos para conseguir uma diminuta independencia á custa de um trabalho insano, o trabalho da intelligencia, que ninguem reconhece, que se não paga. Depois, vêr-me envolvido na alta sociedade, ter de competir e de mostrar-me forte, não querer que ninguem adivinhasse a minha indigencia! Não sabes, o que é voltar alta noite do ruido de uma grande festa e atirar-se um homem de cansado a cima de uma enxerga alastrada em uma mansarda lobrega, depois das mais brilhantes ovações, depois de ter aspirado o perfume quasi celestial da gloria. Quantos n'aquella noite não invejariam a minha transfiguração, sem saber que o Thabor por onde subia era semeado de cardos que me ensanguentavam. De um dia para o outro me vi cercado de gloria; fallava-se em mim, queriam vêr-me, estava em moda, era recebido como principe, festejado, seguido. Explicavam a distracção continua que me tornava alheio a este culto perenne, pelo extasi da alma, pela abstracção continua do espirito pairando entre o céo e a terra. Não era assim. Lembrava-me o passado, a miseria e o abandono do dia de hontem, e doía-me o contraste. A gloria só por si era pouco, não me saciava. Queria bas-

tante gloria, mas para dal-a. Tinha necessidade de encontrar uma pessoa no mundo que vivesse da minha vida. Para amar tinha os typos da minha phantasia, desenhava-os a meu capricho, como queria, puros como Ophelia, dedicados como Griselidis, minhas, minhas como *la Belle au bois dormant.* Mas os dias corriam sem novidade de impressões, e os typos archangelicos que me cercavam, que evocava dos abysmos da imaginação ardente desamparavam-me como as filhas do Rei Lear. Lembras-te do quadro gigante traçado pela audacia de Shakespeare, quando o velho pae, com as cans fluctuando ao vento da tempestade, no inverno, caminha desolado no seu abandono? As filhas da minha imaginação desamparavam-me e o tedio da alma era o deserto glacial em que me via perdido. Eu sentia em mim bastante fogo, muita vida, para dal-a a quem viesse compassiva e não soubesse mesmo confessar o seu amor. Havia de interpretar cada olhar, como uma aurora que se abre, cada sorriso como uma cataracta de luz que nos envolve e nos confunde no infinito. Creara um longo sonho de amor, bello, bello, quanto sabia que era impossivel realisal-o no mundo. Por fim convenci-me tanto da verdade que o julgava possivel. Conheces estes sonhos dos nevoeiros do norte; quando a ondina se confunde na cerração, e o desejo vehemente de vel-a, de abraçal-a, começa pouco a pouco a dar-lhe fórma, a vestil-a de realidade, até que um dia se sente nos braços d'aquelle que a trouxe um mo-

mento á existencia pelo ardor da aspiração? Foi como encontrei a mulher que primeiro me fallou de amor. A confiança d'ella fez-me grande. Disse-me que não queria a minha gloria; que antes me queria obscuro para ter de amar só a mim. Deixei-me levar por aquellas palavras que eram uma musica celeste; quando já não podia resistir a mim mesmo, o orgulho atacou-me de frente.

Disse-lhe então que era impossivel o amor entre nós. Rica, bella, não podia ser amada desinteressadamente, ao menos diante do publico. Tinha vergonha que dissessem que a amava pela fortuna que possuia; esmagava-me esta idéa vil do senso commum. Desde esse instante procurei combater-lhe o sentimento puro que me revelara. Descobri-lhe uma rival, com quem ella, apezar de todos os encantos, não poderia competir, que a deixaria na sombro a estiolar-se, emquanto se aureolava de luz, se dava á adoração de todos; era a Arte, a Arte! Quando lhe descobri esta atrocidade do egoismo, em vez de desmaiar e desfallecer como aquella ingenua e timida donzella que se prostra ante a magestade olympica de Goethe, repellida pela sua rival a Arte, que a lançou fóra do seu templo, pelo contrario se enlaçou a mim com uma candura infantil, despreoccupada, beijou-me em delirio, segredando-me com uma voz que se coava por mim, que me vencia: O que é a Arte sem a realidade! Depois disse-me com a voz languida, frouxa, impensada como a melodia de uma harpa eólia: «Eu bem

sei que não tenho uma belleza que deslumbre; nem ella existe senão para exprimir algum sentimento. O que agora se passa em mim é uma verdade, é por isso que as outras me chamam bella. Se eu tivesse uma correcção de fórmas como um marmore antigo, tinha medo, sabia que não era amada por mim, que me adoravam os contornos da plastica. Gosto mais de ser como sou, posso ser amada com mais verdade.» Sentia-me mais do que Deus; elle nunca teve uma adoração assim; tinha vontade de precipitar o tempo, e chamar-lhe minha. O amor ia crescendo de dia para dia. Diante da mulher que eu sonhara, era preciso mostrar-me grande para merecel-a. «Eu bem sei que a minha familia hade combater o nosso amor; que importa! Tenho medo de não poder luctar. Se me violentarem a casar com outro, tens direito a reclamar quando quizeres o teu amor.» E' impossivel! Nunca. Essas palavras na bocca de qualquer eram infames, abjectas; ditas por ti, são uma dôr funda, a abnegação de quem não sabe resistir. Eu pensava em alcançar uma posição social á custa de todos os esforços; depois iria pedir a sua mão de esposa. O successo está em não precipitar o tempo. Confiava na minha vontade inabalavel. N'um instante desampararam-me todos os planos de felicidade; vi-me só! Não sei mesmo a quem accuse. Seria por força minha, se eu podesse ser infame. Ninguem mentiu. Perdi-a para sempre; entre nós ergue-se o impossivel. Eu nunca du-

vido do seu amor; mas de que me serve agora, que é já realmente de outro homem? Não sabias que estava já casada? Não sei como explicar isto! Ella tinha um primo, o unico herdeiro de um titulo, das grandes riquezas de sua familia. Era a ultima pessoa que restava, rachytico, infesado, com a doença hereditaria, que foi levando um após um os seus irmãos. Voltara de uma viagem pela Europa; elle mesmo chegara a esquecer-se do praso fatal que lhe estava imposto pela doença. Apaixonou-se pela prima, pediu-a, dizendo que não queria deixar extinguir-se o nome de sua casa. Accederam immediatamente. A victima innocente não pôde resistir a estes combates domesticos, de todos os dias; deixou-se levar, como o cordeiro do sacrificio. Vi-a pela ultima vez no carro com o noivo; senti-me pequeno e envilecido, parece que me enterrava pelo chão. Depois não tive coragem de apparecer. Temia os epigrammas dos outros. O orgulho é o meu maior algoz; devora-me como um cancro. Sinto-me máo, com vontade de esmagar os outros, não comprehendo a generosidade. Este desgosto fez uma alteração profunda em minha vida; nunca mais posso fallar verdade, porque me mentiram no momento mais santo da vida. Sinto-me com a imbecilidade do assombro, estou estupido; sou um involucro vasio, abandonado pela borboleta; como uma concha atirada do fundo do mar immenso a uma praia deserta. Apossa-se de mim um desespero insoffrido ao lembrar-me que ain-

da sou criança, e que tenho de arrastar uma vida erma de todas as esperanças.

—Eu bem sei que não mentes, que não é imaginaria a tua dôr. Basta olhar para a tua face; tem empanado o brilho da mocidade; é como um lago que vae perdendo a limpidez, e que as bafagens mornas evaporam. Eu queria saber consolar-te sem te humilhar. Bem sei que é muito difficil. Não achas a minima distracção onde os outros encerram todos os seus prazeres. Deixa que a tua indifferença te leve. A mulher que amaste é hoje condessa, e abre os seus salões aos amigos que festejam os annos de seu marido. Vem commigo. E' um baile de mascaras. Ninguem te póde descobrir; eu apresento-te como um amigo intimo. Tu precisas cauterisar essa agonia. Vem vestir-te.

II

Pela volta das onze horas da noite os dois mascaras foram introduzidos na sala do baile. Era mais vivo o estridor das walsas; as côres deslumbrantes, as pedrarias, os reflexos da luz, a confusão e o delirio, os pares enlaçados n'um volteio frenetico, tornavam communicativa, convulsa tamanha alegria. Entraram desapercebidos, sob dominós singelos. Debaixo de uma mascara de setim ninguem sabia que andava escondido um *grande* desgosto; a mascara servia mais para

não deixar ver aos outros aquella tristeza funda que não era para ali. Ia pelos salões olhando, seguindo, como quem caminha nas trevas. Cada vulto que passava, gracejando, rindo distraído, parecia-lhe uma larva errante n'um páramo deserto. Tanta mulher bella, tantas palavras de amor, vibradas tremendo, e nem uma sombra leve de verdade. Como os homens se alegram quando sabem que estão entre si a mentir!

N'essa noite a condessa estava arrebatadora de encanto; acabara de tirar a mascara n'esse instante, e o calor que lhe afogueava a face dava-lhe uma côr lasciva, de endoudecer; o cansaço, os labios entre abertos, que estavam como a pedir beijos, tornavam-na languida, voluptuosa como a huri mais ideal dos sonhos do propheta. Caiam-lhe algumas tranças desprendidas no fragor da dança, sobre os hombros alabastrinos, como n'uma travessura, como os cabellos de uma odalisca que se alevanta do banho embalsamado e tépido. Uma das rosas da sua grinalda caiu casualmente no chão. O olhar mais ardente e expressivo de uma mulher, não podia ser tão fatal como a queda d'aquella rosa. A mascara de setim aproximou-se mysteriosamente e ergueu-a do chão. A condessa seguiu-a vagarosamente com a vista, e esperava que a flor lhe fosse restituida. O mascara escondeu-a em si, e confundiu-se nos grupos que se cruzavam. Ninguem deu por isto. Depois a orchestra rompeu com as notas estridentes e repentinas de uma contradança.

— Digna-se V. Ex.ª dar-me a honra de ser meu par? — disse o mascara de setim aproximando-se levemente da condessa.

— Com tanto que digo para que escondeu a rosa?

— Se escondi a flôr, temia que a calcassem aos pés. Custava-me tanto vêr esmagada a imagem mais triste de minha alma. — Apenas proferidas estas palavras com a voz abafada e tremula, a condessa ergueu-se de subito, hesitando se deveria ouvir uma confidencia que a compromettia; o mascara de setim deu-lhe o braço e foi collocar-se ao fundo da sala diante do seu vis-a-vis, triumphando d'aquella irresolução.

— E o que pretende fazer d'essa flôr?

— Guardal-a.

— A sua determinação leva-me a perguntar quem lhe deu direito para tanto?

— Não devo dizel-o.

— Ordeno!

— Não é justo satisfazer todas as indiscrições, principalmente quando...

— Complete a phrase.

— A ingenuidade de criança...

— Diga tudo.

— É irresponsavel pelo passado.

— Não comprehendo! — Retorquiu a condessa fitando a mascara, procurando em vão surprehender debaixo d'ella quem seria capaz de fallar assim. Um mixto de terror e de curiosidade embaraçava-a, não sabia o que devia fazer. Depois

de alguns instantes de silencio, disse quasi em lagrimas: — Tenho medo de si! Oh dê-me essa flôr.

— Nunca!

— Exijo! — tornou a condessa com a voz sumida, sentindo-se dominada pela fascinação do desconhecido.

— Aqui está a rosa, — disse o mascara tirando do seio a flôr quasi murcha. — É impossivel entregal-a. Eu posso exigir mais em paga d'ella. Posso exigir tudo! É uma promessa inviolavel como o juramento. Um dia a mulher que eu amava, no extremo de sua vertigem e loucura por mim, prometteu ir até onde eu estivesse, e ahi entregar-se-me, se soubesse que eu tinha a vida contada por instantes, e havia de saír d'este mundo sem abraçal-a ao menos uma só vez como minha. Os desgostos têm-me devorado lentamente a existencia; presinto a cada instante em mim a frieza do sepulchro, e não soube ainda erguer a voz e reclamar a promessa fatal. Nem eu a quero! Bastou-me ouvil-a para antecipar no mundo todas as venturas do empyreo. Deseja a rosa ainda?

— O senhor dilacera-me! — volveu a condessa com a voz dorida, e com uma delicadeza inexcedivel.

— Se a flôr que deixou cair está cheia de espinhos! Não me atrevo a entregal-a. Dou pela rosa a unica idéa que me podia fazer persuadir que ainda vivo! É uma troca generosa! Acceita? Um dia a mulher que eu amava, conheceu a desegual-

dade da nossa posição, disse-me, de um modo que só ella saberia dizer sem macular a ingenuidade de sua candura: — «Se me violentarem a casar com outro, tens direito a reclamar quando quizeres o meu amor!» Seria uma infamia vir lembrar-lhe uma palavra proferida no momento mais exaltado da paixão, para perdel-a por um capricho. Não vale essa promessa. Agora ainda quer a flôr?

— Oh, não! não! — accudiu a condessa represando as lagrimas que lhe inundavam os olhos scintillantes, — Eu não sei o que quero agora! Ninguem podia fallar-me assim a não ser... Fale-me, eu estou conhecendo esta voz! É impossivel que não seja! Não sabe como é horrivel esta incerteza. Não o julgo capaz de atraiçoar-me! Erga uma ponta da mascara, deixe-me vêl-o, a mim só, e fico descansada.

— Eu não podia atraiçoal-a, nem mentir-lhe. Sou quem imagina; vim para vêl-a pela ultima vez, porque me sinto acabar; estão contados os dias da minha vida; passo com as folhas d'este inverno. Bem o conheço, e resigno-me. Não pensei que o primeiro amor que se tem na vida poderia ser tão funesto.

— Oh, não falle assim, que me mata! Eu tenho remorsos de não ter luctado mais tempo; não tive culpa; minha familia quiz a minha infelicidade, Eu amo-o porque não sabe accusar-me. Quero vêl-o! já que não é possivel mais. Tire por um instante a mascara. É o que ouso pedir-lhe.

— Eu tenho medo de arrarcar a mascara; está pregada com o suor frio que me escorre da fronte. Para que me quer vêr? Estou tão demudado! Não sou o mesmo. Deve ter horror de mim; estou quasi esqueleto.

— Por um instante só! quero vêl-o, afaste um pouco a mascara. — N'este instante a condessa voltou a face de aterrada. Contemplou de relance os estragos que uma dôr lenta fizera sobre as faces tão animadas que primeiro reflectiam os seus primeiros rubores. Fez um esforço inaudito para suster-se; a mascara de setim deu-lhe novamente o braço e foi sental-a no mesmo logar onde tinha caído a rosa da grinalda; depois segredou-lhe umas palavras de abnegação e bondade:

— Esta rosa é a primeira que hade reflorir sobre o meu sepulchro. — E saiu; a noite ia remota; os alvores da madrugada luctavam com as luzes baças das salas, o acordar da natureza com o ruido vertiginoso da festa; o tedio e o cansaço traziam a desanimação, como acaba sempre o baile mais esplendido.

III

Apezar da impertinencia de rachytico e da estupidez vinculada na sua descendencia, o conde tratava perfeitamente sua mulher. A causa d'este respeito provinha da desegualdade, da força de intelligencia, da graça com que ella se tornava inte-

ressante para todos. Admiravam-n'a, e esta veneração reflectia-se um pouco sobre o marido. O conde sentia que sua mulher lhe dava a importancia que não tinha por si, e respeitava-a tambem.

A alegria com que ella andava! Sentia-se mãe, tinha vontade de amar. Dera-lhe Deus um filho, uma alma para o seu amor. Parecia-lhe que ao beijal-o, ao tel-o sobre os joelhos, se esquecia de tudo, de um passado feliz, de uma união forçada, do vasio da existencia, mesmo d'aquella noite ligeira, em que contemplou as ruinas que fizera, e que lhe deixou recordações pungentes, infinitas. Depois, a lembrança do passado amor, o primeiro, o puro, o intimo, vinha unir-se a esta idéa risonha de ser mãe, que a fazia esquecer-se de tudo! Pobre mãe! O conde preoccupave-se apenas com a existencia de um herdeiro. Era o que bastava. Almas vis que destroem o que ha de mais santo na vida pelo interesse mercenario! Doente, no seu amor a mãe sentia-se cada vez mais compassiva; lembrava-lhe a rosa que lhe tinha caido do cabello, o cavalleiro que lhe fizera a despedida para o sepulchro, e esta saudade começou vagarosamente a influir, a exercer uma acção mysteriosa sobre o feto. Não é estranho este phenomeno maravilhoso em physiologia. O segredo da callipedia das mães gregas consistia em contemplar estatuas admiraveis cuja belleza se reflectia depois nos filhos.

Passados mezes veiu á luz a criança. O conde

andava louco com o nascimento do filho. A' medida que os traços da physionomía se iam precisando, a criança parecia-se menos com o conde; elle começou a observar isto. Não se atrevia a fazer uma accusação. Era impossivel. Depois as desconfianças tomaram corpo em sua alma, quando viu que a creança se parecia muito, muito com o rival, que preterira. Com a malignidade acintosa de achacado, foi torturando com esta atrocidade a tranquilidade de sua esposa. Ella, quanto mais se refugiava no passado, tanto mais via o filho represental-o diante dos seus olhos. Não sabia defender-se; a innocencia não se preoccupa com argucias, não quiz resistir, e deixou-se vergar pela dôr. Foi a definhar-se lentamente no soffrimento mudo d'esta impia injustiça. Assim a rosa que refloriu sobre um sepulchro que impensadamente abrira, veiu cahir desfolhada pelas virações da tarde sobre a terra fresca que acabava de a cobrir.

A rosa de Sáron

(POEMA EM PROSA)

I

Era noite; o som do *sino corrido* ecoára pela Judiaria; emmudeceu como se as passadas lentas de um convidado de pedra troassem no meio das risadas de um festim. A alegria e o ruido do trabalho suspenderam-se; os mesteiraes e homens de officio fecharam as portas; os christãos, odiando a raça maldita, separaram-se, deixando-a ao medo da noite. Então na pequena casa do judeu accende-se a luz do lar; cansado de receber insultos durante o dia, de vêr em roda de si a vileza e a traição, a lei e o fanatismo a ameaçal-o, esquece por um instante os planos da sua industria, os recursos com que produz o ouro e os capitaes com que hade comprar a sua segurança, e entra no fóco mais intimo da familia. Entra prostrado,

banha-lhe o suor as faces, traz o desgosto pintado na fronte encanecida, vem afadigado das longas migrações, amedrontado pelos terrores das grandes crises do estado; ao asylar-se no remanso da casa, entra como o errante do deserto em um oásis desconhecido; o semblante tranquillo da esposa lembra-lhe o typo de Esther, da Sulamite, de Débora, da Sibylla palestiniana, e abraça-a com a sofreguidão com que umas fauces resequidas se dessedentam em uma nascente viva. Vêm depois os filhos, debruçam-se-lhe dos hombros, prendem-se-lhe ás pernas, enlaçam-se em volta do corpo, e n'essa hora o judeu sente-se outra vez forte para todas as luctas, para todos os opprobrios, para todos os vexames, com alma para affrontar a miseria e o queimadero. Falla das tradições de Israel, da sua migração através dos seculos, da terra promettida, e do Messias, não o idolo papal que se impõe pela fogueira, mas a boa nova da egualdade e da liberdade humana.

II

Na Judiaria, habitava um velho negociante de joias e pedrarias; quando algum potentado casava, mandava sempre ali escolher o presente de noiva, a compra de corpo, o dom da manhã. Elle tinha as pérolas das mais lindas do fundo *do mar;* as rochas mais encantadas do Oriente

tinham entregues ao joalheiro os brilhantes facetados da agua mais limpida; topazios, esmeraldas, adereces, diademas, nunca o thesouro da Senhoria de Veneza reuniu riquezas de tanto gosto e primor. Viera de Hespanha, no tempo da grande expulsão dos judeus por Fernando e Isabel; o facho de Torquemada allumiou-lhe o caminho de Portugal, terra da tolerancia e da paz. O clima, o ár, a doçura do céo, lembram-lhe o Oriente; elle ama como filho a boa terra luzitana. Voltava do trabalho á hora do sino corrido; deixava o thesouro que faria a inveja de bastantes thronos, mas vinha vêr outro thesouro, o mais querido, e extremecido — uma filha de quinze annos. Chamava-lhe o bago das vinhas de Engadhi; chamava-lhe a Rosa das campinas de Sáron, irmã gemea da filha de Jephté, pura como Débora, deslumbrante como a Sulamite.

III

O pae entrara para casa; veiu a filha abraçal-o quasi á porta. Se o bom do velho não recearia que lhe descobrissem essa flôr escondida! Esperava-o a tranquillidade do lar; os risos e folguedos das outras crianças faziam-lhe esquecer os apupos e maldições da gentalha. Jogral de um povo rude, o lar tornava-o um patriarcha, um levita, sacrosanto como Moysés descendo o Mon-

te do Senhor. Sentou-se de cansado. Tinha perto de si o *Guemára;* ao lado vem assentar-se a filha, Ebla, assim chamada do nome da Lua, como conta o velho *Livro de Enoch.* Ebla falloulhe:

— Nunca mais tornaremos a vêr Sião, e os tumulos dos prophetas? nem escutaremos o susurro dos nossos rios?

O pae, emquanto as outras crianças brincavam, poisou o dedo sobre o verso do *Guemára*, volveu-lhe um sorriso doloroso.

—Virgem do côro das donzellas de Sião, os nossos filhos continuam a nossa existencia na terra; assim como o castigo vem dos paes sobre a cabeça dos filhos, o Senhor tambem recompensa nos filhos os bens que os paes tiverem merecido. Ha quantos seculos andamos longe de Sião bemdita; eu sinto que os meus não pisarão o solo da terra promettida; mas vejo-te ao meu lado, como a flôr que brota de uma ruina; eu não poderei entrar na Cidade dos prophetas, serei como Moysés no alto do Abarim; mas o Senhor deu-me uma esperança, fez-te nascer em meu lar, filha. Assim o fanatismo e a atrocidade me não arranquem a vida. Uma noite, eras tu ainda pequenina, em Toledo; a noite ia escura e carregada, chovia, cruzavam-se os raios. Soôu na Judiaria uma voz sinistra: A's onze horas do sino da Cathedral, a hora em que deviamos abraçar a religião de Christo, seriamos lançados nas fogueiras das praças ou abandonar para sempre a for-

mosissima terra de Hespanha. Os meus thesouros lá ficaram, e dei-me por feliz em trazer-te commigo. Portugal anda entregue ás descobertas e aventuras do mar; os odios de raça ainda cá não tinham sido exaltados pela classe dos tonsurados. Trouxe-te ao collo, e tu me deste animação e alento na fugida.

— O' meu pae, accudiu Ebla, passou hoje pela nossa porta uma cigana, cantando romances e siguidilhas de Hespanha, e pedi-lhe para ella cantar...

— E que ouviste? interrompeu o judeu aterrado.

— Ella contou-me que el-rei D. Manoel vae em breve casar com a filha de Fernando e Isabel a Catholica, e que ella só acceita a mão de esposo com a condição de desterrar para sempre os judeus para fóra de Portugal. E acompanhava a noticia com a cantiga castelhana:

Ea! Judios
á enfardelar!...
los Reyes mandan
passar la mar.

O velho judeu ficou assombrado; fechou o *Guemára,* e repousou a cabeça sobre o livro. De repente sentiu-se eccoar pela Mouraria o som secco e repetido de uma matraca, e de espaço a espaço, a voz do pregoeiro dás justiças, bradar:

«Ordem d'el-rei para os judeus de Lisboa se apresentarem na alvorada com uma dança ju-

denga, guisos, touras e guinolas, para irem receber o séquito da nova rainha. Soffrerá pena de morte o que levar armas comsigo. O rabbi da Judiaria irá na frente das dansas.»

Debaixo das janellas do velho judeu soaram estas palavras. O canto da cigana revelado pela filha lembrou-lhe um presagio funesto.

— Patriarcha no lar e truão nas ruas! cumpra-se o destino a troco da paz. — E levantou-se com o aspecto venerando de sacerdote magno, e foi sacudir a sua vestimenta de guisos, procurar a palheta, emquanto esperava o toque da alvorada.

IV

Lisboa tumultuava em festa immensa; arcos e flôres, salvas de artilheria, estandartes, musicas, annunciavam o dia da chegada da infanta D. Isabel, mulher do monarcha Venturoso. Já se sentia o estrépito do cortejo real; pelas portas da cidade vem entrando as dansas dos mesteiraes. Primeiro, vinha a *Folia,* com gaitas e pandeiros á velha portugueza, dansando em volta de um tambor; trazem guizos nos pés, cantam letrilhas de folgar e sainetes galantes; os guizos dos artelhos no reteninte som confundem as coplas. Com gentil ademan no ár volteiam lenços acenando. Vinha depois a *Carraquisca*, a dansa dos barqueiros e mareantes dos galeões do Tejo; trazem

andando um balanço que imita um bambula dos pretos, aprendido lá nas conquistas. Vae passando a *Cativa*, uma outra dansa de agrilhoados mouros, bailando aos modos da Salé, vão confessando preito á nova rainha. Já vem perto a *Gitana*, toda feita de ranchos de raparigas vestidas de variegados pannos, cintos de ouro e vermelho; voam-lhes as roupagens com o vento cruzando facas entre si, ao doce baylo da *Mourisca*, que os sentidos fez perder com a trisca dos volteios. Eis que chega tambem a *Dansa judenga!* Os apupos do povo alevantaram-se furiosos chamando-lhes traidores; as vaias e as pedradas eram pelo ár sem conto; a plebe desenfreada atira-se de roldão sobre a *judenga* ao entrar da cidade, e abafam as queixas dos opprimidos com risadas. Vinha na frente o velho Rabbi, dirigindo a guinola e toura, quando um malvado lhe arrepella as barbas brancas. Os olhos do veneravel velho chamejaram de indignação e vergonha; levantou a palheta de bobo que bamboava nos ares, e descarregou-a na cabeça do atrevido, com a mesma altivez de animo do velho Consul da cadeira curul. O villão cahiu por terra e lá ficou calcado aos pés da multidão que se atropellava e ruía furibunda sobre a desgraçada dansa judenga. O velho Rabbi fugiu a todo o custo; a multidão precipita-se apoz elle; gritando, chamando-lhe réfece assassino. A noite vinha descendo, e protegido pelas sombras do crepusculo se ia livrando dos golpes que lhe atiravam.

O velho ia quasi exhausto, a turba que o perseguia ia rareando apoz elle; já poucos o seguiam; mais um esforço, e ficaria salvo; as pernas parecem falhar-lhe, falta-lhe o ar; sente vontade de atirar-se ao chão e deixar-se retalhar. Mas um raio de luz e de vigor lhe atravessou o espirito; lembrara-se de Ebla, de sua filha!

Ia o velho Rabbi a entrar já na Judiaria, estava quasi á porta de casa quando um dos poucos populares que ainda vinha atraz d'elle lhe deitou a mão. Inesperadamente veiu-lhe um soccorro imprevisto; um donzel do séquito do principe Dom Affonso, e que andava ainda triste com a morte do seu joven amigo, sentiu um impulso do bem e defendeu o velho judeu. Desembainhou a espada e os populares retiraram-se. O Rabbi bateu á porta; abriram. A' luz de um candil viu o moço cavalleiro a cara mais linda de nazarena, os olhos mais languidos que não teria a Sulamite; o sorriso mais puro, a graça, a meiguice, a expressão de Quirub. Que contraste! na rua o genio do mal a seguil-o, em casa o anjo da candura a allumial-o, a inspirar-lhe serenidade.

O velho Rabbi vinha ensanguentado e roto; ao receber o abraço de Ebla tirou-lhe do pescoço um colar de perolas, e veio dal-o ao desconhecido. O moço cavalleiro beijou-o, e tornou-o a entregar.

— Quem és, que te mostras tão generoso e cavalleiro? perguntou o Rabbi.

— Dom Tello; e adeos!

O moço cavalleiro perdeu-se na sombra da noite; ai d'elle se a essa hora entrasse em casa do judeu; a lei era implacavel; condemnava-o á pena do fogo.

O velho Rabbi sentou-se offegante, com a cabeça encostada aos hombros da filha. Quiz começar a fallar-lhe mas as lagrimas e os soluços irrompiam frequentes. Alfim, pode ligar as palavras e contar-lhe o succedido.

— Oh meu pae; parece que os nossos desastres não acabaram aqui. Hoje passou rente á gelosia uma cigana, e parou a cantar, e dizia que el-rei D. Manuel casando com a infanta de Castella, a primeira promessa do seu dote era tirar aos judeus os filhos de menos de quatorze annos, e baptisal-os á força, e matar os mais velhos e pol-os fóra de Portugal...

— Filha, é o céo que manda esse aviso; tu foste a minha providencia.

E desceu a um subterraneo da casa, e lá se entreteve sósinho dispondo as suas riquezas para a hora da expulsão.

Ebla ficára por instantes só; revolvia na mente o dito da cigana; nas cantigas a cigana disseralhe mais cousas: Que um cavalleiro moço e formoso a adorava; que por ella seria capaz de abandonar a religião em que nascera e seguil-a até aos confins do universo. E que se um dia visse um moço trigueiro, de bigode preto e olhos vivos, faiscantes, era D. Tello, aquelle que a

adorava. Ebla atou na mente esta lembrança; lembrou-se que Tello, o moço cavalleiro acabava n'esse instante de salvar o pae. Nasceu-lhe na alma um amor repentino; veiu-lhe uma vontade de vêl-o, de lhe fallar; notou a generosidade de não acceitar mas beijar o collar de pérolas. Solícita e a medo assomou á gelosia; a luz do candil reflectiu-se fóra, através das grades da adufa. Sentiu uns passos na rua, depois uma voz mansa e suave que proferiu no silencio da noite:

— Ebla!

Estes sons entraram na alma da donzella; e obedecendo á fascinação d'aquella voz, lançou a cabeça de fóra. Viu na sombra um vulto, que a irradiação lhe illuminou como a imagem vaga descripta no cantar da cigana. Aquella voz, como vibrada por um verdadeiro amor, disse-lhe com o imperio de uma vontade irresistivel:

— Vem.

Ebla desceu em cabello, e sentiu-se envolver em um abraço apaixonado, vehemente, expressivo. Era a primeira vez que sentia o amor. Deixou-se levar sem saber porque, nem para onde.

N'aquella noite, com as festas do casamento de el-rei D. Manuel, as portas da Judiaria ficaram abertas. Ebla e D. Tello afundavam-se na escuridão da noite, quando entra na Judiaria um tropel immenso de homens de armas e de cavallo; ia na frente o alcaide da justiça. Ao som de *uma matraca* restabelecera-se o silencio, e pela

escuridão sombria e soturna da Judiaria soava uma voz sinistra, como de sentença:

«Pregão d'el-rei D. Manoel, para os judeus, ao toque da alvorada, embarcarem para fóra de Lisboa, sob pena de morte.»

A palavra morte accendia na multidão um enthusiasmo frenetico que apupava, ameaçava e esbravejava cantando entre risos alvares:

Ea! Judios
á enfardelar!...
los Reyes mandan
passar la mar.

A'quelle grito sinistro, toda a judiaria se levantou em pezo; do fundo do seu subterraneo saiu o velho Rabbi, solicito, temeroso, mas constante. Ouviu proferir a sentença ominosa. Chamou por sua filha, e foi accordar as outras crianças que dormiam; a mulher voltou apressada do pé dos thesouros. Tornaram a chamar por Ebla; o grande ruido das ruas e da multidão nada deixava perceber. Chamou por Ebla com uma afflicção de morte; viram a porta aberta; multidão de gente que tripudiava, lançando fogo ás casas. O velho pae parecia um leão ferido.

—A maldição d'esta raça caiu inteira sobre mim. Perdi tudo ao levarem-me essa filha. A minha condemnação, a minha morte para salval-a. Se ha no mundo alguma força superior, que seja o destino das cousas, Jahvé ou Jesus, acaso ou as potencias do inferno, conjuro tudo

sacrifico-lhe a minha vida, a minha sorte pelo apparecimento d'Ebla. De que vale todo esse ouro e pedrarias se perdi Ebla; levaram a minha joia de mais valia, e com ella todas as esperanças e alegrias da minha vida...

Era incomportavel a dôr do velho; ia continuando, frenetico, doido; queria fazer-se christão para procurar a filha, quando eccoou de novo a voz do alcaide da alta justiça:

«Soou agora o toque da alvorada; o incendio lavra já na Judiaria! — Ao embarque, ao embarque nos galeões do Tejo, ou a morte á escolha.»

O velho Rabbi saíu com sua mulher e dois filhos pequenos, levados em tropel confuso e lamentos para o Tejo, aonde se enchiam os galeões de Hollanda, e resoava o ecco lugubre:

los Reyes mandan
passar la mar.

Os quatro filhos d'Aymon

(CONTO DO CERCO DO PORTO)

HAVIA tres dias que o Marechal Solignac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas; com elles entrara tambem para dentro do cêrco um terrivel inimigo—o cholera-morbus. Aos tiphos, que já devastavam a cidade, veiu ajuntar-se essa nova desolação, para tornar mais completo o triumvirato da morte. De cem pessoas, atacadas diariamente, succumbia um terço. A fome ia conduzindo ao desespero, porque, além das forças inimigas, desde janeiro que os vendavaes bloqueavam a barra. Á falta de carne, os doentes eram sustentados a sôpa de bacalhau; os caldos eram temperados com assucar e aguardente, as camas eram desfeitas para sustento dos cavallos, e, além dos preços dos generos encarecerem,

os mercieiros vendiam falsificações doentias, taes como de azeite e oleo de linhaça, ou de manteiga e sebo. Era preciso luctar com a fome, e em fevereiro começou a distribuir-se uma sopa economica, de um quartilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia acudiram trezentas pessoas, ao segundo dia subiram já a setecentas as rações. Emfim, desde a perda do reducto do Monte de Crasto, que Solignac apenas conservou oito horas, as condições de resistencia da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado o marechal, na sua tentativa de assalto ao Castello do Queijo, em 24 de janeiro, a consequencia desastrosa fez-se logo sentir. O inimigo comprehendeu que, fechando a barra do Porto, venceria o cêrco pela fome. Para isso fortificou quasi toda a costa, e levantou a terrivel bateria de Serralves, que cortava toda a communicação com a Foz. Pelo seu lado, os liberaes reforçaram o reducto da Senhora da Luz e occuparam immediatamente as alturas do Pastelleiro e do Pinhal. Mas a resistencia ia-se tornando cada vez mais inutil, porque além da chuva de granadas que cahiam dia e noite sobre a cidade, além da recrudescencia do cholera, para o qual já não bastava o hospital da Quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possivel apparecer véla alguma no horisonte! Foram quarenta dias desesperados, quarenta dias em que esteve tudo perdido, menos a força moral.

A historia official, subordinada á exacção dos boletins de campanha, não allude a este cyclo dos quarenta dias do principio do anno de 1833, e comtudo n'esse periodo de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de validez moral: todos foram heroes, as mulheres, os velhos. É triste que homens do talento de Garrett e de Herculano, e mesmo generaes que sabiam trocar a espada pela penna, e que foram heroes n'esses grandes dias de sacrificio, se não lembrassem de colligir as sublimes tradições epicas do cêrco do Porto, que ainda casualmente se repetem. Essas tradições vão-se perdendo, como toda a poesia de um povo, que começa a morrer pelo esquecimento do seu passado. Contaremos um d'esses esplendidos episodios, desconhecido dos historiadores, mas conservado ainda na vida burgueza do Porto; pinta-nos o espirito de resistencia em que a cidade se achava, n'esses quarenta dias decisivos.

A 4 de março, as tropas de D. Miguel foram atacar as posições dos liberaes na Foz, seguras de que era já impossivel sustental-as mais tempo; no meio da sua hallucinação, os atacados tomaram a offensiva, e os rebeldes retiraram-se deixando duzentos mortos no campo. D. Pedro, que gastava os seus esforços em conciliar os generaes despeitados, apparecia sempre em todos os momentos de conflicto. Era junto dos soldados, ao pé dos voluntarios burguezes, que elle readquiria confiança e se mostrava alegre, pre-

sentindo o triumpho da causa da liberdade. D. Pedro appareceu na bateria da Luz; foi ahi que se lhe tornou reparavel um velho que elle encontrava sempre vagabundo pelas linhas, nos pontos em que eram renhidos os ataques. Notou que o velho andava desarmado, e observando diligentemente; não pôde deixar de dirigir-se a elle com um interesse e familiaridade em parte provocados pelo seu aspecto venerando e cheio de auctoridade:

—Amigo! que faz você por aqui?

—Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

—Bem; então ande á vontade, se não tem medo das balas.

—Medo das balas? Isso são confeitos de noivado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro gallo cantaria.

—O seu filho, vê-o d'ahi?

—Por ora ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perdel-o; é para ir socegar as mulheres, as irmãs, que sempre estão com cuidado. Querem saber alguma cousa das linhas.

Este dialogo foi interrompido por um toque de carga á baioneta; pode-se imaginar quem trouxe para a cidade a noticia do triumpho. Chegou o terrivel dia 24 de maio; estava acabado de construir o reducto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores 5. N'isto, as tropas inimigas, de dois mil homens, tomaram o reducto das Antas! Era preciso desapossal-as, a *todo o transe*, e de facto não poderam conservar o

reducto além das tres horas da tarde desse dia. Infanteria tres, nove e dez, quarenta lanceiros e um batalhão inglez cumpriram o seu dever; foi uma refrega atroz. O Monte dàs Antas ficou juncado de cadaveres; mais adiante, na Casa Negra, era ainda maior a carnificina.

Foi no combate da retomada das Antas que D. Pedro tornou a encontrar o velho burguez; já lhe haviam dito como se chamava. Era o contraste do ouro, o typo do antigo homem bom, chão e abonado, como o caracterisa a Ordenação do reino; chamava-se Cosme Martins. Assim que D. Pedro deu por elle no tropel, destacou-se dos officiaes, para fallar-lhe:

—Outra vez por aqui, com este fogo?

—Tenho cá outro filho.

—Outro filho? Como se chamam os rapazes?

—Na bateria da Luz está o meu Eduardo, tem dezenove annos feitos.

—Póde bem com a espingarda. E o outro?

—Está aqui nas Antas; é o meu Thomaz, já formado em leis.

Em meio da conversa, D. Pedro foi interrompido por uma d'estas circumstancias que se dão em todo o campo de batalha; vieram contar-lhe como se achara uma carta na algibeira de um morto por onde se sabia que era o major dos realengos de Trancoso. Não se tornaram a vêr, n'esse dia, o velho e D. Pedro.

A sete de abril, descobriu-se a longa estacada feita pelos inimigos desde as primeiras casas de

Paranhos até á Eira do Covêlo. Queriam fortificar-se alli; não havia tempo a perder; era preciso desalojal-os. A artilheria dos liberaes começou a responder desde as nove horas da manhã, e durou o fogo até ás seis horas da tarde. Cruzaram-se as baterias da Gloria, do Pico das Medalhas, do Serio, da Aguardente e de S. Braz. Uma força de mil homens sahiu fôra das linhas, para tomar de assalto o monte do Covêlo, que os inimigos abandonaram. Porém, no dia 10, os miguelistas voltaram, com o intuito de retomar os pontos perdidos, onde os liberaes tinham levantado um reducto em menos de oito horas. Estavam lá dentro apenas duzentos soldados; foram atacados por mais de dois mil dos rebeldes, que chegaram até dez passos de distancia. No meio do fogo, quasi á queima-roupa, jogavam-se os insultos que tornavam mais violento o ataque; de dentro perguntavam aos assaltantes se elles traziam os saccos para a pilhagem da cidade. Foram momentos decisivos: duzentos homens livres poderam esmagar dois mil janizaros.

No meio d'esse implacavel desbarato, andava D. Pedro, e quando tornou a avistar o velho, que estava envolvido em um antigo capote de camelão, sorriu-se para elle, como quem o tomava já como um presagio de felicidade. E emquanto tocava a reunir, D. Pedro foi para elle, esfregando as mãos:

—Olá! bom homem.

—Senhor D. Pedro, elles hoje é que pagaram o vinho.

—E bem pago. Então você tem por cá mais algum filho?

O velho não pôde deixar de alegrar-se com a pergunta maliciosa, e respondeu com uma convicta serenidade:

—Tenho aqui mais outro filho.

—Outro filho, homem! De dois, sei eu.

—Este é o que me ajuda no officio; ficou de hontem para hoje no reducto do Covélo, e já sei que está são como um pêro...

—Parabens, amigo, parabens. Com que então, na bateria da Luz, um; no reducto do Monte das Antas, outro; no Covelo...

—É o meu filho Cosme.

—Ainda tem mais algum?

O velho sorriu-se, com ár de quem busca attenuar uma phrase, que poderia ser tomada como expressão de vaidade:

—Não queria fallar do outro filho, que tenho na bateria do Pico das Medalhas, antes de me encontrar alli com vossa magestade.

—Oh! homem! outro filho?

—E mais que tivesse; esse é o meu Fortunato; e quando não está no fogo da bateria fica de semana, em serviço medico no hospital dos cholericos de S. Pedro de Alcantara.

D. Pedro emmudeceu diante da revelação casual de um tão completo sacrificio. Abraçou o velho, porque não pôde articular palavras, e os

olhos marejaram-se-lhe de lagrimas. Aquella natureza egoista, como a de todos os principes, insensivel á dedicação como o revela a demissão do grande Mousinho da Silveira, foi uma vez tocada pela realidade das cousas. As palavras desinteressadas d'aquelle velho revelaram-lhe que se elle sabia sacrificar-se por uma filha, ninguem, em uma cidade sem muros, cercada por mais de oitenta mil inimigos, dizimada pela peste, apertada pela fome, ameaçada pelo saque, ninguem poupava o seu sangue, porque todos queriam converter a liberdade em um direito. O sacrificio de um pae ficava supplantado pelo sacrificio a uma geração inteira!

Odio de inglez

COMMENTARIOS AO CONTO DO SR. THEOPHILO BRAGA

A adega de Funck

UMA das idéas de que todo o bom artista se possue fortemente, foi de que Hoffmann, apesar da extravagancia das suas composições, não inventava totalmente os typos singulares da sua grotesca e terrivel galeria. Hoffmann, como Callot, Lantara, Heine, Diderot, e Chamisso, accusados de terem creado typos fôra da natureza, extravagantes, impossiveis, e movendo-se n'uma atmosphera puramente ideal, tinha reunidos, ás potentes faculdades creadoras do poeta, todos os finos e preciosos dotes de observação — o apanagio especialissimo da pintura.

Ora Hoffmann foi uma das mais privilegiadas e divinas organisações artistas — por que como todos o sabem excellentemente — foi *maestro,* poeta e pintor.

É possivel que a imaginação singular do narrador allemão preenchesse muitas lacunas dos dramas reaes, de que o seu lapis tomava apontamentos, lhe désse depois uma outra vida mais poetica, mais ideal, mais conforme á sua organisação de visionario, de poeta e caricaturista — e elles

depois apparecessem no seu estranho reportorio sensivelmente transformados e melhorados — como um artista mysanthropo emendando a natureza, e nos seus momentos de máo humor permittindo-se a liberdade de a achar vulgar e imbecil. É possivel, porque todos os verdadeiros artistas têm sentido estas taciturnas horas de mysanthropia incuravel, e este profundissimo desgosto da ordem regular das cousas.

Mas o que é certo é que achamos attestados notaveis tanto nos seus contos como nas suas carteiras, notas secretas, de que Hoffmann era um espirituoso observador, e que não creava — totalmente — as suas composições por muito estranhas què pareçam.

N'um dos mais bellos contos de Theophilo Braga, *A adega de Funck*, n'aquelle dialogo entre o visionario e o amigo, achámos sempre um novo, melancholico e precioso sabor. Baseia-se o conto n'aquelle amor do artista pela novidade dramatica e singular que apresentam certas peripecias vulgares da vida real. Hoffmann mostra-se possuido da idéa de escrever um conto fundado n'uma aventura sinistra de um homem a quem a mulher confessa, na hora cheia de lagrimas da agonia, de o haver trahido, e a que elle retribue successivamente com a fria e medonha confissão de a *hacer envenenado*.

Ora nós, na distracção solitaria do nosso gabinete, folheando ha pouco um livro curioso pela sua notavel excentricidade, de Emilio Colombey, — encontrámos a sinistra historia, que tanto impressionou o nervoso narrador allemão.

Emilio Colombey diz haver extrahido a noticia, que nos impressionou tambem, das columnas da *Gazeta dos Tribunaes*, de 1795.

Vamos dar alguns pormenores sobre esta historia colhidos no livro de Colombey, que servirão como de curiosa nota ao conto phantastico de Theophilo Braga; — os leitores de apurado gosto litterario acharão prazer em conhecer a aventura terrivel. —

«O auctor d'esse assassinio mysterioso, diz a *Gazeta dos Tribunaes*, — depois de descrever o homicidio de um official de marinha ingleza que se affastava rapidamente n'um escaler de guerra, o *Penguim*, no canal de S. Jorge, — o auctor d'esse assassinio singular, pertencia a uma das mais antigas e illustres familias inglezas. Chamava-se lord A... e gosava no condado de Tifferay de todos os privilegios inherentes ainda á auctoridade feudal. Os sentimentos que lhe votavam, tambem, eram geralmente, mais do terror que os da amizade; porque era bem notorio que o lord, no seu odio pela Irlanda, não tinha retrogradado muito aos tempos da Rosa Vermelha e da Rosa Branca, e que não era por falta de vontade que os irlandezes não eram tratados tão deshumanamente como sob Henrique VII, quando conquistou aquella ilha e lançou as bases da legislação atroz que devia pesar sem interrupção sobre esta nação humilhada.

Não era voluntariamente, tambem, que lord A... viera estabelecer-se na Irlanda, depois de haver sido por muito tempo em Londres um dos *dandys* mais requintados do Regent Street e de Piccadilly : tinha-lhe cabido em herança um vasto dominio no condado de Tipperary. Mas o testamento do legatario tinha uma clausula pela qual se estabelecia que este não poderia ser senhor do dito dominio, senão com a condição de o habitar perpetuamente. O lord inglez, que estava longe de possuir uma fortuna correspondente á illustração do seu nascimento e ao seu amor do luxo, viu-se na necessidade de subjugar-se a esta extravagante exigencia.

A antipathia hereditaria que tinha á Irlanda mais se aggravou com esta restricção, e o seu humor, naturalmente melancholico, tornou-se sombrio e feroz. Comtudo, como era rico, e ligado a uma dama caritativa e formosa, que, afinal de contas, semeava em torno de si o dinheiro com uma rara profusão, a opinião publica mostrava-se paciente e attribuia, não sem razão talvez, as frias violencias e os excessos sem paixão a que se deixava levar, á originalidade do seu caracter.

Lord A. seguido de um doutor que fôra chamar,—porque mal acabara de commetter o assassinio fôra chamar um medico para assistir a lady que se achava agonisando, — Lord A. seguido do doutor, atravessou silenciosamente o seu dominio, embrenhou-se no campo, e subiu com passo firme o caminho em declive que conduzia á entrada do castello senhorial.

O cuidado que se havia tomado de estender por todos os corredores uma espessa cama de palha e feno, a physionomia alterada dos creados que atravessavam machinalmente as camaras e os corredores, como para fugirem a um indomavel terror, emfim os gritos dilacerantes que quebravam, por intervallos, o profundo e frio silencio que reinava n'aquella casa, affirmavam sufficientemente que se estava representando ali uma scena de agonia.

Lord A. sem se dignar dirigir uma palavra aos creados, penetrou no quarto d'onde partiam os gemidos desesperados. Uma mulher extremamente nova ainda e de uma physionomia das mais seductoras, estava estendida n'um leito, na attitude de um soffrimento incrivel; os longos cabellos loiros desmanchados envolviam-a toda; corria-lhe o suor do rosto; e o corpo abalado de estremecimentos convulsivos retrahia-se sobre si mesmo a intervallos, com uma horrivel flexibilidade.

O lord parou a este espectaculo. A doente ouvira-lhe o ruido dos passos e pronunciára o seu nome: fixou n'elle um olhar desvairado com uma indefinivel expressão de dôr, e voltando-se para o medico, que se conservava ao pé do leito n'uma immobilidade contemplativa, bradou-lhe n'uma voz sonora que não admittia hesitação nem recusa:

—Não tendes nada aqui que fazer, senhor, sahi!

O medico parecia indeciso, e cheio de duvidas terriveis: no emtanto não tratou de se oppôr a esta ordem, porque um simples olhar bastou-lhe para comprehender que lady A... estava perdida. Todavia pegou no mão da doente, baixou-se para vel-a melhor, e não poude ser senhor de um estremecimento, observando que as unhas d'aquella mão, já li-

vida, estavam mosqueadas de pequenas nodoas negras. Assim que saiu do quarto, lady A... fez um signal ao lord de approximar-se, e opprimindo-lhe o braço com uma força cheia de paixão:

— Mylord, esperava-vos para morrer, não chameis ninguem, não invoqueis soccorro algum, o mal é irremediavel, o doutor bem o percebeu: viste-o!

Abafou no travesseiro os soluços involuntarios que lhe arrancava o soffrimento, e ajuntou:

«Ouvi, mylord; — uma pobre mulher á morte, que succumbe ás mais atrozes torturas, tem direito, talvez, a alguma indulgencia. Rasgae, oh! rasgae por um momento o manto de frieza com que vos cobris... por que tenho um favor supremo a solicitar-vos, uma confissão dilacerante a fazer-vos... Eduardo, lady A... acha-se criminosa, bastante criminosa para comvosco. Durante a vossa ultima estada em Londres, um homem, que na mocidade amei, aproveitou-se do isolamento em que me achava pela vossa ausencia, para despertar com suas palavras, em mim, recordações mal extinguidas. Que mais direi? Não vos achaveis aqui para me defenderdes da minha fraqueza, para me proteger contra o meu coração, succumbi... E' isto o que vos quiz confessar antes de descer ao sepulchro, e o que me causa dôres mais atrozes do que as da agonia. Sêde clemente, mylord!... A expiação succedeu logo á culpa. Sinto arderem-me as entranhas. Deus encarregou-se de vos vingar!

«Lord A. escutára esta confissão solemne da moribunda com uma attenção grave e recolhida. Os seus gestos em perfeita immobilidade, não deixavam transparecer colera, espanto ou piedade. Contentou-se só em apertar a mão da moribunda que procurava a sua.

«Surpreza com este silencio, lady A... por um violento esforço tratou de se levantar no leito, e encarou fixamente o marido, procurando vêr se lhe lia nos olhos o seu pensamento mais secreto.

— Depressa, mylord, soluçou ella, — um derradeiro beijo; o beijo do perdão. E' quasi n'uma morta que o dões!

— Eu sabia tudo, e perdôo-vos, — respondeu o lord sem se commover. Mas, lady, a vosso turno, tendes tambem que me conceder um perdão: fui eu que vos envenenei.

«E ajuntou com o mesmo sangue frio:

— Quanto ao vosso amante matei-o esta manhã nas margens do canal de S. Jorge.

Uma exclamação de horrivel espanto, um grito de odio selvagem succedeu a esta dupla revelação, atirada de um modo tão calmo no meio de uma tão dolorosa agonia.

Sempre senhor de si, lord A. não abandonou a cabeça da moribunda em quanto esta não exhalou o derradeiro suspiro.

Depois de lhe ter emfim coberto a cabeça com o lençol mortuario, pegou no castiçal que havia illuminado esta scena lugubre e subiu ao andar superior onde estavam situados os seus aposentos particulares. Ao affastar-se d'aquelles tristes logares, teve o cuidado de ir fechando as portas dos diversos quartos por onde atravessava, de lhes tirar as chaves e ir correndo todos os ferrolhos, atraz de si, sem excepção de algum.

Ninguem teria podido suspeitar, nem da sua attitude firme, nem dos seus gestos fleugmaticos, um indicio qualquer da mais leve agitação; e se por acaso o temor ou o remorso lhe agitavam surdamente o coração, esforçava-se por occultal-o a si mesmo.

Durante toda a noite viu-se brilhar uma luz no quarto de dormir do lord; não chamou creado algum, e reinou sempre o mais profundo silencio n'esta parte do castello.

No outro dia pela manhã o creado de quarto do lord tentou debalde penetrar nos aposentos, e, cheio de inquietação, mandou chamar os *constables* e os *policemen*. As portas foram abertas pela força armada, e quando entraram poderam ver então o lord estendido em cima de um tapete e banhado em sangue.

Uma expressão de ironia convulsiva era a unica cousa que a morte lhe deixara impressa na physionomia decomposta. Sem perder cousa alguma do sangue frio estoico de *que os suicidas* inglezes teem offerecido até hoje tão espan-

tosos exemplos, o lord havia-se degolado com uma navalha de barba, e havia separado de um unico golpe, com uma força incrivel e com a mais sinistra habilidade a secção da arteria carotida.

A vella, quasi toda consummida, ardia ainda sobre a mesa, onde estava collocado, no logar mais visivel, um papel, lacrado e sellado com as armas do lord e com esta epigraphe escripta certamente por um punho firme e seguro:

Testamento de lord A... fallecido em C... a 7 d'outubro de 1795

Este papel, depois de aberto, indicava o *spleen* feroz que roía o lord, e o odio cego que elle votára á desgraçada Irlanda:

«Eu deixo e lego a somma annual de dez libras esterlinas para serem pagas, perpetuamente, pelos meus successores; essa somma, tal é a minha vontade e o meu gosto, será empregada em comprar um certo licor, chamado vulgarmente *wiskey;* e fazer-se-ha saber ao publico que este licor deve ser distribuido a um certo numero de particulares irlandezes, sómente, cujo numero não poderá ser superior a vinte; e deverão ajuntar-se no cemiterio em que eu hei de ser enterrado. Ahi deverá ser entregue a cada um, um bordão de carvalho e uma faca, e, assim armados, começará a ser distribuido um quartilho de *wiskey* a cada um, até que toda a ração seja consummida, e é minha vontade que isto tenha logar todos os annos a 17 de março ou a 10 de outubro.

«A razão por que assim determino isto é para que os habitantes grosseiros da Irlanda, cada vez que se juntem, nunca lhes escasseiem armas para se destruirem; e por isso quiz tomar o meio mais efficaz de os reunir, na esperança que com o tempo chegarão a despovoar por suas proprias mãos o seu paiz, que se poderá tornar a povoar depois com uma raça civilisada vinda de Inglaterra.»

Aqui termina a estranha noticia dada pela *Gazeta dos Tribunaes*, que extrahimos do livro de Colombey.

Ora Hoffmann é muito provavel que houvesse lido o celebre jornal, que trazia sempre dramas muito notaveis por aquelles tempos tão agitados de 1795, e muito mais notaveis especialmente para aquella imaginação ardente do poeta allemão: pois que é certo que na sua carteira existiam muitos outros apontamentos como este; ou a que Hoffmann não tinha achado no seu espirito a fórma especial em que os devia moldar; ou porque novas phantasias de visionario o impediam.

Muitos dos seus contos tinham sido achados na conversa dos amigos, nos jornaes, na rua e nas obras dos auctores que lia. Juntamente com este drama, este terrivel conto em embryão — que Theophilo Braga faz tão bem perseguir a imaginação doente do artista n'uma noite chuvosa, á luz crepuscular de uma lampada, n'uma adega subterranea—juntamente com este apontamento, estava outro colhido no *Diabo coxo*, de Lesage. O assumpto devia ser um demonio perseguidor e conselheiro. E com estes mais...

O que Hoffmann faria com este terrivel incidente, colhido na *Gazeta dos Tribunaes*, ou talvez na transcripção dos jornaes allemães, deixo-o suppôr áquelles que teem admirado as visões terriveis do allemão.— Talvez um conto cheio de phantastica tristeza, como o D. Juan ou o Morgado ?!...

GOMES LEAL.

NOTA. — O livro d'onde extrahimos este commentario ácerca do bello conto de Theophilo Braga intitula-se *Les originaux de la dernière heure*. Citamol-o aqui para não fazermos como certos histriões lentejoulados das letras, cujos plagiatos são em tão grande numero como as obras, e para os quaes será um dia terrivel aquelle em que se lhe desafivellar a mascara da consciencia cancerosa e em que se proceder a *excavações* nas suas obras.

G. L.

(*Da Tribuna*, n.os 8, 9 e 10, de 1874).

ADDITAMENTO

Carta a José Fontana

(DA 1.ª EDIÇÃO)

Meu caro editor

DISSE-ME que esperava um prologo, para começar a publicação dos *Contos;* lembrou-me escrever-lhe um capitulo de esthetica sobre esta fórma litteraria. O publico não gosta de abstracções. Por minha vontade desistia do promettido; limito-me porém a algumas considerações historicas.

A fórma do *conto* é de origem oriental. As fabulas de Bidpaï foram o primeiro ensaio para fazer sentir uma moralidade abstracta por meio de uma ficção interessante. É pelo seculo XII que esta creação do genio do oriente apparece na Europa, imitada na *Disciplina clericalis* de Moysés Sephardi, conhecido depois da sua conversão ao christianismo com o nome de Petrus Alphonsus. A *Disciplina clericalis*, escripta em latim barbaro, para ensino dos clerigos, compõe-se de trinta e sete contos e apophtegmas, que o auctor imagina dados por um arabe a seu filho na hora da agonia. A popularidade do livro foi dispondo os animos para a cultura d'esta fórma litteraria.

O *Conde de Lucanor* de D. João Manuel, algumas das ficções do *Gesta Romanorum*, o *Decameron* de Boccacio, os *Contos de Cantorbery*, resentem-se bastante do livro do judeu convertido da Huesca.

Uma creação do genio celtico e germanico é o mundo feérico; elaborada lentamente na phantasia popular, animada n'esses typos de Melusina, Morgane e Urgante, dos trovadores da Edade média, cantada depois nos galanteios de Boiardo e Ariosto, Spencer e Shakespeare, tornou-se o divertimento infantil dos *Contes bleus*, os contos de fadas, colligidos nas *Notte piacevoli* de Straparole, publicadas no seculo XVI, e no *Pentamerone* de Giambattista Basile em 1637.

O conto é a fórma litteraria da lenda. Boccacio no *Decameron*, n'aquellas transições instantaneas do ridiculo ao pathetico, revela uma face profunda da historia, o estado dos espiritos na terrivel peste de 1358. A imaginação era tão perigosa como o contagio; a distracção calculada, o prazer egoista dos jardins de Pampinea, a indifferença, o scepticismo que se desenvolve nas grandes calamidades, só podiam suspendel-a na exageração do terror. Nos contos da Edade média ha uma mistura de devoção e desenvoltura; no *Heptameron* da rainha de Navarra, as aventuras cavalleirosas, as intrigas de amor, os padres e monges seduzindo as noviças, entretecem-se com reflexões moraes, e de *quelque lèçon de la sainte Ecriture*. É a mesma antithese fatal que parodía a exaltação religiosa nos ritos grotescos da egreja. A Edade média retratou-se em todas as suas creações, mesmo nos *fabliaux* e no conto.

O conto é a passagem do fabulario para a linguagem da prosa, ingenua, rude, de uma franqueza maliciosa muitas vezes, e desenvolta. O conto era uma situação inventada para aproveitar um dito feliz, um repente engenhoso dos serões das côrtes e dos castellos; nasceu d'aquelle genio primitivo, com que Froissart narrava a historia.

Demogeot, na sua *Historia da Litteratura franceza*, considera os contos do seculo XVI como alheios ao desenvol-

vimento intellectual; é uma affirmação menos verdadeira por absoluta. A actividade d'este periodo, a fecundidade e originalidade verdadeiramente cahoticas reproduzem-se em Rabelais, o creador de *Gargantua* e *Pantagruel*.

A Renascença com as ficções gregas e romanas desnaturara o conto. No seculo XVII elle torna-se volumoso, arrebicado de galanice e galanteria amaneirada. As attenções tinham refluido sobre os trabalhos philosophicos; ficaram as creações imaginativas em poder das Gamberville, de Scudery, de La Calprenède e quejandos, que as alongaram fastidiosamente com pieguices sentimentaes, por essas séries indefinidas de volumes da *Polexandra*, *Caritea*, *Cytherca*, *Cassandra*, *Pharemundo*, *Ibraim ou o illustre Bassa*, *Artamene ou o grande Cyrus*, *Clelia e Almahide*. Os heroes apaixonados são Anacreonte conversando em amaveis versos, Bruto e Lucrecia, Horacio Cocles e Clelia, movidos pelos interesses da sociedade moderna; a magestade escultural da antiguidade e da historia em presença das pequeninas intrigas amatorias tocára o cumulo do ridiculo!

O movimento, a convulsão philosophica do seculo XVIII apparece tambem no romance e no conto. Lesage escalpelisa a natureza humana, e o *Gil Blas* é a synthese das observações profundas; o abbade Prevost analysa as paixões n'uma lucta intima, recondita, e procura os sentimentos novos que scintillam dos que se embatem e se destroem. *Manon Lescaut* é uma das verdades eternas do sentimento humano, a contradição do que mais se aspira e idealisa, a vontade negando-se, mobilisando-se nos multiplices desejos que tumultuam na alma. Voltaire philosopha tambem nos seus *Contos*. Diderot, sobretudo, a intelligencia mais robusta do seu tempo, mathematico, artista creador pela reflexão e inspiração, reduz ao interesse do conto, á peripecia da acção as verdades mais abstractas. Na assombrosa maravilha de arte, o *Neveu de Rameau*, mostra a maldade disfarçada em virtude pelas conveniencias; todos nos horrorisamos ao vêr alli o nosso retrato;

sentiamos aquillo, mas não tinhamos a coragem, a abnegação para dizel-o. O sobrinho de Rameau mostra-se infame, ao passo que é sublime de razão, porque diz tudo o que pensa. Vê-se agitarem-se n'aquelle cerebro em ebulição todos os processos intellectuaes. Na *Religiosa,* Diderot evoca as dores cruciantes e desconhecidas, soffridas nas trevas por um coração ingenuo, que é o ludibrio do interesse egoista, do fanatismo estupido, e da superioridade brutal. Este conto por si é uma revolução latente. A analyse delicadissima dos pequenos sentimentas que formam a grande lucta na alma da *Religiosa* não é inferior ao quadro do quietismo de Michelet no processo da Cadière, e excede por muitas vezes a profundidade com que Manzoni no *Promessi Sposi* retrata as agonias da desgraçada Genoveva no convento de Monza.

Uma vez descobertos estes segredos do sentimento, o conto deixou de ser individual; o romance é o desenvolvimento de uma these da vida na sociedade. Richardson é a admiração de Diderot; Goëthe descobre Diderot á Allemanha, traduzindo a sua obra prima; elle mesmo isola os sentimentos do amor e o dever no *Werther* e chega pela arte á conclusão logica do suicidio.

Hoffmann, o caricaturista das paixões, de uma individualidade extravagante, nas creações abstractas d'aquella imaginação de hypocondriaco deixa-lhes o incompleto do maravilhoso; mais tarde os editores dão aos seus contos o nome de *phantasticos.* Nos Contos de Hoffmann ha uma série de observações psychologicas, de impressões instinctivas que supprem a falta de imaginação; os seus contos são o diagnostico de uma alma doente. É o lado que os torna apreciaveis, apesar do capricho e grotesco dos typos a que a mente hallucinada dá fórma. Os Contos de Edgar Poë, a imaginação mais extraordinaria da America, têm o phantastico da insolubilidade dos problemas philosophicos que constituem a acção; tocam ás vezes a alta metaphysica. Tendo de transigir com as materialidades da vida, na *esterilidade* da indigencia pede a inspiração ao alcool; elle

sente a excitação lucida que lhe dá a força espantosa da invenção, mas conhece já em si a tremulencia, que é a decomposição inevitavel, e exclama no meio da fadiga — *Não ha peior inimigo do que o alcool!* Edgar Poë é a força da imaginação e do ideal supplantada pelo positivismo de uma sociedade manufactureira e orgulhosa do seu caracter industrial; nos seus Contos ha a allucinação prophetica da doudice.

A fórma do conto é estudada em todas as litteraturas da Europa; trazendo a lume este pequeno trabalho, só nos inspira a boa vontade de corresponder ao movimento que observamos lá fóra. Que mais teriamos a dizer de um livro simples que lhe não desnaturasse a intenção.

Coimbra, 8 de março de 1865.

THEOPHILO BRAGA.